

**REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO E  
GEOGRÁFICO DE GOIÁS**

## INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE GOIAS

Presidente: Prof. Basileu Toledo França

Diretor da Revista: Prof. Luiz Gonzaga de Faria, Secretário Geral

Redatores: Todos os senhores sócios efetivos do Instituto

Aceitamos permutas com publicações  
de cunho cultural.

Rua 82 n.º 455 — centro  
Goiânia — Goiás  
(74.000)

1972

REVISTA  
DO INSTITUTO  
HISTÓRICO E  
GEOGRÁFICO  
DE GOIÁS

1

## INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE GOIÁS

Presidente: Prof. Basileu Toledo França

Diretor da Revista: Prof. Luiz Gonzaga de Faria, Secretário Geral

Redatores: Todos os senhores sócios efetivos do Instituto

Aceitamos permutas com publicações  
de cunho cultural.

Rua 82 n.º 455 — centro  
Goiânia — Goiás  
(74.000)

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE GOIÁS

Professor Doutor Antônio Carlos de Faria

Diretor de Ensino, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Universidade de Goiás

Endereço: Rua de Goiás, nº 100, Centro, Goiânia, Goiás

# **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás**

**n.º 1**

**Dezembro, 1972**

## INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE GOIÁS

Presidente: Prof. Basileu Toledo França

Diretor da Revista: Prof. Luiz Gonzaga de Faria, Secretário Geral

Redatores: Todos os senhores sócios efetivos do Instituto

Aceitamos permutas com publicações  
de cunho cultural.

Rua 82 n.º 455 — centro  
Goiânia — Goiás  
(74.000)

O PRESENTE VOLUME DA REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE GOIÁS, CONSTITUI SUA HOMENAGEM E PARTICIPAÇÃO NAS COMEMORAÇÕES DO SESQUICENTENÁRIO DE NOSSA INDEPENDÊNCIA.

No ano que transcorre, o Brasil integrado no mais vivo sentimento de civismo, comemora o Sesquicentenário de sua Independência.

A alma nacional, empolgada e agradecida, evoca e dignifica através da História a memória dos mártires e dos heróis que jungiram esta grande Terra aos foros de povo livre.

Nem o mais anônimo de seus filhos, mesmo os que mourejam na imensidão quase erma de nossos sertões, deixou de sentir no peito o calor festivo dessas lembranças.

O Instituto Histórico e Geográfico de Goiás, firmado no legítimo propósito de suas mais sagradas atribuições e dever, lança hoje este volume especial de sua Revista, como uma contribuição modesta às brilhantes comemorações do Sesquicentenário de nossa Independência, que se promovem em todoo território nacional.

Constitui esta publicação modesta, a homenagem de nosso Sodalício à data maior de nossa formação política e significa sua real participação na evocação dos fatos que consolidaram os destinos do Brasil no quadro das grandes nações soberanas do mundo.

## APRESENTAÇÃO

---

Fundado a 15 de junho de 1933, o Instituto Histórico e Geográfico de Goiás veio enriquecer o patrimônio cultural de nosso Estado.

De sua elite intelectual saíram os valores que constituíram seu quadro de sócios fundadores, que foi o sêlo de garantia da instituição.

Instalado logo após o ato da fundação, com estatutos adrede elaborados, aprovados e devidamente registrados, o Instituto cresceu e consolidou-se no conceito público da época.

Não marcou passo e continuou brilhantemente sua caminhada.

Com sede vinculada à Capital do Estado, por força de seus Estatutos, a instituição transferiu-se para Goiânia, onde ampliou seu campo de atividades, participando sempre de solenidades cívicas, comemorando condignamente as datas de maior exaltação nacional, através de palestras, conferências ou de realizações condizentes com a finalidade de sua própria existência.

Tão assinalados foram os seus serviços, que o Governo do Estado, numa expressiva manifestação de reconhecimento, dôu à instituição magnífica área nas proximidades do Palácio das Esmeraldas, onde se levantou o edifício-sede do sodalício, integrando hoje, seu valiosíssimo patrimônio imobiliário, ungido e sacramentado como de sua lídima propriedade.

Prosseguindo a rota de suas atividades, marcando época pelo rastro luminoso de sua passagem, o Instituto Histórico e Geográfico de Goiás, mais uma vez, sentiu de perto a atenção do governo goia-

no, através do decreto, publicado em outra página desta revista, reconhecendo-o como de inestimável utilidade pública.

Entretanto, para muitos dos coevos, o Instituto Histórico e Geográfico de Goiás nada mais é do que a sombra do seu passado, lembrado apenas pela vetustez de sua sede, sem arte e sem estilo, situada à Rua 82 nº 455.

Sem indagação e sob certa aparência, razão existe para assim se considerar a existência do nosso sodalício.

A explicação: É que num gesto de compreensão cívica e de desprendimento, o nosso Instituto, numa hora premente para a Universidade Federal de Goiás, cedeu-lhe sua sede para nela funcionar, a título precário, o Centro de Estudos Brasileiros.

Extinto esse Centro, a Universidade, em vez de devolver o prédio a seu dono, continuou a ocupá-lo, agora com o funcionamento do Curso de Geografia e História, então criado.

A utilização do referido edifício seria apenas por alguns meses, fato esse que o Instituto, apesar do sacrifício, considerou, como um gesto altruístico, tal a relevância do serviço a se prestar à cultura em Goiás, num momento aflitivo para seu desenvolvimento.

Entretanto, o uso continuado de sua sede social, a título absolutamente gratuito, durou anos a fio, apesar das constantes reclamações do dono da casa.

O Instituto, à revelia de seus propósitos, curtiu longo e penoso recesso, altamente prejudicial a seus objetivos e à sua própria razão de existir.

Mesmo assim, por força de seus Estatutos vigentes, o Instituto jamais deixou de realizar suas sessões obrigatórias, três vezes ao ano para justificar a perenidade de sua existência jurídica, porém sempre em recintos outros, geralmente cedidos por simples cortezia, à instituição.

Finda essa epopéia, o Instituto sentiu-se aliviado e, ao mesmo tempo, rejubilado, por ter prestado tão valioso serviço à causa do ensino superior, em Goiás, sobretudo no campo da História e da Geografia.

Como uma nova Fenix, o Instituto Histórico e Geográfico de Goiás pareceu ressurgir de suas próprias cinzas, mas, na verdade, o Instituto não morreu: atravessou, apenas uma longa e melancólica fase de intermitência nas suas atividades, mas jamais abriu mãos de seus direitos e nem de suas lídimas prerrogativas.

Senhor, novamente, de sua sede própria, o Instituto, então revigorado e com seu quadro social enriquecido por companheiros

de reconhecido valor, vem, sem alarde e sem clarinada, retornando ativamente aos tempos movimentados de seu brilhante passado.

Este novo período de sua vida, o Instituto começou a vivê-lo num verdadeiro "Tonel de Diógenes": sem móveis, sem dinheiro e sem gente para serviços, na sede social.

A luta começou e grandes conquistas se fizeram.

Dois estabelecimentos de crédito, espíritos de reconhecida filantropia e seus sócios efetivos contribuíram com algum numerário em espécie, e a instituição pôde, pelo menos em parte, recuperar-se, e assim ter condições para funcionar na sua própria casa, embora ainda sentindo a carência natural até de utilidades indispensáveis para melhor prosseguir nos seus trabalhos.

Seu auditório foi recentemente mobiliado e está em plena condição de ser utilizado, graças aos donativos generosos do sr. Manuel Madruga e dr. Altamiro de Moura Pacheco.

As velhas prateleiras, quase imprestáveis e já carunchadas, foram substituídas por peças novas e mais apresentáveis.

As instalações elétricas, que já ofereciam perigo, foram trocadas e modernizadas.

Mais de três mil volumes de sua biblioteca, inclusive de obras esgotadas e algumas delas de apreciável valor, ainda não foram devidamente catalogados por falta de um bibliotecário entendido em especialidade de tal natureza.

O mesmo acontece com numerosas coleções de jornais antigos, de revistas e de outras publicações de natureza diversa.

Mas tudo está se resolvendo a seu tempo e na hora certa.

Mais uma vez outro gesto digno e louvável do Governo do Estado em benefício do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás: a concessão de uma verba de Cr\$ 20.000,00, que consta do orçamento vigente, cujo processo para seu recebimento está em pleno andamento, quando então a casa dará mais um passo de gigante no caminho de seus altos objetivos.

Isto se deve à elevada compreensão do ilustre e dinâmico Secretário da Educação e Cultura, *Hélio Mauro Umbelino Lobo* e ao beneplácito de S. Excia. Dr. Leonino Caiado, cuja administração vem se revelando à altura do que Goiás hoje significa na vida nacional.

Em suma, eis linhas acima, o que se pode dizer, no momento sobre o Instituto Histórico e Geográfico de Goiás.

Goiânia, novembro de 1972

A Direção

## ÍNDICE

---

Instituto Histórico e Geográfico de Goiás fundado em 1933	13
Antropologia e Medicina	
<i>Antônio Theodoro da Silva Neiva</i>	15
O boi na geografia de Goiás	
<i>Basileu Toledo França</i>	20
Cunha Mattos na vida e na história de Goiás	
<i>Prof. Luiz Gonzaga de Faria</i>	62
História: nova conceituação	
<i>Colemar Natal e Silva</i>	74
Profissão de fé	
<i>Altamiro de Moura Pacheco</i>	77
Um herói da guerra do Paraguai	
<i>Zilda Augusta do Nascimento</i>	81
O filho de volta à terra mãe	97
Anotações históricas sobre a cartografia de Goiás	103
Documentos históricos	107
Quando a literatura é história	
<i>Modesto Gomes</i>	109
Homenagem póstuma	141

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE GOIÁS

FUNDADO EM 1933

Decreto-Lei n.º 2.593 de 21 de novembro de 1939

O Interventor Federal interino, neste Estado, na conformidade do disposto no art. 6 n.º IV do Decreto-lei n.º 1.202 de 8 de abril de 1939:

Considerando que o Instituto Histórico e Geográfico de Goiás, associação científica de duração ilimitada, tendo por objetivo o estudo de história, geografia e etnografia, com Estatutos regularmente votados, registrados, personalidade jurídica, comissões permanentes, em cada um dos ramos de sua atividade, acha-se plenamente organizado, dispondo de sede própria, nesta Capital;

Considerando, como é público e notório que essa associação vem desenvolvendo intenso programa cultural, visando conservar, defender e aumentar o patrimônio histórico do Estado, aprimorando as fontes de sua intelectualidade, nos diversos ramos do saber humano;

Considerando ser de alto relevo para o seu desenvolvimento cultural dispor o Estado de uma entidade, cujo principal objetivo é a guarda do espírito de tradição, indispensável à vida dos povos civilizados,

DECRETA:

*art.* 1.º — Fica o Instituto Histórico e Geográfico de Goiás considerado de utilidade pública.

*art.* 2.º — É concedida para a correspondência postal dessa associação a redução de porte de que goza a correspondência oficial do Estado.

**art. 3.º — Revogam-se as disposições em contrário, entrando o presente dec-lei em vigor na data de sua publicação.**

**Palácio da Interventoria Federal do Estado de Goiás em Goiânia, 21 de novembro de 1939, 51.º da República.**

**as. João Teixeira Alvares Junior.**

**Dr. Vasco dos Reis Gonçalves.**

## ANTROPOLOGIA E MEDICINA

*Antônio Theodoro da Silva Neiva\*\**

Comecemos por formular uma pergunta: Que é Antropologia? Para respondê-la, invoquemos as seguintes palavras de Hegel: “Ainda o pensamento criminoso de um malfeitor possui mais grandeza e nobreza do que os prodígios do céu”. O texto, em apreço, ressalta a preciosidade ou excelência da criatura humana, que, sem sombra de dúvida, é a mais grandiosa obra da criação. A propósito diz Santo Agostinho: “O homem maravilha-se com o inquieto oceano e as belezas do céu, olvidando, no entanto, que, entre todas, ele próprio é a mais maravilhosa das maravilhas”. E não o é pela ligeireza de seus pés, pela força de seus braços, ou pelo fascínio de sua beleza, porquanto muitas criaturas o superam nestes dons. É-o, sim, por sua habilidade criadora e por sua capacidade de conceber e produzir novos modos de vida. Sob o impulso de sua fértil mente cria os instrumentos de artesanão. Graças à sua prodigiosa imaginação elabora diversas formas de estrutura social com o objetivo de satisfazer às exigências, às necessidades de agrupamento, ao interesse de desvendarem os mistérios do universo e à inquietude de seu eu emocional. Desta forma, o homem deve ser estudado por ele próprio, ainda que tal estudo não produza outra recompensa, senão a satisfação da curiosidade indagadora de sua mente, que constitui fator de seu poder. Surge, assim, a Antropologia, que é o estudo do homem são, contrastando com o estudo do homem doente, que é realizado pela Medicina. Mas tal definição demasiado genérica, é imprecisa e deve ser substituída por outra, que contenha todo o objeto definido. O homem é um ser complexo, que possui um corpo material e um es-

pírito racional. Além disto, possui aptidão criadora do mais deslumbrante fenômeno social, que é a cultura. Por tudo isto, há que definir-se Antropologia de modo a significar o estudo do homem em sua dupla natureza. Não satisfaz mesmo defini-la, conforme Kluckhohn, como ciência das semelhanças e diferenças anatômicas e culturais da humanidade. Definindo-a importa também ressaltar o caráter teleológico de seu estudo, tal como fez o eminente brasileiro TOMAZ POMPEU SOBRINHO, considerando-a como o conhecimento necessário e suficiente para permitir a compreensão da natureza biológica e mental do homem, no sentido precípua de lhe dar a mais acertada orientação no curso da vida. Observe-se bem: **COMPREENSÃO DA NATUREZA BIOLÓGICA e MENTAL DO HOMEM**. Aí se encontra a totalidade do ser humano: corpo e espírito. Encontra-se, igualmente, o objetivo do estudo: **DAR AO HOMEM DIRETRIZES CERTAS, NO CURSO DA VIDA**. Nota-se que a Antropologia é uma ciência aplicada, com objetivos definidos e valiosos. Dois campos magníficos de interesse se abrem ao estudante. Do estudo do corpo humano: a Antropologia Física. Do estudo da mente humana: a Antropologia Cultural. Daí a conclusão insofismável: a Antropologia é ciência anfíbia ou bifronte, isto é, de dupla natureza. É biológica, quando estuda o nosso organismo. É social, quando estuda a capacidade criadora de nossa mente e os produtos desta. Como ciência biológica, a Antropologia estuda: a antropogênese, as partes moles e duras do corpo, a genética humana, os biótipos, as raças, a antropometria, os primatas. Como ciência social, estuda: a linguística, a cultura, o folclore, a arqueologia. Pelo exposto, não é difícil perceber a relação da Antropologia com as ciências biológicas e sociais. No terreno biológico, ela se acha em íntimas conexões com as ciências médicas: **BIOLOGIA, ANATOMIA, HISTOLOGIA, FISILOGIA, PATOLOGIA, PSICOLOGIA FISIOLÓGICA E PSIQUIATRIA**. No social, suas ligações se estabelecem com a **SOCIOLOGIA**, com a **PSICOLOGIA GERAL E SOCIAL**, com a **HISTÓRIA**, com a **ECONOMIA**, com a **CIÊNCIA POLÍTICA**. Necessário, entretanto, é que, no setor biológico, não a confundamos com as ciências médicas: **ANATOMIA, HISTOLOGIA, FISILOGIA**, ou **PATOLOGIA**. Com efeito, tamanhas são as implicações entre tais conhecimentos que se chegou até a identificar Antropologia Física com Anatomia ou Fisiologia humanas. Houve época, na história do Museu Nacional, em que se lecionou Antropologia Física com o nome daquelas disciplinas. Eram médicos os professores de Antropologia Física e, conseqüentemente, talvez con-

duzissessem o ensino da matéria pelos moldes anatômicos e fisiológicos. Lembre-se, a propósito, como um preito de homenagem sincera, que foi o grande professor Fróis da Fonseca quem introduziu o ensino da Antropologia Física, na Faculdade de Medicina da Universidade do Rio de Janeiro. Mas o fez dando à disciplina um lugar independente ao lado da cátedra de Anatomia por ele regida. Diga-se, de passagem, que, em nosso país, os cursos autônomos de Antropologia Física e Social começaram a surgir em 1935, primeiro na Universidade do Distrito Federal, depois na Faculdade Nacional de Filosofia, que, em 1938, se substituiu àquela. Daí em diante, firmou-se, definitivamente, nas Faculdades de Filosofia, que se foram fundando pelos Estados, o ensino regular da Antropologia Física e Cultural. Não se perca de vista, todavia, que não podem baralhar-se conceitos histo-anatomo-fisiológicos e antropológicos. São fatos heterogêneos, a despeito das íntimas vinculações. É evidente que o anatomista, o histologista, etc contam com reais vantagens para o estudo da Antropologia e o farão com melhores rendimentos do que o jejuno naquelas matérias. Diferenciam-se elas, no entanto, da disciplina antropológica não só pelos métodos, como pelos objetivos. Quanto a estes, a Antropologia visa o conhecimento das diferenças entre os indivíduos e os grupos. Quanto àqueles, é, essencialmente, comparativa, não se interessando pelo homem como ser standard, idêntico a si mesmo, no tempo e no espaço. Como disse Vallois, ela busca as diferenças e aí se apoia para estabelecer grupos naturais, que procura definir. Enquanto a Anatomia e a Fisiologia são ciências do indivíduo, a Antropologia o é do conjunto. Por isto mesmo são valiosos para o antropólogo os caracteres distintivos do indivíduo dentro da espécie. Destes os que melhores informações têm proporcionado ao antropólogo são os relativos à fisiologia do sangue, cor e estrutura da pele e anexos, morfologia do esqueleto. Pertence ao campo antropológico a análise da forma exterior do corpo, isto é, das proporções dos segmentos corporais e da grandeza da estatura, o que se realiza por meio da Antropometria, sub-ciência antropológica que constitui pré requisito da Biotipologia. Numerosas são as aplicações da Antropologia Física, no terreno da Medicina. Vamos resumí-las nas mais notórias, a saber: Vão da Antropologia para a Medicina: técnicas mensurativas para a determinação dos biótipos; métodos de pesquisa de identificação osteológica e somática; procesos de identificação criminalística; técnicas para o estudo da variabilidade orgânica; índices relativos ao pêsso e corpulência, nutrição, respiração, formas da cabeça, nariz, cavidades orbitárias, orelhas, etc. Na Psiquiatria, a mais

significativa aplicação antropológica é o levantamento dos biótipos, ou fórmulas individuais de proporção dos elementos do corpo humano, em vida sadia. Cada indivíduo representa uma organização dinâmica de elementos psico-físicos, ou fatores de ajustamento ao meio a que se dá o nome de caráter. A maneira pela qual se organizam tais fatores é o que se chama personalidade, na Escola ternária de Groninga, René Le Senne, Heymans e Wiersma. Foi Hipócrates quem primeiro começou a trabalhar nesta área, criando uma tipologia do físico e do temperamento e uma concepção humoral. As pessoas, segundo Hipócrates, distribuem-se em dois grupos com tendência "sui generis": os baixos e encorpados, propensos à apoplexia; e os altos e delgados propensos à tuberculose. Nos tempos modernos, surgem vários esquemas tipológicos que constituem a Escola francesa com Sigaud, Mac Auliffe e René Le Senne; a italiana com Viola e Pende; a alemã com Kretschmer e a americana com Sheldon. Nesta seara fecunda em que se fundem, em harmoniosa unidade de propósitos, o Direito Penal, a Psicologia, a Criminologia, a Psiquiatria e a Antropologia, a meta a atingir é a identificação das personalidades anormais, ou vulneradas pelas psicoses, ou tendências criminosas. A personalidade identifica-se pelas reações aos estímulos externos e internos, que a vida oferece. Aqueles são normais, se é normal a personalidade. Também esta se diz normal, quando seus elementos se combinam ou se ajustam, de modo a possibilitar-lhe uma reação em conformidade com os padrões do grupo social a que pertence. Desde que haja distúrbios de conduta colidentes com as normas éticas consagradas, ou que a personalidade se mostre intangível às influências educativas e terapêuticas, surge o que, em Psiquiatria, se denomina personalidade psicótica, psicopática, anormal ou com tendência para o crime. O psicótico é um doente mental. O psicopata é um fronteiro, ou inadaptado. O criminoso é um infrator de códigos. A personalidade anormal é a desajustada pela perversão, por defeitos educativos, ou por situações conflituais. Quanto ao criminoso, o que a Antropologia Criminal tem a dar de palpitante é a sempre jovem quissília entre amigos e inimigos de Lombroso. Não carece provar que o grande e imortal psiquiatra do *criminoso nato* renovou a concepção da pena considerada como uma retribuição do mal pelo mal pela Escola Clássica do Direito Penal. Não basta mais reprimir o crime, exclama o César da Criminologia e da Psiquiatria, porque devemos preveni-lo. E acrescenta: "Não devemos mais esperar que a instrução e a prisão sejam remédios para combatê-lo. E se o delito é um fenômeno complexo, resultante de um conjunto de fatores biológicos,

físicos e sociais, é claro que o verdadeiro e principal remédio contra ele é a supressão das causas que o produzem”. Modernamente, a expressão *criminoso nato* foi substituída por predisposição ao crime, definida por Di Tulio, como a capacidade que existe em certas pessoas para cometer ações delitivas, em consequência de estímulos externos. Ostentando um estágio sociológico, também se renovou a Psiquiatria, ao influxo da Psicanálise e da própria Antropologia Cultural. Para os criminosos reclama ela, ao invés de prisões, presídios, ou penitenciárias — hospitais psicoterápicos, institutos pedagógicos e reformatórios. Assim se irmana a Antropologia com a Medicina, no ideal de lutar contra os males que afligem o homem. Seu lema é saber para poder. Saber muito sobre a natureza humana para poder sublimá-la. Começa-se, evidentemente, diz Herskovits, a compreender e aceitar, depois de um interregno de quase três milênios, aquilo que os sábios gregos dos áureos tempos renunciaram: o estudo do homem é a única e verdadeira chave capaz de orientar, com acerto, a sua conduta. É ele, de fato, que nos fornece os meios para enfrentar e solucionar as graves e fundamentais questões da humanidade.

\*\* Este trabalho é a síntese de uma conferência que devia ser pronunciada no Hospital Adauto Botelho de Goiânia, a convite de seu Diretor.

\*\* Membro do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás, Professor de Antropologia das Universidades goianas e Juiz de Direito,

## O BOI NA GEOGRAFIA DE GOIÁS

*Basileu Toledo França*

*O período áureo do nosso gado vacum, em passado distante, está ligado aos engenhos e canaviais do nordeste, embora isto não explique nos dias atuais o florescimento da pecuária nos pampas gauchos e no pantanal matogrossense, que tem outras origens ou fatores determinantes.*

*Ao subir o rio S. Francisco em sua missão povoadora, como base da penetração da terra e fixação do homem, chegou o boi a Minas e de lá transbordou com os nossos pioneiros para Goiás, sempre como fator econômico de desbravamento e ocupação do solo. Era o alimento, arreios, catres, laços, calçados e mil e um artigos necessários à vida dos nossos primeiros. Riqueza que se transportava a si mesma, civilizando os vazios territoriais.*

*Em razão deste papel, o boi — que está sendo aproveitado para o mesmo fim na ocupação efetiva da Amazônia — identificou-se de tal forma com o nosso espaço e o nosso tempo, que se torna impossível estudar a geografia e a história econômicas do planalto, desconhecendo a presença do gado vacum.*

*Com este pensamento, escrevemos um pequeno ensaio sobre o boi em nosso estado, examinando a sua influência notável na geografia física, na história político-administrativa, na economia e finanças,*

na linguagem, no folclore, na música e na literatura.

"O boi na geografia de Goiás", que hoje publicamos, faz parte desse estudo.



- Aboiado* — Córrego, afluente da margem esquerda do riacho Pecobo. Município de Boa Vista. (Significa: o canto plangente e monótono, com que os vaqueiros conduzem a boiada; o mesmo que *aboio*).
- Acampamento* — Córrego, afluente da margem direita do ribeirão Bananal. Município de Planaltina. (Significa: arraial de tropas; lugar onde se acampou).
- Arame* — Córrego (do), afluente da margem direita do ribeirão do Paraíso, no município de Jataí.  
— Idem, afluente da margem esquerda do córrego Empantandado, no município de Mineiros.  
— Idem, afluente da margem esquerda do córrego Correntinho, no município de Mineiros.
- Arribação* — Córrego, afluente da margem esquerda do rio Capivari, município de Corumbá. (Significado: arribada, boi desgarrado do rebanho em viagem; ainda, emigração de aves).
- Atoladeira* — Córrego, afluente da margem direita do rio Preto, município de Paraúna. (Significado: o mesmo que o atoleiro, lugar onde o gado atola).  
— Idem córrego, afluente da margem esquerda do rio Alegre, município de Rio Verde.  
— Idem, afluente da margem esquerda do rio Monte Alegre, município de Rio Verde.  
— Idem, córrego (da), afluente da margem esquerda do rio dos Bois, município de Itumbiara.
- Atolador* — Córrego, afluente da margem esquerda do ribeirão João Aires, município de Boa Vista. (Significado: atoleiro, atoladeira, atoladouro).  
— Idem, afluente da margem esquerda do ribeirão do Retiro, município de Pontalina.  
— Idem, afluente da margem esquerda do ribeirão Mateira, município de Rio Verde.  
— Idem, afluente da margem direita do rio São Tomaz, município, de Rio Verde.
- Atolador Grande* — Córrego, afluente da margem esquerda do ribeirão das Pedras, município de Jataí.

- Atolador Pequeno* — Córrego, afluente da margem esquerda do ribeirão de Pedras, município de Jataí.
- Atcleiro* — Córrego, afluente da margem esquerda do rio Tocantins, município de Boa Vista.
- Córrego (do), afluente da margem esquerda do ribeirão da Samambaia, município de Goiandira.
- Córrego, afluente da margem direita do rio Verde, município de Jataí.
- Idem, afluente da margem direita do córrego Guariroba, município de Jataí.
- Idem, afluente da margem esquerda do córrego da Mombriça, município de Mineiros.
- Idem, afluente da margem esquerda do córrego Mestre d'Armas, município de Planaltina.
- Bangüê* — Córrego, afluente da margem esquerda do ribeirão Pipiri, município de Formosa. (Significado: das várias acepções a mais importante é a de engenho de açúcar movido a tração animal. Atividade intimamente relacionada com a criação de boi (carros para transporte da cana, carne para sustento dos trabalhadores, couros de mil aplicações etc.)
- Ribeirão, afluente da margem esquerda do rio Formiga Grande, município de Natividade.
- Ribeirão (do), afluente da margem direita do rio Santa Teresa, município de Peixe.
- Bargado* — Córrego, afluente da margem direita do rio Preto, município de Paraúna. (Significado: boi cheio de manchas).
- Barreira* — Córrego, afluente da margem direita do ribeirão Piracanjuba, município de Silvânia. (Significado: além de outras, designa lugar onde se paga taxa de exportação do gado; local, entrada de uma povoação onde se cobram direitos fiscais; barreiro).
- Idem, afluente da margem esquerda do ribeirão Piracanjuba, município de Silvânia.
- Idem, afluente da margem esquerda do ribeirão das Antas, município de Corumbá.
- Córrego (da), afluente da margem esquerda do ribeirão Periquitos, município de Corumbaíba.
- Córrego, afluente da margem esquerda do rio Alagado, município de Luziânia.
- Idem, afluente da margem direita do rio São Bartolomeu, município de Luziânia.

- Idem, afluente da margem direita do rio Corumbá, município de Luziânia.
- Idem, afluente da margem direita do ribeirão Araras, município de Luziânia.
- Idem, afluente da margem esquerda do ribeirão Paiva, município de Luziânia.
- Rio, afluente da margem direita do rio Araguaia, município de Santa Maria do Araguaia.
- Córrego (do), afluente da margem esquerda do córrego da Cachoeira Alta, município de Itumbiara.
- Barreira Branca* — Ilha (da), no rio Araguaia, a montante da barra do rio Lontra, município de Boa Vista.
- Barreirão* — Córrego, afluente da margem direita do córrego São Domingos, município de Anicuns. (Significado: barreiro grande. Veja “Barreiro”).
- Idem, afluente da margem direita do rio Piracanjuba, município de Buriti Alegre.
- Idem, afluente da margem direita do córrego Grotão, município de Buriti Alegre.
- Idem, afluente da margem direita do ribeirão Santa Maria, município de Goiânia.
- Idem, afluente da margem direita do rio das Pedras município de Itaberaí.
- Idem, afluente da margem direita do córrego Gabriéis, município de Morrinhos.
- Idem, formador do córrego Macacos, município de Palmeiras.
- Idem, afluente da margem direita do rio Capivari, município de Palmeiras.
- Idem, afluente da margem esquerda do rio Capivari, município de Palmeiras.
- Idem, afluente da margem direita do rio Alagado, município de Luziânia.
- Córrego (do), afluente da margem esquerda do ribeirão da Santa Maria, município de Itumbiara.
- Idem, formador do córrego da Vasante, município de Itumbiara.
- Barreiras* — Povoado, à margem esquerda do rio Tocantins, município de Boa Vista. (Significado: veja “Barreira”).
- Córrego (das), afluente da margem esquerda do rio Corumbá, município de Corumbaíba.

— Córrego, afluente da margem esquerda do rio Alagado, município de Luziânia.

*Barreirinha* — Córrego afluente da margem esquerda do rio Sucuri, município de Itaberaí. (Veja “Barreira”).

— Idem, afluente da margem esquerda do ribeirão Santana, município de Luziânia.

— Idem, afluente da margem direita do ribeirão dos Angicos, município de Luziânia.

— Idem, afluente da margem direita do rio Pamplona, município de Luziânia.

— Idem, afluente da margem esquerda do rio Maranhão, município de Luziânia.

— Idem, afluente da margem direita do rio Corumbá, município de Luziânia.

— Idem, afluente da margem esquerda do rio Areias, município de Luziânia.

— Idem, afluente da margem direita do rio Corumbá, a montante do córrego Roncador, município de Luziânia.

— Idem, afluente da margem esquerda do ribeirão Paiva, município de Luziânia.

*Barreirinho* — Córrego (do), afluente da margem esquerda do ribeirão dos Gonçalves, município de Anápolis (Significado: veja “Barreiro”).

— Idem, afluente da margem esquerda do córrego Quati, município de Buriti Alegre.

— Córrego, afluente da margem direita do rio Corumbá, município de Campo Formoso.

— Idem, afluente da margem esquerda do rio Piracanjuba, município de Campo Formoso.

— Idem, afluente da margem direita do córrego Bonito, município de Jaraguá.

— Idem, afluente da margem esquerda do córrego da Picada, município de Mineiros.

— Idem, afluente da margem direita do rio Capivari, município de Palmeiras.

— Idem, afluente da margem esquerda do ribeirão Macacos, município de Paraúna.

— Idem, afluente da margem direita do Campestre, município de Paraúna.

— Idem, afluente da margem esquerda do córrego Barreiro, na divisa de Morrinhos, município de Pouso Alto.

— Idem, afluente da margem direita do rio Ponte Alta, município de Luziânia.

— Idem, afluente da margem direita do rio Corumbá, município de Luziânia.

— Idem, afluente da margem direita do Pamplona, município de Luziânia.

— Idem, afluente da margem direita do rio Vermelho, município de Luziânia.

— Idem, afluente da margem direita do ribeirão Paiva, município de Luziânia.

— Idem, afluente da margem esquerda do rio Descoberto, município de Luziânia.

— Idem, afluente da margem esquerda do Monjolo, município de Luziânia.

— Idem, afluente da margem esquerda do córrego Mutum, município de Anicuns.

*Barreiro* — Córrego (do), formador do córrego Extrema, município de Anápolis. (Significado: terreno salitrado e úmido, próprio para pastos; lugar onde o gado lambe o barro a fim de extrair-lhe o sal; e outras acepções ligadas a “barro”).

— Idem, afluente da margem esquerda do ribeirão das Antas, município de Anápolis.

— Idem, afluente da margem direita do Catingueiro, município de Anápolis.

— Idem, afluente da margem direita do ribeirão João Leite, município de Anápolis.

— Córrego, afluente da margem direita do ribeirão Anicuns Grande, município de Anicuns.

— Idem, afluente da margem esquerda do ribeirão da Barra, município de Arraias.

— Serra (do), região setentrional do município de Boa Vista.

— Córrego, segue para o município de São Vicente, onde desemboca no rio Tocantins, pela margem esquerda, município de Boa Vista.

— Idem, afluente da margem esquerda do rio Tocantins, município de Boa Vista.

— Idem, afluente da margem esquerda do rio Tocantins, a jusante do córrego Bonito, município de Boa Vista.

— Córrego (do), afluente da margem direita do ribeirão Mimoso, município de Buriti Alegre.

- Córrego, afluente da margem direita do córrego Grotão, município de Buriti Alegre.
- Idem, afluente da margem esquerda do rio Piracanjuba, município de Caldas Novas.
- Idem, afluente da margem esquerda do rio Piracanjuba, a jusante do córrego da Água Limpa, município de Caldas Novas.
- Idem, afluente da margem direita do ribeirão Taquaral, município de Campo Formoso.
- Idem, afluente da margem esquerda do rio Piracanjuba, município de Campo Formoso.
- Idem, afluente da margem direita do rio Corumbá, a montante do córrego Estreito, município de Campo Formoso.
- Idem, afluente da margem direita do ribeirão Santana, a jusante do córrego Cedro, município de Campo Formoso.
- Idem, afluente da margem direita do rio Corumbá, a montante do córrego Capoeira, município de Campo Formoso.
- Idem, afluente da margem direita do ribeirão Santa Bárbara, município de Campo Formoso.
- Idem, afluente da margem esquerda do ribeirão da Batalha, município de Catalão.
- Idem, afluente da margem esquerda do rio São Marcos, município de Catalão.
- Idem, afluente da margem direita do rio Palmeiras, município de Dianópolis.
- Idem, afluente da margem direita do rio do Ouro, município de Corumbá.
- Idem, afluente da margem esquerda do rio Oliveira Costa, município de Corumbá.
- Idem, afluente da margem esquerda do rio Parama, município de Corumbá.
- Idem, afluente da margem direita do rio Areias, município de Corumbá.
- Idem, afluente da margem esquerda do rio Corumbá, município de Corumbaíba.
- Idem, afluente da margem esquerda do rio Roncador, município de Goiás.
- Idem, afluente da margem esquerda do rio Paranã, município de Formosa.
- Córrego (do), afluente da margem direita do ribeirão Fundãozinho, município de Goiandira.

— Idem, afluente da margem direita do córrego Capão Grande, município de Goiandira.

— Idem, entre nascentes do córrego da Lagoinha, município de Goiandira.

— Córrego, afluente da margem direita do ribeirão Pirapotinga, município de Goiandira.

— Idem, afluente da margem esquerda do ribeirão do Pari, município de Goiandira.

— Córrego (do), afluente da margem direita do córrego José Agapito, município de Goiandira.

— Idem, afluente da margem direita do ribeirão Campos Limpos, município de Goiandira.

— Idem, afluente da margem esquerda do rio Veríssimo, a jusante do córrego do Imbé, município de Goiandira.

— Idem, afluente da margem esquerda do ribeirão da Posse, município de Goiânia.

— Idem, afluente da margem esquerda a jusante do córrego da Estiva, município de Goiandira.

— Ribeirão, afluente da margem direita do rio Meia Ponte, na divisa do município de Itumbiara, município de Goiatuba.

— Córrego, afluente da margem direita do rio Peixe, município de Inhumas.

— Córrego (do), afluente da margem esquerda do rio Veríssimo, município de Ipameri.

— Córrego (do), afluente da margem esquerda do rio Braço, município de Ipameri.

— Córrego, afluente da margem esquerda do rio das Pedras, município de Itaberaí.

— Idem, afluente da margem esquerda do rio das Almas, município de Jaraguá.

— Idem, afluente da margem esquerda do rio do Peixe, município de Jaraguá.

— Idem, afluente da margem esquerda do córrego Tabocas, município de Jaraguá.

— Idem, afluente da margem esquerda do rio dos Patos, município de Jaraguá.

— Idem, afluente da margem esquerda do Lajeado, município de Jataí.

— Idem, afluente da margem esquerda do rio Claro, município de Jataí.

- Córrego (do), afluente da margem direita do ribeirão da Ariranha, município de Jataí.
- Córrego, afluente da margem esquerda do rio Corrente, a montante do córrego do Sapé, município de Jataí.
- Idem, afluente da margem direita do ribeirão do Paraíso, município de Jataí.
- Idem, afluente da margem esquerda do rio Corrente, a montante do córrego da Divisa, município de Aporé.
- Idem, afluente da margem esquerda do rio Aporé, município de Aporé.
- Córrego (do), afluente da margem esquerda do córrego Lajeado, município de Mineiros.
- Idem, afluente da margem esquerda do ribeirão da Capivara, município de Mineiros.
- Corrego, afluente da margem esquerda do ribeirão Mombuca, município de Mineiros.
- Córrego (do), afluente da margem direita do ribeirão Mombuca, município de Mineiros.
- Morro (do), entre o córrego da Picada e o ribeirão da Areia, município de Mineiros.
- Córrego (do), afluente da margem direita do ribeirão Grande, município de Mineiros.
- Idem, afluente da margem direita do rio Babilônia, município de Mineiros.
- Idem, afluente da margem direita do ribeirão do Salto, município de Mineiros.
- Idem, afluente da margem direita do rio Araguaia, município de Mineiros.
- Idem, afluente da margem direita do ribeirão do Ferro, município de Mineiros.
- Córrego (do), afluente da margem esquerda do ribeirão dos Barros, município de Morrinhos.
- Idem, afluente da margem direita do ribeirão do Lajeado, município de Morrinhos.
- Idem, afluente da margem direita do ribeirão das Cobras, município de Morrinhos.
- Idem, afluente da margem direita do ribeirão Bom Jardim, município de Morrinhos.
- Ribeirão, afluente da margem esquerda do rio Lajes, município de Palma.

- Rio, afluente da margem direita do rio Soledade, município de Palma.
- Morro (do), entre os córregos Barreirão e Mutum, ao norte do município de Palmeiras.
- Córrego, afluente da margem esquerda do rio dos Bois, município de Palmeiras.
- Idem, afluente da margem direita do córrego Macacos, município de Palmeiras.
- Idem, afluente da margem esquerda do ribeirão Azul, município de Palmeiras,
- Idem, afluente da margem direita do Campestre, município de Paraúna.
- Córrego (do), afluente da margem esquerda do rio Ponte de Pedra, município de Paraúna.
- Ribeirão, afluente da margem direita do rio Santa Teresa, município do Peixe.
- Córrego, afluente da margem direita do ribeirão Santo Antônio, município de Pirenópolis.
- Idem, afluente da margem esquerda do rio Padre Souza, município de Pirenópolis.
- Idem, afluente da margem esquerda do rio dos Patos, município de Pirenópolis.
- Idem, formador do ribeirão Conceição, município de Pirenópolis.
- Córrego (do), afluente da margem direita do rio Meia Ponte, município de Pontalina.
- Idem, afluente da margem esquerda do rio dos Mangues, município de Porto Nacional.
- Idem, afluente da margem esquerda do rio Tocantins, município de Porto Nacional.
- Córrego, afluente da margem esquerda do ribeirão Formiga, na divisa de Morrinhos, município de Piracanjuba.
- Idem, afluente da margem direita do ribeirão Formiga, município de Piracanjuba.
- Córrego, (do), afluente da margem direita do rio Meia Ponte, município de Piracanjuba.
- Córrego, afluente da margem esquerda do ribeirão Serra Negra, município de Piracanjuba.
- Idem, afluente da margem esquerda do ribeirão Grimpas, município de Piracanjuba.

- Idem, afluente da margem esquerda do ribeirão São Mateus, município de Piracanjuba.
- Idem, afluente da margem direita do rio Araguaia, município de Rio Bonito.
- Idem, afluente da margem esquerda do ribeirão da Pirapitinga, município de Rio Verde.
- Idem, afluente da margem esquerda do rio Cabeleira, município de Rio Verde.
- Idem, afluente da margem esquerda do córrego Coqueiros, município de Rio Verde.
- Idem, afluente da margem direita do rio Monte Alegre, município de Rio Verde.
- Idem, afluente da margem esquerda do rio Verdinho, município de Rio Verde.
- Idem, afluente da margem direita do ribeirão Jacobina, município de Luziânia.
- Idem, afluente da margem esquerda do rio Palmital, município de Luziânia.
- Idem, afluente da margem direita do ribeirão Paiva, a jusante da barra do córrego do Lourenço, município de Luziânia.
- Idem, afluente da margem direita do rio Vermelho, município de Luziânia.
- Idem, afluente da margem direita do rio Pamplona, a montante do córrego da Capoeira, município de Luziânia.
- Idem, afluente da margem direita do rio Pamplona, a jusante do córrego do Monteiro, município de Luziânia.
- Idem, afluente da margem esquerda do ribeirão do Veríssimo, município de Luziânia .
- Idem, afluente da margem direita do ribeirão das Araras, município de Luziânia.
- Idem, afluente da margem esquerda do córrego João Gonçalves, município de Luziânia.
- Idem, afluente da margem esquerda do rio São Bartolomeu, município de Luziânia.
- Idem, afluente da margem direita do rio Ponte Alta, município de Luziânia.
- Idem, afluente da margem direita do rio Palmital, município de Luziânia.
- Idem, afluente da margem esquerda do rio Piracanjuba, município de Luziânia.

- Idem, afluente da margem direita do ribeirão Santa Maria, abaixo da barra do córrego Laje, município de Luziânia.
- Idem, afluente da margem direita do ribeirão Santa Maria, a montante do córrego Bananal, município de Luziânia.
- Idem, afluente da margem direita do córrego Cartano, município de Luziânia.
- Idem, afluente da margem direita do ribeirão Veríssimo, município de Luziânia.
- Idem, afluente da margem esquerda do ribeirão Alegre, município de Luziânia .
- Idem, afluente da margem esquerda do Currealinho, município de Luziânia.
- Idem, afluente da margem esquerda do Mato dos Reis, município de Luziânia.
- Idem, afluente da margem direita do ribeirão Melchior, município de Luziânia.
- Idem, afluente da margem direita do ribeirão Santa Maria, a montante do córrego Pari, município de Luziânia.
- Idem, afluente da margem direita do rio Corumbá, município de Luziânia.
- Idem, afluente da margem direita do ribeirão Paiva, abaixo do córrego do Bom Tempo, município de Luziânia.
- Idem, afluente da margem direita do rio São Bartolomeu, a jusante do córrego Vermelho, município de Luziânia.
- Idem, afluente da margem direita do córrego Lavrinha, município de Luziânia.
- Idem, afluente da margem esquerda do rio São Bartolomeu, município de Luziânia.
- Idem, afluente da margem esquerda do ribeirão Veríssimo, município de Luziânia.
- Idem, afluente da margem direita do rio Corumbá, município de Luziânia.
- Idem, afluente da margem direita do rio Corumbá, a montante do córrego da Bocaina, município de Luziânia.
- Idem, afluente da margem esquerda do ribeirão Mesquita, município de Luziânia.
- Córrego (do), afluente da margem esquerda do ribeirão das Posses, município de Itumbiara.
- Idem, afluente da margem direita do rio Paranaíba, município de Itumbiara.

- Idem, afluente da margem direita do rio Paranaíba, a montante do córrego dos Patos, município de Itumbiara.
- Ribeirão (do), afluente da margem direita do rio Cana Brava, município de Santana.
- Córrego, afluente da margem esquerda do rio Tocantins, município de São Vicente.
- Barreiro Alto* — Córrego, afluente da margem esquerda do ribeirão dos Angicos, município de Luziânia.
- Barreiro Azul* — Córrego, afluente da margem esquerda do rio Bagagem, município de Niquelândia.
- Barreiro Branco* — Córrego, afluente da margem direita do ribeirão Veríssimo, município de Luziânia.
- Barreiro Grande* — Córrego, afluente da margem direita do ribeirão Veríssimo, município de Luziânia.
- Idem, afluente da margem esquerda do rio Padre Souza, município de Jaraguá.
- Idem, afluente da margem direita do ribeirão do Borá, município de Palmeiras.
- Idem, afluente da margem direita do Camarão, município de Palmeiras.
- Barreiro D'água* — Morro, entre nascentes do córrego das Pedras, município de Niquelândia.
- Córrego, afluente da margem direita do ribeirão Conceição, município de Niquelândia.
- Barreiro das Antas* — Córrego, afluente da margem esquerda do rio Meia Ponte, município de Morrinhos.
- Barreiro de baixo* — Povoado, na confluência do córrego Cana Brava com o rio São Mateus, município de S. Domingos.
- Barreiro dos veados* — Córrego, afluente da margem direita do rio das Antas, município de Silvânia.
- Barreiros* — Córrego, afluente da margem direita do rio São Bartolomeu, município de Luziânia.
- Bate Couro* — Córrego, afluente da margem direita do rio Corumbá, município de Luziânia.
- Bebedouro* — Córrego, afluente da margem esquerda do rio Tocantins, município de Boa Vista.
- Córrego (do), afluente da margem direita do córrego da Pirapitinga, município de Mineiros.
- Córrego, afluente da margem direita do rio Verde, município de Mineiros.

— Idem, afluente da margem esquerda do rio Verde, município de Jataí.

— Córrego (do), afluente da margem esquerda do rio Verde, município de Mineiros.

— Idem, afluente da margem direita do rio Verde, município de Mineiros.

— Ribeirão (do), afluente da margem esquerda do ribeirão do Salto, município de Mineiros.

— Córrego, afluente da margem esquerda do rio Fidalgo, município de Pirenópolis.

— Idem, afluente da margem esquerda do rio Claro município de Rio Verde.

— Córrego (do), afluente da margem direita do ribeirão João Pinto, município de Rio Verde.

— Idem, afluente da margem direita do rio dos Bois, município de Rio Verde.

— Córrego, afluente da margem direita do rio Preto, município de rio Verde.

— Idem, afluente da margem direita do ribeirão Águas Claras, município de Luziânia.

— Idem, afluente da margem esquerda do ribeirão Campo Grande, município de Itumbiara.

— Córrego (do), afluente da margem direita do córrego Grande, município de Itumbiara.

— Córrego, afluente da margem direita do córrego das Perobas, município de Itumbiara.

— Córrego (do), afluente da margem direita do rio Meia Ponte, município de Itumbiara.

*Bezerra* — Córrego, afluente da margem direita do ribeirão São Domingos, município de Boa Vista.

— Ribeirão, afluente da margem esquerda do rio Preto, serve em parte seu curso, de limite ao Estado de Minas Gerais, município de Formosa.

— Córrego, afluente da margem esquerda do rio Paranã, município de Palma.

— Idem, afluente da margem direita do rio São Vicente, município de São Domingos.

*Bezerra ou Montes Claros* — Rio, município de Arraias.

*Boi* — Lagoa (do), entre o riacho Fundo e o rio São Domingos, município de Palma.

— Córrego (do), afluente da margem direita do rio Alegres, município de Rio Verde.

— Córrego (do), afluente da margem direita do rio Alegres, a jusante do córrego da Cozinheira, município de Rio Verde.

— Idem, afluente da margem direita do ribeirão do Meio, município de Rio Verde.

*Boi Galante* — Córrego, afluente da margem direita do rio do Boi Vermelho, município de Palmeiras.

*Boi Morto* — Córrego, afluente da margem direita do rio Uru, município de Jaraguá.

*Boi Vermelho* — Córrego, afluente da margem direita do rio dos Bois, município de Palmeiras.

*Bois* — Rio (dos), nasce na serra das Divisões, atravessa o município de norte a sul, e separa, adiante, Goiânia, Piracanjuba, Pontalina, Goiatuba, Itumbiara, à esquerda, de Palmeiras, Paraúna, Rio Verde, do outro lado, até desaguar no Paranaíba, pela margem direita. Município de Anicuns.

— Idem, afluente da margem direita do rio Peixes, município de Silvânia.

— Idem, afluente da margem esquerda do rio Paranã, município de Cavalcante.

— Córrego (dos), afluente da margem direita do rio Claro, município de Jataí.

— Rio (dos), afluente da margem esquerda do Paranã, município de Palma.

— Córrego, afluente da margem esquerda do riacho Fundo, município de Palma.

— Córrego (dos), afluente da margem direita do ribeirão Fala Verdade, município de Palmeiras.

— Ribeirão (dos), afluente da margem esquerda do rio Tocantins, município de Peixe.

— Rio (dos), afluente da margem direita do rio Crixás Assu, na divisa do município de Santana, município de Pilar.

— Idem, afluente da margem direita do rio Palmeiral, município de Pilar.

— Rio, nasce nas proximidades do morro de igual nome e depois de cortar pequena faixa do município de Jaraguá volta a Pirenópolis, que sepeira de Pilar, até desaguar no rio das Almas, pela margem direita, município de Pirenópolis.

— Morro (dos), entre nascentes do ribeirão de Fora, município de Pirenópolis.

- Ribeirão (dos), afluente da margem esquerda do rio Maranhão, município de Luziânia.
- Rio (dos), afluente da margem esquerda do rio Tocantins, município de Santa Rita do Araguaia.
- Córrego (dos), afluente da margem direita do rio Santa Teresa, município de Santana.
- Rio, afluente da margem direita do rio da Palma, município de Taguatinga.
- Brabeza* — Córrego, afluente da margem direita do rio Claro, município de Jataí. (Significado: boi bravo, selvagem, criado à solta, barbatão).
- Brôco* — Córrego, segue para o município de São Vicente onde desemboca no rio Piranha, pela margem esquerda, município de Boa Vista. (Significado: boi que tem um ou dois chifres pequenos e cheios de rugas. R. Magalhães, *Vocabulário Popular*, citado por Firmino Costa. Ainda: sem capa ou mole, no sudoeste).
- Bruaca* — Córrego, afluente da margem esquerda do rio Areias, município de Luziânia. (Significado: mala de couro usada para transporte de objetos em cavalgadas).
- Bruacas* — Ribeirão, afluente da margem direita do rio Paranaíba, município de Rio Verde.
- Cabeça de boi* — Rio, afluente da margem direita do rio Areias, município de Porto Nacional.
- Caiçara* — Ribeirão, afluente da margem esquerda do rio Meia Ponte, município de Bela Vista. (Significado: palavra tupi, corruptela de caá-içara, a estacada, o cercado, na explicação abalizada de Teodoro Sampaio. Quer dizer: cerca de varas ou de ramos; curral; cercado de madeira, à margem de rio navegável, para embarque de gado; cerca tosca em volta de uma roça ou plantação, para impedir a entrada do gado etc).
- Córrego, afluente da margem esquerda do rio Mosquito, município de Cavalcante.
- Serra (da), entre nascentes do córrego Cocalinho, município de Natividade.
- Ribeirão, afluente da margem direita do rio Crixás-Açu município de Pilar.
- Córrego, afluente da margem direita do ribeirão da Forquilha, município de Pirenópolis.
- Idem, afluente da margem esquerda do rio das Pedras, município de Pirenópolis.

— Idem, afluente da margem esquerda do ribeirão dos Angicos, município de Luziânia.

— Idem, afluente da margem direita do córrego Bacupari, município de Niquelândia.

*Calção de couro* — Córrego, segue para o município de Pirenópolis, onde desemboca no córrego Laranjeira, pela margem direita, município de Jaraguá. (Significa: peça de vestuário, feita com o couro de boi.)

*Cambão* — Córrego (do), afluente da margem esquerda do ribeirão da Bocaina, município de Corumbaíba. (Significado: aparelho constituído de uma peça de pau comprida, com que se une uma segunda junta de bois ao carro; pedaço de madeira que se pendura ao pescoço da res bravia, para que não possa correr e fugir; junta de bois etc).

*Cambraia* — Córrego, afluente da margem esquerda do córrego Sapé, município de Anápolis. (Significado: inteiramente branco, tanto serve para o boi como para o cavalo).

*Campanha* — Córrego, afluente da margem esquerda do rio Claro, município, de Rio Verde. (Significado: campo extenso, planície, acampamento de tropas etc).

— Ribeirão (da), afluente da margem direita do rio Paranaíba, município de Itumbiara.

*Campestre* — Córrego, afluente da margem direita do ribeirão Sapezal, município de Paraúna. (Significado: pequeno campo alto cercado pela floresta; clareira gramada etc.)

— Idem, afluente da margem direita do rio Verde, município de Rio Verde.

*Campinas* — Bairro de Goiânia.

*Campina* — Córrego, afluente da margem direita do córrego Lajes, município de Santana.

— Povoado, entre o córrego de igual nome e o Matão, município de Santana.

*Campo* — Córrego, afluente da margem esquerda do ribeirão Campo Alegre, município de Boa Vista.

— Idem, afluente da margem esquerda do córrego Barreiro, município de Boa Vista.

— Ilha (do), no rio Araguaia, a montante do córrego Dois Riachos, município de Boa Vista.

— Córrego, afluente da margem esquerda do Bagaçu, município de Jataí.

— Córrego (do), afluente da margem direita do ribeirão do Salto, município de Mineiros.

— Idem, afluente da margem direita do rio Verdinho, município de Rio Verde.

— Serra (do), entre o ribeirão Santo Antônio e o córrego Algodoeiro, município de Santana.

— Córrego (do), afluente da margem direita do rio Paranaíba, município de Itumbiara.

— Idem, afluente da margem esquerda do córrego do Lageado, município de Itumbiara.

*Campo Aberto* — Córrego, segue para o município de Pires do Rio, município de Campo Formoso.

*Campo Alegre* — Córrego (do), afluente da margem esquerda do córrego da Gameleirinha, município de Boa Vista.

— Ribeirão, afluente da margem esquerda do rio Tocantins, município de Boa Vista.

— Córrego, afluente da margem direita do rio dos Bois município de Silvânia.

— Serra, entre os ribeirões Bom Sucesso e Santa Bárbara, município de Goiatuba.

— Vila e sede do distrito de Campo Alegre, que pertence ao município, termo e comarca de Ipameri.

Região oriental do município, à margem do córrego Campo Alegre.

— Córrego, afluente da margem direita do córrego Imbiriçu, município de Ipameri.

— Idem, afluente da margem esquerda do rio Corrente, município de Jataí.

— Idem, afluente da margem esquerda do ribeirão Bugre, município de Itaberaí.

— Idem, afluente da margem esquerda do córrego Gameleira, município de Pires do Rio.

— Idem, afluente da margem esquerda do rio São Tomaz, município de Rio Verde.

*Campo Belo* — Ribeirão (do), afluente da margem esquerda do ribeirão da Passagem, município de Jataí.

*Campo Formoso* — Cidade, sede do distrito, do município e do termo de Campo Formoso, pertencente à comarca de Pires do Rio. Região setentrional do município, à margem do ribeirão Santa Bárbara.

*Campo Grande* — Córrego, afluente da margem esquerda do ribeirão Saia Velha, município de Luziânia.

— Ribeirão (do), afluente da margem esquerda do rio dos Bois, município de Itumbiara.

*Campo Limpo* — Povoado, entre o ribeirão João Leite e o córrego da Intendência, município de Anápolis.

— Córrego, afluente da margem direita do córrego do Lajeado, município de Jataí.

— Idem, afluente da margem esquerda do rio Aporé, município de Aporé.

— Idem, afluente da margem esquerda do ribeirão das Cobras, município de Morrinhos.

— Idem, afluente da margem esquerda do ribeirão Samambaia, município de Luziânia.

— Idem, afluente da margem esquerda do rio Piracanjuba, município de Luziânia.

— Idem, afluente da margem esquerda do rio Descoberto, município de Luziânia.

— Idem, afluente da margem esquerda do ribeirão Saia Velha, município de Luziânia.

*Campo Redondo* — Córrego, afluente da margem direita do córrego Lajeado, município de Jataí.

*Campos* — Ilha (dos), no rio Tocantins, em frente à barra do ribeirão Curicaca, município de Boa Vista.

*Campos Belos* — Vila e sede do distrito de Campos Belos, que pertence ao município, termo e comarca de Arraias. Região meridional do município, entre os tributários do rio Montes Claros.

*Campos Limpos* — Ribeirão, afluente da margem direita do ribeirão Pirapitinga, município de Goiandira.

*Cancela* — Córrego, afluente da margem esquerda do córrego Santo Antônio, município de Pirenópolis. (Significa porteira rústica, sem fecho).

*Candeeiro* — Córrego, afluente da margem direita do rio Araguaia, município de Rio Bonito. (Significa: aquele que vai à frente dos bois de um carro, geralmente menino; baile campestre etc).

*Canga* — Córrego, afluente da margem direita do Baú, município de Campo Formoso. (Significa: jugo de madeira, com que se unem os bois para o trabalho, além de outras acepções.

— Idem, afluente da margem direita do rio Piracanjuba, município de Campo Formoso.

- Idem, afluente da margem direita do ribeirão Paraíso, município de Jataí.
- Cangas* — Lagoa (das), formada pelo rio Araguaia, a nordeste da Lagoa dos Macacos, município de Goiás.
- Lagoa, formada pelo rio Araguaia, a montante da ilha Gravatá, município de Goiás.
- Ilha (das), a jusante da barra do rio Vermelho, no rio Araguaia, município de Goiás.
- Capão do Boi* — Córrego, afluente da margem esquerda do córrego José Agapito, município de Goiandira.
- Capão do Curral* — Córrego, afluente da margem direita do rio São Bartolomeu, município de Luziânia.
- Capim* — Córrego (do), afluente da margem esquerda do córrego Bom Jardim, município de Corumbaíba.
- Idem, afluente da margem esquerda do rio Corumbá, município de Corumbaíba.
- Córrego, afluente da margem direita do ribeirão dos Barros, município de Morrinhos.
- Idem, afluente da margem direita de um tributário do córrego Paraíso, município de Morrinhos.
- Córrego (do), afluente da margem direita do ribeirão Água Mansa, município de Rio Verde.
- Córrego, afluente da margem esquerda do rio São Bartolomeu, município de Luziânia.
- Idem, afluente da margem direita do rio Ponte Alta, município de Luziânia.
- Córrego (do), afluente da margem esquerda do ribeirão de Santa Maria, município de Itumbiara.
- Idem, afluente da margem esquerda do ribeirão Bom Jesus, município de Itumbiara.
- Capim Puba* — Córrego, afluente da margem esquerda do ribeirão Passa Quatro, município de Silvânia. (Significa: capim mole).
- Idem, afluente da margem esquerda do córrego Botafogo, município de Goiânia.
- Idem, afluente da margem direita do rio Padre Souza, município de Pirenópolis.
- Idem, afluente da margem esquerda do ribeirão Conceição, município de Pirenópolis.
- Idem, afluente da margem esquerda do ribeirão Santa Família, município de Pirenópolis.

— Idem, afluente da margem esquerda do Buritizal ou Lameiro, município de Luziânia.

— Idem, afluente da margem esquerda do rio Areias, município de Luziânia.

*Capim Pubo* — Córrego, afluente da margem esquerda do rio Paranã, município de Formosa.

— Idem, afluente da margem direita do ribeirão Pípiripau, município de Planaltina.

*Capinal* — Córrego, afluente da margem direita do rio do Peixe, município de Pirenópolis. (Significa: capinzal, terreno coberto de capim alto e cerrado).

*Capinzal* — Córrego, afluente da margem direita do ribeirão Santana, município de Campo Formoso.

*Carretão* — Serra (do), a sudoeste da vila do Muquém, município de Niquelândia. (Significa: veículo de duas rodas, de eixo muito forte, com grande cabeçalho, sem leito nem mesa, para transporte de toros de madeira, puxado a bois).

*Carretãozinho* — Rio, afluente da margem esquerda do rio São Patrício, município de Pilar.

*Carro* — Córrego, afluente da margem direita do ribeirão Biliago, município de Niquelândia.

*Carro Queimado* — Córrego, afluente da margem direita do rio Corumbá, município de Campo Formoso.

*Casquilho* — Córrego, afluente da margem direita do rio Alagado, município de Luziânia. (Significa, além de janota, cilindro oco e metálico, que remata as lanças dos carros).

*Caveira* — Córrego, afluente da margem direita do ribeirão Paraíso, município de Jataí.

— Idem, afluente da margem direita do rio Bacalhau, município de Niquelândia.

*Caveiras* — Córrego, afluente da margem direita do rio Meia Ponte, município de Goiânia.

— Idem, afluente da margem esquerda do ribeirão da Palma, município de Luziânia.

*Cerca* — Córrego, afluente da margem direita do ribeirão do Salto, município de Mineiros.

— Córrego (da), afluente da margem direita do ribeirão Taboca, município de Luziânia.

— Córrego, afluente da margem esquerda do ribeirão Melchior, município de Luziânia.

- Cercadinho* — Igarapé, afluente da margem direita do rio Barreiro, município de S. Vicente (Significa: veja “Cercado”).
- Cercado* — Córrego, afluente da margem direita do ribeirão Curica, município de Boa Vista. (Significado: além de terreno rodeado de cerca, um lugar abundante de pastagem e limitado por tapumes naturais).  
— Idem, afluente da margem direita do ribeirão da Corda, município de Boa Vista.
- Charqueada* — Córrego, afluente da margem esquerda do ribeirão Vai-Vem, município de Ipameri. (Significa: lugar onde se prepara a carne do gado vacum, salgando-a em mantas, que geralmente se exportam).
- Chaveiro* — Córrego, afluente da margem esquerda do rio Corumbá, município de Corumbá. (Significa: rodeiro de carro, além de outras acepções ligadas a “chave”).  
— Idem, afluente da margem esquerda do rio dos Patos, município de Pirenópolis.
- Cheda* — Córrego, afluente da margem direita do córrego Capim Puba, município de Pirenópolis. (Significa: cada uma das pranchas laterais da mesa do carro de bois, em que se introduzem os fueiros; o mesmo que chizeiro).
- Cocão* — Córrego, afluente da margem esquerda do córrego da Água Limpa, município de Mineiros (Significa: cada um dos quatro paus verticais, fixos nas chedas do carro de bois, entre os quais gira o eixo das rodas).  
— Idem, afluente da margem esquerda do ribeirão Fala Verdade, município de Palmeiras.
- Cocho* — Córrego, afluente da margem direita do rio Meia Ponte, município de Goiânia. (Significa: tronco escavado onde se põe água ou alimento para o gado).  
— Idem, afluente da margem esquerda do rio São Bartolomeu, a montante do córrego Taquaral, município de Luziânia.
- Correia* — Córrego, afluente da margem esquerda do São João, município de Pirenópolis.  
— Idem, afluente da margem esquerda do ribeirão Indaiá, município de Luziânia.
- Correião* — Cachoeira (do), formada pelo rio Araguaia, a montante do riacho das Andorinhas, município de Boa Vista.
- Correinha* — Cachoeira (do), formada pelo rio Araguaia, ao sul da ilha Correinha, município de Boa Vista.

- Couro* — Rio, afluente da margem direita do Tocantins, município de Cavalcante.
- Couros* — Córrego (dos), afluente da margem direita do rio Corrente, município de Jataí.
- Crioulo* — Córrego, afluente da margem direita do rio dos Bois, município de Anicuns. (Significa: gado nascido na própria fazenda, além de negro nascido no Brasil).
- Crioulos* — Córrego, afluente da margem direita do ribeirão da Invernadinha, município de Jataí.  
— Idem, afluente da margem esquerda do ribeirão Arraial Velho, município de Planaltina.
- Cuiabano* — Córrego, afluente da margem esquerda do rio Inhumas. (Significa: gado fraco, sem porte, tucura).  
— Idem, afluente da margem direita do ribeirão Paraíso, município de Jataí.  
— Idem, afluente da margem esquerda do ribeirão Paraíso, município de Jataí.  
— Idem, afluente da margem direita do rio Paranaíba, município de Rio Verde.
- Curral* — Córrego, afluente da margem esquerda do ribeirão das Antas, município de Corumbá.  
— Córrego (do), afluente da margem direita do ribeirão dos Dourados, município de Goiandira.  
— Córrego, afluente da margem esquerda do ribeirão Anicuns Grande, município de Goiânia.  
— Idem, afluente da margem direita do córrego Indaiá, município de Pirenópolis.  
— Idem, afluente da margem direita do rio São Bartolomeu, município de Luziânia.
- Curral Queimado* — Ribeirão, corre na região setentrional do município para o de Jaraguá, onde desemboca no rio Uru, pela margem direita, município de Itaberaí.
- Curral velho* — Córrego, afluente da margem direita do ribeirão Bezerra, município de Formosa.
- Curral de Pedra* — Córrego, afluente da margem esquerda do ribeirão Curicaca, município de Boa Vista.  
— Idem, afluente, da margem direita do rio São Domingos, município do mesmo nome.
- Curralinho* — Córrego, afluente da margem esquerda do ribeirão do Barra, município de Arraiais.

— Idem, afluente da margem direita do rio Corumbá, município de Corumbá.

— Idem, afluente da margem direita do rio das Almas, município de Jaraguá.

— Rio, afluente da margem esquerda do rio Santa Cruz, município de Palma.

— Idem, afluente da margem esquerda do ribeirão do Veríssimo, município de Luziânia.

— Ribeirão, afluente da margem direita do rio Caboclo, município de Sta. Maria do Araguaia.

— Córrego, afluente da margem direita do ribeirão Biliago, município de Niquelândia.

*Curralinho ou Laje* — Córrego, afluente da margem direita do rio do Sal, município de Luziânia.

*Curtume* — Córrego, afluente da margem esquerda do ribeirão João Aires, município de Boa Vista. (Significa: curtimento, lugar onde se curtem os couros).

— Córrego (do), afluente da margem esquerda do ribeirão Periquitos, município de Corumbaíba.

— Idem, afluente da margem esquerda do rio Padre Souza, município de Pirenópolis.

*Encostinho* — Córrego, afluente da margem direita do ribeirão da Fazendinha, município de Paraúna. (Significa: veja “Encosto”).

*Encosto* — Córrego, afluente da margem direita do ribeirão da Urtiga, município de Mineiros. (Significa: encosto-de-gado, pastagem aproveitada pelo gado numa estação do ano).

— Idem, afluente da margem esquerda do ribeirão da Jacuba, município de Mineiros.

*Entrecosto* — Córrego, afluente da margem direita do rio Bagagem, município de Niquelândia (Significa: carne entre as costelas do boi).

*Erva* — Córrego (da), afluente da margem direita do ribeirão Bezerra, município de Formosa. (Significa: noutros pontos do Brasil, plantas de pasto ou forragem, e ainda o mate. No centro e norte de Goiás, planta venenosa que mata o gado).

*Erval* — Córrego, afluente da margem esquerda do Mato do Reis, município de Luziânia. (Significa: lugar onde há muita *erva*).

*Espeto* — Córrego (do), afluente da margem esquerda do rio Corumbá, município de Corumbaíba. (Significa: o instrumento de pau ou ferro com que se assa a carne).

- Espora* — Córrego (da), afluente da margem direita do rio São Marcos, município de Cristalina.
- Esteio* — Córrego, afluente da margem direita do ribeirão da Arirânia, município de Jataí. (Significa: pau de curral, onde se amarra boi e outros animais).
- Esteios* — —Córrego, afluente da margem esquerda do rio Verde, município de Jataí.  
 — Idem, afluente da margem esquerda de um tributário do ribeirão dos Barros, município de Morrinhos.  
 — Idem, afluente da margem esquerda do rio das Pedras município de Rio Verde.
- Estouro* — Serra (do), entre córregos da Areia e do Pilarzinho, de Niquelândia. (Significa: além de estampido e explosão, a debandada de um rebanho em marcha, tomado de pânico súbito).
- Estribeira* — Riacho, afluente da margem esquerda do riacho Fundo, município de Palma. (Significa: estribo de montar à gine-ta; estribo curto).
- Estribo* — Córrego, afluente da margem esquerda do ribeirão Garapa, município de Piracanjuba.
- Fazenda* — Rio, afluente da margem direita do rio Claro, município de Cavalcante.  
 — Córrego, afluente da margem esquerda do rio Verde, município de Corumbá.  
 — Córrego (da), afluente da margem esquerda do ribeirão Lajinha, município de Jaraguá.  
 — Córrego, afluente da margem direita do córrego do Chaves, município de Morrinhos.  
 — Idem, afluente da margem esquerda do rio das Almas, município de Pirenópolis.  
 — Córrego (da), afluente da margem esquerda do ribeirão Campo Grande, município de Itumbiara.  
 — Idem, afluente da margem esquerda do córrego Castelo Grande, município de Niquelândia.  
 — Córrego, afluente da margem esquerda do rio Bacalhau, município de Niquelândia.
- Fazenda Seca* — Córrego (da), afluente da margem direita do rio dos Patos, município de Pirenópolis.
- Fazenda Velha* — Córrego, afluente da margem direita do rio Palmeiras, município de Dianópolis.

— Idem, afluente da margem direita do ribeirão Curral Queimado, município de Jaraguá.

— Idem, afluente da margem direita do ribeirão das Cobras município de Morrinhos.

— Córrego (da), afluente da margem esquerda do ribeirão Bom Jesus, município de Itumbiara.

*Fazenda do Meio* — Rio, afluente da margem direita do rio do Peixe, município de Goiás.

*Fazendinha* — Córrego, afluente da margem esquerda do rio Turvo, município de Anicuns.

— Idem, afluente da margem direita do rio do Peixe, município de Silvânia.

— Idem, afluente da margem direita do rio Oliveira Costa, município de Corumbá.

— Córrego (da), afluente da margem esquerda do rio Corumbá, município de Corumbá.

— Ribeirão, afluente da margem direita do ribeirão Santa Maria, município de Goiânia.

— Serra (da), entre cabeceiras do ribeirão Bugre, município de Itaberaí.

— Córrego, afluente da margem direita do córrego Paraíso, município de Morrinhos.

— Idem, afluente da margem esquerda do rio Turvo, município de Palmeiras.

— Idem, afluente da margem direita do ribeirão Fernandes, município de Paraúna.

— Ribeirão, afluente da margem direita do ribeirão do Estreito, município de Paraúna.

— Idem, afluente da margem esquerda do rio Vermelho município de Pedro Afonso.

— Córrego, afluente da margem esquerda do ribeirão das Brancas, município de Planaltina.

— Córrego (da), afluente da margem esquerda do rio de Santa Maria, município de Itumbiara.

*Feixo* — Córrego, afluente da margem direita do ribeirão Paraíso, município de Jataí.

— Córrego (do), afluente da margem esquerda do ribeirão S. Bernardo, município de Mineiros.

*Ferrador* — Córrego, afluente da margem esquerda do ribeirão Biliago, município de Niquelândia.

- Ferreirinho* — Córrego, afluente da margem esquerda do rio Ferreiro, município de Goiás.
- Ferreiro* — Povoado, a nordeste da cidade de Goiás, município de Goiás.  
— Rio, afluente da margem direita do rio Vermelho, município de Goiás.  
— Córrego, afluente da margem esquerda do ribeirão do Douradinho, município de Jataí.
- Freio* — *Rio* (do), afluente da margem direita do rio Água Quente, município de S. Domingos.
- Fundo do Carro* — Córrego, afluente da margem esquerda do rio São Bartolomeu, município de Luziânia.
- Furado dos Bois* — Córrego, afluente da margem esquerda do rio São Bartolomeu, município de Luziânia. (Significa: canal que une dois rios; trecho retilíneo de um rio; clareira ou mata virgem).
- Gado Bravo* — Córrego (do), afluente da margem direita do rio Paranã, município de Posse.
- Gambota* — Córrego, afluente da margem esquerda do ribeirão Mesquita, município de Luziânia. (Significa: o mesmo que Cambota, cada uma das duas partes curvas que formam com o meão a roda dos carros de boi).
- Garrote* — Córrego, afluente da margem direita do ribeirão Pipiripau, município de Planaltina. (Significa: bezerro de dois a quatro anos de idade; bezerro em que apareceram os chifres; novilho).
- Gorduras* — Córrego, afluente da margem direita do ribeirão João Pinto, município de Rio Verde. (Significa: o capim também chamado “meloso” na região central de Goiás).
- Gordurinha* — Serra (do), na divisa do município de Luziânia, município de Campo Formoso.  
— Córrego, afluente da margem esquerda do córrego Extrema, município de Campo Formoso.
- Gramma* — Serra (da), entre os ribeirões Extrema e Mombuca, na divisa de Campo-Formoso, município de Luziânia.  
— Córrego (da), afluente da margem esquerda do rio Meia Ponte, município de Inhumas.  
— Idem, segue para o município de Inhumas, onde desemboca no rio Meia Ponte, pela margem esquerda, município de Itaberaí.

*Grama ou capoeirão* — Córrego, afluente da margem esquerda do ribeirão João Leite, município de Anápolis.

*Grota do boi* — Córrego, afluente da margem esquerda do rio Monteiro, município de Luziânia.

*Invernada* — Córrego, afluente da margem direita do Retiro, município de Anápolis. (Significa: pastagem fechada e boa, onde se põe o gado para engordar).

— Idem, afluente da margem esquerda do ribeirão das Antas, município de Anápolis.

— Idem, afluente da margem direita do rio Areias, município de Corumbá.

— Córrego (da), afluente da margem direita do ribeirão da Água Fria, município de Goiandira.

— Córrego, afluente da margem esquerda do rio dos Patos, município de Jaraguá.

— Idem, afluente da margem direita do ribeirão da Invernadinha, município de Jataí.

— Idem, afluente da margem direita do rio Corrente, município de Jataí.

— Idem, afluente da margem esquerda do rio Verde, município de Mineiros.

— Idem, afluente da margem esquerda do ribeirão Mimoso, município de Morrinhos.

— Idem, afluente da margem esquerda do córrego Macacos, município de Palmeiras.

— Idem, afluente da margem esquerda do rio das Almas, município de Pirenópolis.

— Idem, afluente da margem esquerda do córrego Vermelho, município de Pirenópolis.

— Idem, formador do Bálamo, município de Rio Verde.

*Invernadinha* — Ribeirão (da), afluente da margem direita do rio Claro, na divisa do município de Rio Bonito, município de Jataí.

*Jaguanés* — Serra, entre o ribeirão do Retiro e o Córrego da Taioba, município de Pontalina. (Significa: o boi que tem branco o fio do lombo, preto ou vermelho o lado das costelas, e geralmente branca a barriga. Existe também a forma “juguanéz”. Veja o *Vocabulário Analógico*, de Firmino Costa, pág. 26).

*Laranja* — Córrego, afluente da margem direita do rio Paranã, município de Arraias. (Significa: boi cor de laranja).

- Malhada* — Povoado, à margem esquerda do riacho Seco, município de S. Domingos. (Significa: malhada ou lavrada é a vaca listada, betada de preto e castanho. Outras vezes manchada, ou raiada de castanho claro ou escuro conforme Rui Barbosa, “Lições de Coisas”, pág. 193. Pode ser também: curral de malhadouro).
- Malhadinha* — Morro (da), na divisa do município de Formosa, município de Sítio d’Abadia.
- Malhador* — Córrego, formador do córrego dos Bois, município de Jataí. (Significa: o mesmo que *malhadouro*. Veja esta palavra).
- Malhadouro* — Córrego (do), afluente da margem direita do córrego da Limeira, município de Anápolis. (Significa: lugar onde o gado costuma dormir ou em que se abriga da soalheira, à sombra das árvores).
- Mangueiro* — Córrego, afluente da margem direita do córrego Lajeado, município de Itumbiara. (Significa: o mesmo que *mangueira*, grande curral onde se fecha o gado).
- Manguinha* — Córrego (da), afluente da margem esquerda do ribeirão de Pedra Branca, município de Itumbiara. (Significa: pequena manga, pastagem cercada onde se guarda o gado; cercas divergentes para facilitar a entrada do gado no curral; corredor que leva a um rio e serve para guiar os bois quando do seu embarque).
- Marca* — Lagoa (da), tributária do rio Paranã, município de Palma. (Significa: ferro com iniciais ou símbolos, com que os fazendeiros marcam o seu gado; ferrete; sinal feito com ferro em brasa, geralmente no traseiro para distinguir o gado de qualquer fazenda).
- Mascarado* — Córrego, afluente da margem direita do rio Piracanjuba, município de Buriti Alegre. (Significa: que tem a cara branca. “Garrote *mascarado*”).
- Mata Bezerro* — Córrego, afluente da margem direita do ribeirão João Aires, município de Boa Vista.
- Mata gado* — Córrego, afluente da margem direita do ribeirão do Gama, município de Luziânia.  
— Idem, afluente da margem direita do ribeirão Papuão, município de Luziânia.
- Mata Pasto* — Córrego, afluente da margem direita do ribeirão João Leite, município de Anápolis.

*Matança* — Córrego, afluente da margem esquerda do rio Tocantins, município de Boa Vista. (Significa: ato de abater reses para consumo).

— Serra, a noroeste de Babaçulândia, município de Boa Vista.

— Córrego, afluente da margem esquerda do rio das Balsas, município de Natividade.

— Rio, afluente da margem esquerda do rio Tocantins, município de Porto Nacional.

*Milho Inteiro* — Córrego (do), afluente da margem direita do rio Caldas, município de Bela Vista.

*Milho Vermelho* — Córrego, afluente da margem esquerda do ribeirão João Pires, município de Pirenópolis.

— Idem, afluente da margem esquerda do rio São Bartolomeu, município de Luziânia.

*Mocotó* — Córrego, afluente da margem esquerda do rio Padre Souza, município de Jaraguá.

— Córrego (do), afluente da margem esquerda do Panamá, município de Itumbiara. (Significa: patas de bovinos, sem casco, de que se faz um ótimo alimento).

*Moirão* — Córrego, afluente da margem direita do rio Sucuró, município de Jaraguá. (Significa: esteio grosso, fincado nos currais, onde se amarram as reses para a ferra ou marcação, trato, castração, ou para abatê-las; poste reforçado em que firma a cerca de arame. Forma paralela: *mourão*).

*Mondongo* — Córrego, afluente da margem direita do rio das Pedras, município de Pirenópolis. (Significa: vísceras do boi ou vaca de que se faz guisado).

*Moreno* — Córrego (do), afluente da margem direita do ribeirão do Ferro, município de Mineiros. (Significa: boi menos avermelhado que o retinto).

*Mocambão* — Rio, afluente da margem esquerda do Maranhão, na divisa do município de Santana, município de Palma. O “Vocabulário Geográfico do Estado de Goiás” do IBGE, registra *mucambo*, *mucambão* e *mucambãozinho*. (Significa: grande moita ou cerrado de mato, onde se esconde o gado nos sertões, por influência da linguagem nordestina talvez; boi que se esconde nos mocambos ou matos; mocambeiro).

*Mocambãozinho* — Rio, afluente da margem esquerda do rio Maranhão, município de Palma.

*Mocambinho* — Córrego, afluente da margem direita do córrego do Mocambo, município de Silvânia.

*Mocambo* — Córrego (do), afluente da margem direita do rio das Antas, município de Silvânia.

— Povoado, na região meridional do município, próximo ao rio Custódio, município de Palma.

— Ribeirão, afluente da margem direita do rio Tocantins, município de Peixe.

— Rio, afluente da margem esquerda do rio São Vicente, município de S. Domingos.

*Novilho* — Rio, afluente da margem esquerda do rio Crixás Mirim, município de Santana. (Significa: garrote; bezerro depois que rompem os chifres e que não é castrado; boi inteiro ainda novo).

*Novilho de Cima* — Ribeirão, afluente da margem esquerda do rio Novilho, município de Santana.

*Fampa* — Riacho, afluente da margem do córrego Lajinha, município de Palma. (Significa: boi nilo, com a cabeça ou metade dela branca e o resto do corpo de outra cor; cavalo de duas cores).

*Pantanal* — Córrego, afluente da margem direita do córrego Cocal, município de Pirenópolis. (Significa: grande pântano; atoleiro).

*Pantaninho* — Córrego afluente da margem esquerda do ribeirão do Peixe, município de Goiânia.

*Pântano* — Córrego (do), afluente da margem direita do rio Claro, município de Jataí. (Nota: o sertanejo diz *pantano*, que é a prosódia correta).

— Idem, afluente da margem esquerda do rio Corrente, município de Jataí.

— Córrego, afluente da margem esquerda do ribeirão Galheiro, município de Palmeira.

— Idem, afluente da margem esquerda do rio Turvo, município de Palmeiras.

— Idem, afluente da margem esquerda do rio dos Bois, município de Pontalina.

— Idem, afluente da margem esquerda do ribeirão da Ressaca, município de Pontalina.

*Papuã* — Córrego, afluente da margem esquerda do córrego Pedrão, município de Caldas Novas. (Significa: uma espécie de forragem).

— Idem, afluente da margem direita do Boqueirão, município de Rio Verde.

- Pampuã* — Ribeirão (do), afluente da margem direita do rio Babilônia, município de Mineiros. (Corruptela de papuã: uma forragem).
- Parama* — Rio, afluente da margem esquerda do rio Corumbá, município de Corumbá. (Talvez seja corruptela de *paramana*, vocábulo tupi que quer dizer “a erva de pastagem”).
- Pastinho* — Córrego, afluente da margem esquerda do córrego da Ponte, município de Jataí.  
 — Idem, afluente da margem direita do ribeirão Invernadinha, município de Mineiros.  
 — Idem, afluente da margem direita do Palmito, município de Morrinhos.  
 — Idem, afluente da margem direita do córrego Estiva, município de Rio Verde.  
 — Idem, afluente da margem direita do rio Alagado, município de Luziânia.  
 — Idem, afluente da margem esquerda do ribeirão Mesquita, município de Luziânia.
- Pasto* — Córrego, afluente da margem esquerda do córrego Cachoeira, município de Corumbá.  
 — Idem, afluente da margem direita do córrego da Lontra, município de Rio Verde.  
 — Idem, afluente da margem esquerda do córrego Coqueiros, município de Rio Verde.
- Pasto Fechado* — Córrego, afluente da margem esquerda do ribeirão Água Fria, município de Luziânia.
- Pasto das Éguas* — Córrego, afluente da margem esquerda do ribeirão Padre Souza, município de Anápolis.
- Pastor* — Córrego, afluente da margem direita do rio do Peixe, município de Inhumas. (Significa: reprodutor, ganharão, cavalo de padreação).
- Pastorinho* — Córrego, afluente da margem esquerda do ribeirão Cachoeira, município de Morrinhos.
- Pé de Capim* — Córrego, afluente da margem direita do ribeirão Cural Queimado, na divisa do município de Jaraguá, município de Itaberaí.
- Pega Cavallo* — Córrego, afluente da margem esquerda do rio Lajes, município de Palma.
- Pombo* — Córrego, afluente da margem direita do rio Claro, município de Jataí. (Significa: boi branco ou camurça, com os

olhos brancos; cavalo de pele preta, coberta de pelos brancos e com crinas de igual cor; macho da pomba).

— Morro (do), entre o rio Água Quente e o córrego Raizama, município de Posse.

*Porteira* — Córrego, afluente da margem direita do rio Paraim (vocábulo tupi: riozinho), município de Formosa.

— Córrego (da), afluente da margem esquerda do rio do Peixe, município de Jaraguá.

— Idem, afluente da margem esquerda do córrego Água Emendada, município de Mineiros.

— Idem, afluente da margem direita do ribeirão do Salto, município de Mineiros.

— Ribeirão, afluente da margem direita do rio Tocantins, município de Pedro Afonso.

— Ribeirão (da), afluente da margem direita do rio Santa Teresa, município de Peixe.

— Córrego, afluente da margem esquerda do rio das Almas, município de Pirenópolis.

— Idem, afluente da margem direita do rio dos Patos, município de Pirenópolis.

— Idem, afluente da margem direita do rio Padre Souza, município de Pirenópolis.

— Córrego (da), afluente da margem direita do rio Meia Ponte, município de Pontalina.

— Rio, afluente da margem direita do rio Conceição, município de Porto Nacional.

— Córrego, afluente da margem esquerda do rio São Bartolomeu, município de Luziânia.

— Idem, afluente da margem esquerda do rio Monteiro, município de Luziânia.

— Idem, afluente da margem esquerda do ribeirão Santana, município de Luziânia.

— Idem, afluente da margem esquerda do ribeirão Mesquita, município de Luziânia.

— Ribeirão, afluente da margem direita do rio Cana Brava, município de Santana.

— Rio, afluente da margem direita do ribeirão Corcunda, município de Taguatinga.

— Córrego, afluente da margem esquerda do rio do Inferno, município de Taguatinga.

- Forteiras* — Córrego, afluente da margem direita do ribeirão Mombuca, município de Boa Vista.
- Rio, formador do rio Crixás — Açu, município de Pilar.
- Córrego, afluente da margem direita do ribeirão São João, município de Pirenópolis.
- Idem, afluente da margem esquerda do ribeirão Cocal, município de Planaltina .
- Ribeirão (das), afluente da margem direita do rio Verde, município de Rio Verde.
- Pouso* — Córrego (do), afluente da margem direita do ribeirão Formoso, município de Mineiros. (Significa: rancho ou local onde se pouso; os pontos em que se para com as boiadas em marcha).
- Pouso Alegre* — Ribeirão, afluente da margem esquerda do rio dos Patos, município de Pirenópolis.
- Quebra Chifre* — Ribeirão, afluente da margem direita do rio São Marcos na divisa do município de Ipameri, município de Catalão.
- Serra (do), na divisa do município de Catalão.
- Córrego, afluente da margem direita do ribeirão das Areias, município de Jataí.
- Queixada* — Córrego (da), afluente da margem direita do córrego Barreiro, município de Jataí. (Significa no feminino: maxila; mento; osso do queixo, geralmente de gado).
- Ribeirão (da), afluente da margem direita do rio Araguaia, município de Mineiros.
- Córrego (da), afluente da margem direita do rio Paranaíba, município de Itumbiara.
- Córrego (da), afluente da margem esquerda do ribeirão Santa Bárbara, município de Ipameri.
- Idem, afluente da margem esquerda do córrego do Ouro, município de Jaraguá.
- Rabicho* — Córrego, afluente da margem esquerda do rio Maranhão, município de Pirenópolis. (Significa: parte dos arreios, que passa por baixo da cauda do cavalo e vem prender-se à sela; sustentáculo de poste ou mourão, que consiste em fios de arame torcidos e presos a uma estaca cravada na terra; boi sem pelo na extremidade da cauda).
- Idem, afluente da margem esquerda do rio Areia, município de Luziânia.

- Rabo de Cavalo* — Córrego, afluente da margem direita do rio Corumbá, município de Luziânia.
- Ranchinho* — Córrego (do), afluente da margem direita do córrego da Égua, município de Anápolis. (Veja “rancho”).
- Córrego, afluente da margem esquerda do rio Babilônia, município de Mineiros.
- Idem, afluente da margem esquerda do Baixa Fria, município de Palmeiras.
- Rio, afluente da margem esquerda do rio Palmeiras, município de Taguatinga.
- Rancho* — Córrego (do), afluente da margem esquerda do ribeirão Capoeirão, município de Anápolis. (Significa: choça à beira do caminho, para abrigo de viandantes; casa de sapé onde descansam ou vivem os trabalhadores do campo; casa pobre de vaqueiro).
- Córrego, afluente da margem esquerda do ribeirão Santo Antônio, município de Natividade.
- Córrego (do), afluente da margem direita do ribeirão Ja Boa Vista, município de Pontalina.
- Rio (do), afluente da margem direita do rio Crixás, município de Porto Nacional.
- Córrego (do), afluente da margem esquerda do rio Monteiro, município de Luziânia.
- Rancho Queimado* — Córrego, afluente da margem direita do rio Verdinho, município de Rio Verde.
- Retirão* — Córrego (do), afluente da margem direita do rio Caiapó, município de Paraúna. (Veja “retiro”)
- Retirinho* — Córrego (do), afluente da margem esquerda do rio Verde, município de Jataí. (Veja “retiro”).
- Córrego, afluente da margem direita do rio Corrente, município de Aporé.
- Idem, afluente da margem esquerda do ribeirão das Pedras, município de Jataí.
- Idem, afluente da margem esquerda do rio Claro, município de Jataí.
- Idem, afluente da margem direita do córrego Faceira, município de Paraúna.
- Idem, afluente da margem direita do ribeirão Macacos, município de Caiapônia.
- Idem, afluente da margem esquerda do rio S. Francisco, município de Rio Verde.

— Córrego (do), afluente da margem esquerda do ribeirão São Bernardo, município de Mineiros.

— Córrego, afluente da margem esquerda do rio Diamantino, município de Mineiros.

— Córrego (do), afluente da margem direita do rio Verde, município de Mineiros.

*Retiro* — Córrego (do), corre na região meridional do município de Anápolis para o de Silvânia, onde toma o nome de ribeirão das Caldas. (Significa: fazenda onde existe gado somente em certa época do ano; local na roça onde se criam apenas animais de pequeno porte).

— Idem, afluente da margem esquerda do ribeirão da Cachoeira, município de Anápolis.

— Córrego, afluente da margem direita do ribeirão dos Gonçalves, município de Anápolis.

— Morro (do), a sudeste de Nerópolis, município de Anápolis.

— Córrego, afluente da margem esquerda do ribeirão da Capivara, município de Boa Vista.

— Idem, afluente da margem esquerda do ribeirão Campo Alegre, município de Boa Vista.

— Córrego (do), formador do Indaiá, município de Silvânia.

— Córrego, afluente da margem esquerda do ribeirão Piracanjuba, município de Silvânia.

— Córrego (do), afluente da margem direita do Barreiro, município de Buriti Alegre.

— Córrego, afluente da margem direita do rio Corumbá, município de Campo Formoso.

— Idem, afluente da margem direita do ribeirão Santa Bárbara, município de Campo Formoso.

— Idem, afluente da margem esquerda do rio Piracanjuba, município de Campo Formoso.

— Córrego (do), afluente da margem esquerda do ribeirão da Taboca, município de Formosa.

— Córrego, afluente da margem esquerda do rio Veríssimo, município de Goiandira.

— Córrego, afluente da margem direita do rio Meia Ponte, município de Goiânia.

— Morro (do), entre o córrego do Algodão e o de Açude, município de Goiânia.

— Rio, afluente da margem esquerda do rio Vermelho, município de Goiás.

- Córrego, afluente da margem direita do rio Roncador, município de Goiás.
- Córrego, afluente da margem esquerda do rio do Peixe, município de Jaraguá.
- Idem, afluente da margem direita do rio das Almas, município de Jaraguá.
- Idem, afluente da margem direita de um tributário do rio Verde, município de Jataí.
- Idem, afluente da margem esquerda do rio Claro, município de Jataí.
- Idem, afluente da margem esquerda do rio Babilônia, município de Mineiros.
- Córrego (do), afluente da margem direita do ribeirão da Urtiga, município de Mineiros.
- Córrego, afluente da margem direita do ribeirão do Salto, município de Mineiros.
- Córrego (do), afluente da margem direita do ribeirão da Jacuba, município de Mineiros.
- Ribeirão (do), afluente da margem esquerda do ribeirão da Várzea ou Samambaia, na divisa do município de Goiatuba, município de Morrinhos.
- Córrego, afluente da margem esquerda do ribeirão do Mimoso, município de Morrinhos.
- Idem, afluente da margem esquerda do ribeirão da Formiga, município de Morrinhos.
- Idem, afluente da margem direita do rio Paranã, município de Palma.
- Idem, afluente da margem esquerda do rio Boa Ventura, município de Palma.
- Idem, afluente da margem esquerda do rio Borá, município de Palmeiras.
- Idem, afluente da margem esquerda do rio Turvo, município de Palmeiras.
- Córrego (do), afluente da margem direita do rio dos Bois, município de Palmeiras.
- Idem, afluente da margem direita do S. Sebastião, município de Palmeiras.
- Córrego, afluente da margem esquerda do rio Capivari, município de Palmeiras.
- Idem, afluente da margem esquerda do ribeirão da Onça, município de Palmeiras.

- Idem, afluente da margem direita do ribeirão Bonito, município de Paraúna.
- Idem, afluente da margem esquerda do ribeirão Santo Antônio, município de Paraúna.
- Córrego (do), afluente da margem direita do rio Turvo, município de Paraúna.
- Córrego, afluente da margem direita do Veredão, município de Paraúna.
- Córrego (do), afluente da margem direita do ribeirão do Estreito, município de Paraúna.
- Ribeirão, afluente da margem esquerda do rio Vermelho, município de Pedro Afonso.
- Serra (do), a sudeste da vila da Primavera, município de Pedro Afonso.
- Ribeirão, afluente da margem esquerda do rio das Almas, município de Peixe.
- Córrego, afluente da margem esquerda do rio Padre Souza, município de Pirenópolis.
- Idem, afluente da margem direita do rio das Pedras, município de Pirenópolis.
- Idem, afluente da margem esquerda do rio Fidalgo, município de Pirenópolis.
- Idem, afluente da margem esquerda do rio dos Patos, município de Pirenópolis.
- Ribeirão (do), afluente da margem esquerda do rio dos Bois, município de Pontalina.
- Córrego, afluente da margem direita do córrego Barreiro, município de Pouso Alto.
- Idem, afluente da margem direita do rio Alegres, município de Rio Verde.
- Idem, afluente da margem esquerda do rio Alegres, município de Rio Verde.
- Idem, afluente da margem esquerda do ribeirão Santana, município de Luziânia.
- Idem, afluente da margem direita do rio Vermelho, município de Luziânia.
- Idem, afluente da margem esquerda do rio Ponte Alta, município de Luziânia.
- Córrego (do), afluente da margem esquerda do rio Meia Ponte, município de Itumbiara.

— Córrego, afluente da margem direita do rio Macaco, município de Santana.

— Córrego, afluente da margem esquerda do rio Bagagem, município de Niquelândia.

— Morro (do), entre nascentes do córrego Cabeçada, município de Niquelândia.

— Povoado, à margem esquerda do ribeirão S. Gonçalo município de Taguatinga.

*Retiro Velho* — Córrego, afluente da margem direita do rio S. Domingos, município de Jataí.

— Idem, afluente da margem esquerda do rio da Prata, município de Jataí.

— Idem, afluente da margem esquerda do rio Aporé, município de Aporé.

— Idem, afluente da margem direita do ribeirão das Pedras município de Jataí.

— Idem, afluente da margem direita do córrego do Chaves, município de Morrinhos.

— Idem, afluente da margem esquerda do rio Paranã, município de Palma.

*Retiro ou Boqueirão* — Córrego, município de Piracanjuba.

*Retiro do Meio* — Córrego, afluente da margem direita do ribeirão da Extrema, município de Pirenópolis.

*Retiro dos Porcos* — Córrego, afluente da margem direita do rio Verdinho, município de Rio Verde.

*Rodeador* — Córrego, afluente da margem esquerda do ribeirão Batata, município de Planaltina. (Significa: o mesmo que rodeio; lugar onde se reúne o gado no campo a fim de se proceder à revista, marcação e tratamento).

— Idem, afluente da margem esquerda do ribeirão Garapa, município de Luziânia.

-- Rio, afluente da margem esquerda do "Maria do Ó", município de Luziânia.

*Rodeio* — Córrego (do), afluente da margem direita do rio Turvo, município de Paraúna.

*Ronda* — Córrego (da), afluente da margem direita do rio Paranaíba, município de Rio Verde. (Significa: lugar onde pasta a tropa ou o gado, sob as vistas de camaradas; ronda-viva é a que se faz à noite, com fogueiras em volta dos animais).

*Rosilho* — Córrego, afluente da margem esquerda do rio Verde, município de Jataí. (Significa: cavalo de pelos brancos em

mistura com maior número de outros vermelhos ou escuros, daí: *rosilho vermelho* e *rosilho mouro*).

*Sal* — Rio (do), afluente da margem esquerda do Maranhão, município de Luziânia.

*Saleiro* — Córrego, afluente da margem direita do rio Meia Ponte, município de Inhumas. (Significado: diz-se do gado habituado a comer sal; lugar onde se põe o sal para o gado ou em cujo solo há princípios salinos).

*Salgadeira* — Córrego, afluente da margem direita do rio São Bartolomeu, município de Luziânia. (Significa: cocho em que se dá sal ao gado).

*Salina* — Córrego, afluente da margem direita do córrego Cavallo Morto, município de Goiânia. (Significa: monte de sal, mina de sal-gema).

*Sete-Couros* — Córrego, afluente da margem esquerda do ribeirão Samambaia, município de Formosa.

*Sítio* — Ribeirão (do), afluente da margem esquerda do rio das Almas, na divisa do município de Pilar, município de Santana.

— Córrego, afluente da margem esquerda do ribeirão S. Domingos, município de S. Vicente.

— Igarapé, afluente da margem esquerda do rio S. Domingos, município de S. Vicente.

*Sítio Novo* — Córrego, afluente da margem direita do ribeirão Palmital, município de Itaberaí.

— Córrego (do), afluente da margem direita do ribeirão da Mata, município de Jaraguá.

— Córrego, afluente da margem direita do rio Fidalgo, município de Pirenópolis.

— Idem, afluente da margem direita do ribeirão Pipiripau, município de Planaltina.

— Idem, afluente da margem direita do rio Alagado, município de Luziânia.

— Idem, afluente da margem direita do rio Maranhão, município de Niquelândia.

*Sítio Novo ou Vendinha* — Córrego, município de Formosa.

*Sítio Velho* — Córrego, afluente da margem direita do rio Corumbá, município de Corumbá.

*Sítio da Abadia* — Cidade, sede do distrito, do município e do termo de Sítio da Abadia, pertencente à comarca de Posse.

- Sítio das Pedras* — Córrego, afluente da margem esquerda do Corumbá, município de Corumbá.
- Sítio de Campo* — Córrego, afluente da margem esquerda do ribeirão Palmital, município de Itaberaí.
- Sítio do Meio* — Córrego, afluente da margem direita do córrego Extrema, município de Anápolis.
- Sola* — Ribeirão, afluente da margem direita do rio dos Patos, município de Pirenópolis. (Significa: couro curtido de boi, para fabricação de calçados e outros artigos).
- Solta* — Córrego, afluente da margem esquerda do rio Arraias, município de Boa Vista. (Significa: peias para cavalgadura; criação de gado à solta; inverno; manutenção do gado na engorda).
- Idem, afluente da margem direita do ribeirão da Corda, município de Boa Vista .
- Surrão* — Córrego, afluente da margem esquerda do ribeirão Melchior, município de Luziânia. (Significa: bolsa de couro).
- Tropeiro* — Córrego, afluente da margem direita do rio Verde, município de Jataí.
- Vaca* — Córrego (da), afluente da margem direita do rio Maranhão, município de Pirenópolis.
- Idem, afluente da margem direita do rio do Freio, município de S. Domingos.
- Vaca Brava* — Córrego, afluente da margem direita do córrego Cascavel, município de Goiânia.
- Vaca Morta* — Córrego, formador do ribeirão Canoa, município de Boa Vista.
- Idem, afluente da margem direita do rio do Peixe, município de Inhumas.
- Idem, afluente da margem direita do ribeirão Rosa Maria, município de Jaraguá.
- Idem, afluente da margem esquerda do rio Paranã, município de Palma.
- Idem, afluente da margem esquerda do córrego Santa Rosa, município de Palmeiras.
- Vacas* — Córrego (das), afluente da margem direita do córrego Chapada, município de Silvânia.
- Idem, afluente da margem direita do riacho Ventura, município de Posse.
- Vala* — Córrego, afluente da margem direita do ribeirão da Boa Vista, município de Rio Verde. (Significa: vala cabocla, es-

22. cavação com que se cercavam as pastagens antes do arame farpado. No sudoeste era trabalho de escravo e branco assalariado).

*Valo* — Córrego (do), afluente da margem direita do ribeirão do Salto, município de Mineiros. (Significa: o mesmo que vala, valado).

— Córrego, afluente da margem direita do ribeirão Grande, município de Mineiros.

*Vaquejador* — Córrego, afluente da margem direita do rio da Ponte, município de Dianópolis. (Significa: caminho largo por onde os vaqueiros, no norte, conduzem o gado dos pastos aos currais ou de uma fazenda a outra; picada ampla, aberta para os campos, nas fazendas de criar; estrada real).

*Vertente das Éguas* — Córrego, afluente da margem esquerda do ribeirão Bom Jesus, município de Itumbiara. (Significa: declive por onde vertem as águas; diz-se das águas que descem pela encosta dos montes).

*Vertente do Retiro* — Córrego, afluente da margem direita do rio S. Bartolomeu, município de Luziânia.

---

*Fonte:* — “Vocabulário Geográfico do Estado de Goiás”

*Contribuição para o Dicionário Geográfico Brasileiro*

*IBGE — Conselho Nacional de Geografia*

*Rio de Janeiro — 1957*

*Prof. Luiz Gonzaga de Faria*

Após o Grito do Ipiranga, feito heróico que simboliza o ato decisivo de nossa independência, a exaltação popular que repontou dessa epopéia propagou-se rapidamente por toda a ampliação geográfica do Brasil, já com foros de terra livre e redimida.

Mas o Estado recém-instituído, em vez das calmarias bonancosas de que precisava para a estruturação política de sua nova forma de governo, divisou apreensivo, nos seus horizontes ameaças de borrascas inquietadoras.

A reação abrupta dos reinóis, dispostos a não perder o fabuloso potencial de riquezas de seus ex-domínios coloniais, eclodiu em diferentes pontos do país.

Enfrentando luta séria contra os cortezãos inconformados e ainda a braços com medidas drásticas para pacificar as agitações políticas internas, o temperamental e valente Imperador sentia-se cambaleiar numa espiral de incertezas, que parecia por em perigo a consolidação da soberania que dera ao Brasil.

Era preciso ação imediata, decisão pronta e sutil habilidade no manejo dos homens e da política e, sobretudo, muito tino e coragem ante acontecimentos explosivos e desatinados.

Ocorrências graves e inesperadas, em curto espaço de tempo desviaram a marcha dos fatos de seu roteiro natural, modificando profundamente a própria filosofia que antes orientava o pensamento político da maioria dos líderes de então.

Até 1821, quando do regresso de D. João VI a Portugal, ainda pairava nos ares do Brasil a influência do liberalismo francês de 1789,

que além de ter inspirado a Inconfidência Mineira, criara cerne rijo no espirito de forte corrente separatista.

Já em 1822, feita a independência, a pragmática do constitucionalismo inglês, modelada no parlamentarismo, radicou-se nas idéias de muitos valores políticos da época, que esperançosos, prelibavam nossa institucionalização sob as normas desses princípios.

Mas, Pedro I já Imperador, José Bonifácio quase um condestavel, e seus áulicos incondicionais revelando tendências francamente absolutistas, faziam lembrar os principios da Santa Aliança, gerados nas reivindicações dos reis e ditados pelas regras do absolutismo.

Esta última corrente pontificava, em parte, pois o próprio Imperador a comandava e José Bonifácio, a seu modo, com argúcia e inteligência, já pensava em sedimentar uma monarquia unitária.

Os liberais sabiam do que se passava nos bastidores reacionários e apoiavam os movimentos políticos que lutavam pela democracia mesmo enfrentando a perola do estado de graça.

Alem de dissentimentos pessoais, controvérsias de natureza diversa e surdas competições políticas fervilhavam nos corredores do Paço Imperial.

A luta incondicional que nossa História intitula de "Guerra da Independência", cujo foco principal foi a Bahia, alastrar-se-ia celeremente por Pernambuco, Piauí, Maranhão, e Pará e, no extremo sul do país, poria em fogo a Província Cisplatina.

Mais ainda; além da situação financeira verdadeiramente caótica, o Governo Imperial estava informado de que em diversas províncias haviam, eclodido sérias agitações politico-partidárias, em franca degladição pela conquista do poder no novo regime.

O Imperador porém, não estava só.

Acima das pessoas, dos títulos e das posições estava o Brasil.

Uma legião espartana de incontestaveis patriotas estava em posição de sentido, aguardando o chamamento para entrar em ação.

Militares, juristas, sacerdotes, políticos e até homens-de-negócio, foram chamados para missões diversas, em diferentes pontos deste país quase continental.

A Província de Goiás, cá nos ermos de seu longínquo sertão, também teve seus dramas políticos e seus ânimos encrespados e, assim veio para o palco dos acontecimentos.

Já no ocaso do antigo regime governava a Província o Brigadeiro Manoel Inácio Sampaio, já sem autoridade e desmoralizado.

Havia no governo confusão generalizada e a situação se transformara num verdadeiro caos administrativo, político e social.

Para culminar, o norte e o sul da Província se desentenderam seriamente, entrando em choque armado, tomando esse estado de cousas o aspecto de flagrante revolução.

Tão logo se pôs a par desses acontecimentos, o Imperador, sem tardança, escolheu um dos mais experimentados valores entre seus assessores de escól e o enviou a Goiás, para a pronta pacificação dos ânimos na grande província central, dando-lhe credenciais e conferindo-lhe autoridade inteira.

Esse homem de confiança foi Raimundo José da Cunha Mattos.

A cidade de Faro, capital da Província do Algarve, situada no extremo sul de Portugal, era uma das mais antigas do país, trazendo na longa fieira de sua existência, mais de um milênio de História.

Nas bordas do Atlântico, num ninho pitoresco de paisagens magníficas, Faro é bem construída, muito sólida, possuindo numerosos monumentos muito antigos e a pouca distância das famosas ruínas de Estoy.

Aí nasceu Raimundo José da Cunha Mattos, a 2 de novembro de 1776.

Cunha Mattos era filho de Alexandre Manoel da Cunha Mattos e de D. Isabel Teodora Cecilia de Oliveira.

Fez seus primeiros estudos na cidade natal, porém, querendo ir mais longe, Cunha Mattos, aos 17 anos, sentou praça como voluntário na Companhia de Artífices do Regimento de Artilharia do Reino, mostrando nesse gesto, sua coragem e tenacidade.

Entrou para o exército pela porta aberta ao povo.

Logo no início de sua vida militar deu prova de sua vocação, mostrando coragem e revelando capacidade técnica na carreira.

Tomou parte ativa nas linhas de fogo, quando Portugal aliado à Espanha, em plena guerra, enfrentou os exércitos aguerridos de Napoleão Bonaparte.

Ainda na luta contra os franceses tomou parte na Campanha do Roussillon, onde é ferido em combate, marcando-se como herói de guerra.

Pouco mais tarde, firmou de vez suas tendências para a vida militar.

Fez o curso de Matemática pura, aplicada à prática de artilharia, que era a arma mais poderosa e respeitada da época, considerada como pilar de segurança das táticas napoleônicas.

Era então a arma que se manejava utilizando a precisão do cálculo.

Cunha Mattos tornou-se um artilheiro de reconhecido valor.

Os árduos embates da vida de soldado, os lances emocionantes e envolventes de que ele, então participa, influem poderosamente no seu espírito, e ainda em plena juventude, sente transmutar-se profundamente sua formação.

Finda a luta contra os franceses Cunha Mattos continúa no exército.

Dotado de excepcional inteligência e de espírito crítico por demais aguçado, além de extraordinário poder de observação, Cunha Mattos escreve suas memórias, pondo em destaque notas analíticas das operações militares nas lutas contra Napoleão, apontando falhas graves dos generais espanhóis e, a significativa deficiência dessas falhas, frente ao inimigo comum, trazendo desastrosas consequências para os aliados.

Sua conduta ilibada no seio do exército, seu reconhecido espírito de observador metuculoso, seu interesse incondicional e despreendimento pela grande de sua pátria, são condições e virtude que o põem em destacado relêvo.

As ilhas de São Tomé e Príncipe, ao largo das costas da África, então eram pontos extratêgicos e de nevalgica importância para os interesses de Portugal, sobretudo para os seus roteiros marítimos.

A presença ali de um dirigente dinâmico, de um administrador hábil e revestido de ampla autoridade, era exigência imediata e inadiável.

Cunha Mattos encarnava tudo isso e foi nomeado para exercer em comissão esse cargo, como furriel de marinha.

Seu trabalho foi logo reconhecido como de inestimável valor para os interesses da Metrópole e por isso Cunha Mattos ali permaneceu por dezenove anos.

Naquelas ilhas acumulou um lastro consideravel de conhecimentos, como auxiliar imediato do governo, e adquiriu prática no manejo da coisa pública.

Em 1806 é nomeado pelo Príncipe Regente, D. João, ainda no reinado de D. Maria I, auxiliar efetivo e imediato do Governo.

Em 1810 recebe o posto de Sargento-Mór, patente importante para a época.

De 1811 a 1815 Cunha Mattos, por merecimento, ocupa os cargos de Procurador dos Feitos e o de Provedor da Fazenda e Alfândega.

Mas o pendor intelectual, cada vez mais nele se manifesta.

Em 1815, pela primeira vez, Cunha vem ao Rio de Janeiro, vem a chamado do Governo e para ficar.

O Governo o recebe com a devida consideração e o promove a Tenente-Coronel Graduado, em 1816.

Até aí sua carreira foi feita exclusivamente a custa de seus próprios esforços e de seus méritos pessoais.

Faltara-lhe oportunidade para galgar postos de comando ou posição de cúpula.

Por fim chega-lhe o coronelato e logo em seguida comandos lhe são confiados.

Um outro estirão de sua vida digna e útil vai começar.

A continuada posição de subalterno vai ser substituída por uma outra de ascendência e brilhante.

Em 28 de maio de 1818, concede-lhe D. João VI as dragonas de Coronel Graduado de Artilharia e, em seguida importante missão lhe é destinada em Pernambuco.

Para lá seguiu em cumprimento do dever. Foi nomeado para acompanhar àquela província o Capitão-General Luiz do Rego Barreto, que a 29 de junho receberia o governo das mãos de Pereira Lobo, já em Olinda.

Cunha Mattos assiste ali os últimos combates e, em seguida o longo e conturbado processo, que termina por condenar quase sumariamente os principais implicados na famosa revolução.

Revolta-se Cunha Mattos contra tamanha iniquidade e clamorosa injustiça, chegando a dirigir-se ao próprio governo, denunciando abertamente as desumanas arbitrariedades ocorridas nos processos.

Em suas memórias ele denuncia, com marcante destemor, o Conde dos Arcos, como responsável direto pelos fusilamentos do ardoroso Padre Miguelinho, Padre Roma, de Luiz de Mendonça e de Domingos José Martins.

Foi isso uma prova de seu espírito de justiça e de sua incontestável e reconhecida coragem pessoal.

Angustiado pelo que presenciou, regressa à Corte, onde é imediatamente designado para o importante cargo de vice-inspetor do Arsenal do Exército.

Em 1821, D. João VI, premido pelas exigências das Cortes de Lisboa e ainda pelas agudas contingências do momento, volta para Portugal.

D. Pedro é o Regente.

Entra para a História a página momentosa de "O FICO".

Ocorre o episódio inglório da Divisão Auxiliadora, onde Jorge Avilez vê frustrada a última tentativa de conduzir de volta D. Pedro, a Portugal, fato que põe em evidência, como chefe militar, a figura do grande general goiano, que foi Xavier Curado.

Cunha Mattos, amigo pessoal de D. João VI e do Príncipe Regente, tem seu ponto de vista firmado e se silencia ante os fatos que culminam com a proclamação de nossa independência.

A independência está feita e o Brasil é dono de sua soberania.

O país defronta novos horizontes e busca outros rumos, certo de que tropêços e impecilhos diversos lhe serão postos no caminho.

Ânimos e forças se arregimentam para conclamar o país à ordem, e medidas austéras são postas em prática.

Um dos focos de agitação é Goiás.

D. Pedro, ciente dos acontecimentos, chama Cunha Mattos e o envia a Goiás, em missão militar, credenciado para tudo fazer no sentido de pacificar os ânimos rebelados na longínqua província do Brasil Central.

Cunha Mattos, então, escreve a página mais significativa de sua vida militar.

Sua viagem do Rio de Janeiro a Goiás, foi rápida, como exigiam os acontecimentos que agitavam a grande província central.

Tão logo ali chegou, sondou com a sagacidade de militar escolado, a real situação do ambiente político e do meio social.

Tudo era caótico.

Constatou que nas áreas daquela grande contraste regional tudo se encontrava na mais completa desorganização, ou pior, o próprio governo estava desmoralizado e a decadência era calamitosa.

De início, para reorganizar os serviços públicos, para por em ordem a administração e, principalmente, reordenar o fisco e a arrecadação dos impostos, como a mais premente medida de salvação, era a de reimpor a autoridade, senão respeitada e acatada, pelo menos obedecida por temor à punição.

Para chegar a essa solução foi preciso recompor e fortalecer a já quase inexistente guarnição militar da província, onde não encontrou um único oficial efetivo em exercício.

Os poucos existentes estavam processados por crimes políticos e aguardavam julgamento, fora da tropa mesmo irregular.

Constatou, ao mesmo tempo, Cunha Mattos, que o meio social estava francamente corrompido, crivado de vícios, e sem nenhuma liderança capaz de moralizar esse lamentável estado de cousa.

Cunha Mattos sentiu logo que tinha que se transformar mais num orientador social, num moralista prático, num colonizador ponderado, do que agir simplesmente como chefe militar, rijo e severo.

Teve que elaborar e por em prática, com habilidade e segurança, um programa de cunho social, como a mais salutar medida para aquele ambiente contaminado.

A Junta Governativa, interina, que se achava à frente da administração pública, aguardando a chegada do presidente efetivo, que seria Caetano Maria Lopes da Gama, mais tarde Marquez de Maranguape, estava em péssima situação.

Em 25 de novembro de 1822, essa mesma Junta Governativa, em ato francamente faccioso, envia o Pe. Luiz Gonzava de Camargo Fieury, munido de poderes, à Comarca do Sul, então em luta com o Norte.

Cunha Mattos, probo, justo mas de temperamento violento, se insurge contra essa medida flagrantemente unilateral, fazendo sentir a todos que o exército não se subordina a facções, mas age apenas na defesa do interesse coletivo, a bem da paz e da ordem.

Esse bravo militar, cada vez mais se interessa por Goiás, estudando a terra, observando o povo e seus hábitos, as condições de vida e, sobretudo, procurando compreender e remediar a precária situação financeira, como verdadeira tábua de salvação.

Além de chefe de missão militar Cunha Mattos acaba por interferir francamente na administração pública, setor onde se revela dono de extraordinária capacidade da ação.

Cunha Mattos, dentro em pouco, torna-se respeitado e admirado por uns, e, temido por outros.

A malta grossa de aventureiros, de aproveitadores e dos forada-lei vai se raleando, diante da autoridade já robustecida de Cunha Mattos.

Em suas memórias, lê-se textualmente o seguinte tópico:

“Não há homens ricos, as fábricas são pequenas, a mineração acha-se extinta, a miseria aumenta, e este belo território, dentro em pouco, será coberto de feras e índios selvagens, se o governo de S.M. não o livrar do abismo em que vai precipitar-se”.

Por aí vê-se que Cunha Mattos foi uma conquista providencial para província de Goiás, que sentia as duras consequências de se situar tão distanciada da administração central, pela imposição de um determinismo geográfico.

Cunha Mattos não media esforços para atirar os fins propostos nos seus planos.

Lutou como um bravo contra a anarquia, a solércia, a incúria e a inveja.

As intrigas dos descontentes se infiltravam por toda parte, sobretudo a intriga política, mais ferina e mais traiçoeira.

Seu plano militar, como caminho mais seguro e mais direto para atingir os fins colimados, em caráter pacífico, era amplo, comedido e generalizado, devendo integrar a própria vida do povo.

Era um plano que abrangia a reeducação social, a instrução pública à altura de todos e a própria melhoria de vida da população.

Para tanto, conseguiu, em parte, recompor o exército sob seu comando, dando-lhe melhor assistência material e, até certo ponto, levantar a moral da tropa, já mais fortalecida e quase disciplinada.

Quando levava de vencida esse grande plano, foi acusado pelos que o temiam, como conspirando, procurando fortalecer e arregimentar as tropas do exército para depor o governo da província, ainda num verdadeiro mar de intrigas e de desmoralização.

Nesse interim, chega à Cidade de Goiás a notícia alarmante de que os Canociros, mestiços de carijós com negros, mescla degenerada oriunda de raças inferiores, tinham atacado Paranatinga, São Felix e Amaro Leite.

Cunha Mattos, sempre alerta e em posição de sentido, pronuncia-se a por termo àquela insidiosa arrancada dos selvagens e ordena uma expedição ao norte da província.

Quando em aprestos para essa urgente expedição, chegou ao seu conhecimento, que no norte, à revelia de qualquer medida de ordem legal, apareceram, inopinadamente, autoridades políticas e até autoridades ditas militares.

O temperamento de Cunha Mattos não suportava acinte de tal natureza e o grande e austero chefe militar protesta com veemência contra essa flagrante clandestinidade que, às escâncaras, recebia apoio da própria Junta Governativa, que apesar de em mulambos, tudo fazia para ferir os brios do destemido soldado.

Revoltado contra essa insólita comédia, como ele dizia, Cunha Mattos num inteligente e corajoso golpe de audácia, convoca um Conselho de Guerra, como remédio drástico para aquele momento.

A 19 de setembro essa assembléia se reúne e, após ponderosas razões expostas pelo Comandante das Armas, cede plenamente e Cunha Mattos sai vitorioso e revigorado, dessa expúria tentativa de diminuir seu prestígio pessoal e sua autoridade no comando.

A 20 de setembro de 1823 reúne duas companhias de dragões e a única companhia de infantaria que havia na Cidade de Goiás,

isto é, toda a tropa de 1ª linha, e ruma em direção a Pilar, destinando-se à Natividade, onde pretendia fixar seu quartel-general.

A 1ª de outubro chega a Pilar.

Os recursos financeiros para levar ao fim empreendimento de tal envergadura, para a época e naquele meio, exgotaram-se totalmente.

Cunha Mattos não se dá por vencido, dono que é de grande capacidade de improvisar.

Recorre à subscrição popular afim de angariar fundos necessários para compra de animais e demais acessórios imprescindíveis para o êxito dessa expedição, que ele reputava de visceral importância.

Seu sucesso é surpreendente e ele se sente reconfortado.

Debaixo de chuvas torrenciais segue seu percurso por estradas invias e infundáveis.

Atravessa o Tocantins sob dificuldades inauditas, pois não dispunha de canoas.

Continuando, sem esmorecimento, passa por Água Quente e Cocal e acaba por atingir Traíras, a 10 de outubro do mesmo ano.

Ali é recebido com festas triunfais pelo famoso Padre Silvestre Alvares da Silva, vigário colado da freguesia, Cavaleiro da Ordem de Cristo e um dos nomes mais ilustres e prestigiados da província.

Cunha Mattos, diante de sua tropa, exatamente no dia 12 de outubro, data natalícia de D. Pedro I, em nome de quem ali se achava, pronunciou eloquente e substancioso discurso, pondo o povo ciente da realidade das cousas, da calamidade pública que assolava a província e quais os remédios para males tão aflitivos e desoladores.

Seu plano ia muito mais longe, porém ocorrências várias e obstáculos não previstos, obrigaram o ilustre soldado a modificar seu roteiro.

Lamentou profundamente não lhe ter sido possível descer até a foz do Pacuraí no Araguaia, região onde se distendia vastidão de terras desertas, então pertencentes a Goiás. e ocupadas por tropas paraenses.

Cunha Mattos, no norte, continua observando tudo, tudo penetrando com acuidade, como o meio social, as condições de vida da população, e a própria natureza é objeto constante de seu estudo e de sua admiração.

É quando Cunha Mattos se revela um geógrafo improvisado, um historiador por vocação a até muito de sociólogo.

Em uma carta à sua filha diletta, Grácia Hermelinda, a pro-

pósito de suas observações, Cunha Mattos faz a seguinte afirmação: “Um dos maiores flagelos do norte de Goiás, era, nesse tempo, a quantidade de jornais que pregavam as mais absurdas teorias políticas. Todos eles como O Tamoio, A Sentinela, O Correio do Povo e outros, faziam abertamente a propaganda republicana”.

Para combatê-los Cunha Mattos redigia instruções políticas, explicando, em clara linguagem de alcance popular, que a monarquia constitucional, forma de governo adotada no Brasil, era a que maiores vantagens oferecia à nação.

Pelo que havia constatado no decurso de suas viagens, a catequização dos índios, era, sem dúvida, o problema que deveria preocupar a atenção dos administradores da província, de maneira mais objetiva.

E esse problema tornou-se também seu principal problema.

Em 1824 entrou em contato com os Cherentes, então bastante numerosos e agressivos.

O encontro se verificou na aldeia desses índios, que ficava junto à conferência do rio Taquarussú com o Tocantins.

Com esses índios firmou um pacto importante, pelo qual os ditos índios passariam a viver em paz e a obedecer e respeitar o governo provincial, e realmente cumpriram.

Com essa e muitas outras medidas ponderosas e inteligentes, Cunha Mattos deixava o norte praticamente pacificado e em relativa ordem.

Inteiramente senhor da situação no norte, destituiu de seus postos as tais autoridades ali colocadas clandestinamente e sem amparo da lei, substituindo-as por pessoas capazes e de sua confiança.

O Padre Luiz Gonzaga de Camargo Fleury, responsável pela imposição dessas supostas autoridades agora destituídas, recorreu depois a Cunha Mattos, para ali conter seus partidários, que haviam se revoltado.

Outras localidades, ainda recalcitrantes, vendo que nada mais deviam ou podiam esperar, submeteram-se logo.

E Cunha Mattos, nimbado pela aureola da vitória, da paz e da honra sentia-se realizado por ter cumprido seu dever.

Entretanto, um ato do Imperador, viria mudar a face das coisas, em Goiás, sobretudo com relação a Cunha Mattos.

Foi a Lei de 20 de novembro de 1823, que subordinava, daquela data em diante, a autoridade do comando militar das províncias, ao presidente no exercício do cargo, conhecida em Goiás com grande atrazo.

Cunha Mattos compreendeu então, que para o seu caso pessoal, tinha soado um toque de silêncio e um ponto final encerrava suas atividades nessa terra que ele conheceu de perto, tanto serviu e amou com devotamento comprovado.

Foi realmente grandiosa a obra de Cunha Mattos em Goiás, considerando sobretudo as dificuldades da época e os grandes entraves que o ilustre varão encontrou pela frente.

Após a dissolução da Constituinte, em 1823, foi nomeado presidente da província de Goiás, Caetano Maria Lopes da Gama, mais tarde Marquez de Maranguape e grande do Império, que muito demorou para se empossar no cargo.

Cunha Mattos permaneceu no seu posto, por fidelidade ao Imperador, mas nada mais pôde fazer dentro de seu "grande plano", como ele mesmo dizia.

Pouco tempo mais tarde, depois de séria desavença com o presidente Lopes da Gama, Cunha Mattos dá por terminada sua brilhante e profícua missão em Goiás e deixa, com pesar, a terra a que estava ligado por adoção.

Não foi somente o trabalho penoso de administrador, de chefe militar e até de colonizador que Cunha Mattos legara a Goiás, mas, sua inteligência privilegiada, seu espírito atilado de observador e sua incrível capacidade de trabalho enriqueceram a História e a Geografia de Goiás com duas obras "inigualáveis no gênero", segundo o juízo do grande Americano do Brasil.

Essas obras notáveis foram a Corografia Histórica de Goiás e Itinerário, trabalhos que vêm prestando relevantes serviços cultura, em Goiás.

Cunha Mattos deixou Goiás mas o povo goiano lhe foi reconhecido, elegendo-o como seu representante, em 1826, no Parlamento.

Foi reeleito para a legislatura de 1830 a 1833 e, no Parlamento transformou-se num nacionalista incondicional, defendendo arduamente a industrialização do país.

Nunca mais voltou a Goiás, onde deixou um traço profundo da grandeza de sua personalidade e de seu valor de homem público.

Fora da política e da vida militar, dedicou-se Cunha Mattos à vida intelectual, tornando-se um dos baluartes na luta pela fundação de uma instituição que se dedicasse aos estudos da História e da Geografia do Brasil.

Dessa luta repontou a vitória dos que dela participaram, nascendo daí O Instituto Histórico e Geográfico do Brasil.

Cunha Mattos, ao lado de Januário da Cunha Barbosa, do Visconde de Jerumirim, do Visconde de São Leopoldo e outros, foi um dos mais categorizados fundadores do Instituto.

Cunha Mattos foi Marechal de Campo do Exército Brasileiro, deputado às duas primeiras legislaturas do Império, representando Goiás, fundador do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Vogal do Conselho Supremo da Justiça Militar, Sócio Correspondente do Instituto Histórico da França, e da Academia Real de Ciências de Lisboa, Oficial da Imperial Ordem do Cruzeiro, Comendador da Ordem de São Bento de Aviz.

Cunha Mattos, como um herói glorificado pelos seus próprios méritos, refulge nas páginas de nossa História como um predestinado, deixando de viver às quatro horas e meia da tarde, do dia 23 de fevereiro de 1839.

## HISTÓRIA: NOVA CONCEITUAÇÃO

*Colemar Natal e Silva*

Sem o caráter formal de uma definição, encarada sob o aspecto genérico de conceituação, a história é o registro dos acontecimentos ocorridos em diferentes períodos da vida humana.

Mais do que o éco de tudo o que cai no caminho do gênero humano — l'écho de tout ce qui tombe sur la route du genre humain — no sentido quasi poetico que lhe deu Vitor Hugo, a história, não apenas, como mero registro de ocorrências concatenadas com base em documentos que mereçam fé por sua autenticidade e signifiquem algo pela sequência cronológica, está hoje sob o impacto das transformações profundas impostas pela realidade atual, sob feição nova, bem mais ampla e incomparavelmente mais expressiva do que antes.

A luz da estupenda realidade deste momento, surge e cada vez mais se afirma, uma conceituação nova da história.

Se já era elucidativo e relevante relacionar, descrever, concatenar os fatos, pela simples fixação das datas em que eles ocorreram, isso não basta, na hora presente.

O que se busca, não é só conhece-los.  
É interpretá-los, no tempo e no meio em que se deram.

É interligar as ocorrências para que, conhecendo mais e melhor o passado, se compreenda e se explique o presente para se obter uma perspectiva, tanto quanto possível real do que ainda vai acontecer em futuro mais próximo ou mesmo mais remoto.

A meta adequada seria, então, antes de fazer a história, encarar a função da história.

E foi justamente isso que, ao escrever os dois volumes primeiros da História de Goiás, buscamos fazer.

Quero crer não ser fora de propósito repetir aquelas considerações que havíamos feito, ao lançar a obra em 23 de novembro de 1929, no Rio, antiga Capital Federal.

Desde que o conhecimento das cousas passadas, no curso evolutivo das fases da existência social humana, nos traz, de envolta com as mais preciosas fontes de cultura e compreensão dos fatos e das eras, a clareza necessária para ligá-las a antever sua evolução para o futuro — a história é e não podia deixar de ser um dos guias mais seguros aos que mergulham nos tempos, em quaisquer esferas da atividade humana”.

E tivemos, feliz oportunidade de registrar:

“... embora a realidade se ria desses compartimentos estanques com que procuramos dividir o tempo para compreender o passado na frase eloquente de um historiador brasileiro “o essencial da história é o trabalho dos espíritos e o pressentimento fugitivo de um ou de outro fato precursor”.

Nós já perguntávamos, naquele tempo distante: sem a compreensão dessa continuidade, como poderia haver história?

Para honra do espírito humano, Taine, grande pensador francês há uma lógica misteriosa que preside as suas sucessivas concepções. Investigue-se bem: em filosofia, em literatura e em todos os ramos de estudo, enfim, a obra de hoje não continua a obra de ontem?

Sempre que convenha transportemo-nos ao primeiro anel desta cadeia que cada época estabelece, sem interrupção.

*Antiquam exquisite matrem*, como diziam os oráculos de Virgílio — divisa profunda que a ciência inteira pode colher nas ficções da poesia.

O que ficou, na verdade, superado, de vez, foi aquela concepção antiga de que a história dos reis tendia a se transformar na história dos povos.

Embora fizéssemos — e não podíamos deixar de fazer esse registro, aquela época já acentuávamos:

“O próprio trabalho de Carlyle e de Emerson, na apresentação da história, como a história dos heróis, influência visível no mundo das ideias da ação realizada por Napoleão, tem, desse modo, o seu brilho ofuscado pelas investigações mais recentes, mais reais, menos imaginosas dos historiadores modernos”.

O modelo precioso seria “L'ESQUISSE de L'HISTOIRE de WELLES.

Vale, ainda, lembrar:

mesmo que os trabalhos de Augusto Comte não tenham atin-

gido ao seu ideal creador — a filosofia da história — os novos rumos que a sociologia, pelas mais modernas e avançadas conquistas do espírito humano, nos aponta, podem e devem, em sua fecunda amplidão abranger as sínteses históricas.

É de se encarar, neste instante da civilização humana, a nova concepção de história, quando busca, não só registrar o fato para, através da distância existente entre as épocas criar a homogeneidade necessária a uma compreensão lógica, como também registrar o que ele veio a significar, *a posteriori*.

Assim, o que deve valer mais é o sentido do acontecimento histórico, tanto pela sua ocorrência, em si mesmo, como pelo que veio a significar à época em que se deu e ainda do que representou para o próprio futuro emergente, na cadeia geral dos acontecimentos, em todo o complexo de sua imensa variedade.

Esta será, então, a chave de uma compreensão total do éco de tudo o que cai no caminho do gênero humano.

Goiânia, 24 de outubro de 1972.

## PROFISSÃO DE FÉ

*Altamiro de Moura Pacheco*

“Falo-vos com poucas palavras, mas palavras do coração. Certamente, as que mais adequadas se mostram para o agradecimento a que não devo nem posso fugir.

A inclusão de meu nome no rol dos que fazem parte deste grêmio foi uma deferência. A recepção, pela maneira ora verificada, é uma honra. E o ter a certeza de que já pertenço ao grupo dos eleitos deste cenáculo, onde veneravelmente se guardam as tradições de um povo, deixa-me convicto de haver sido guindado a uma graduação da mais alta responsabilidade.

Cercando-se o espírito de um sublime aflúvio e nutrindo-se do desejo de conhecer e preservar a verdade consubstanciada nos feitos demudados em glórias, exalta-se-nos o ardor cívico, em face da superior comprovação do sentimento patriótico de nossos maiores. Pois, é aqui onde as boas e lídimas reputações se firmam no granito da imperecibilidade, e o acórdão da consciência coletiva, submissa à virtude de dar a cada um o seu, se esculpe no bronze da perpetuação, bronze que se não corrói, ao enfileirar de milênios.

É aonde vêm permanecer os dados históricos, e tornar-se indelével a respectiva interpretação dos investigadores, interpretação nascida do imperativo de reacender o lume da verdade, visto como nem sempre os eventos são narrados ou descritos de conformidade com a maneira por que se verificam. Deturpam-nos: uns, propositadamente; outros por ignorância, e muitos por inveja ou interesses inconfessáveis. Sendo, porém, imortal a verdade, seus vestígios, no leito dos repositórios de informações, mesmo cobertos com a poeira

de épocas sucessivas, são rastros que, direta ou indiretamente, assinalam a trilha pela qual enveredam os cronistas e jornadeiam os historiógrafos. E estes, de mente vigilantemente flexível, e como secretários da ciência glorificadora da fase pinacular da civilização, passando em confronto, fazem emergir, num ressuscitar triunfante, o suco da veracidade, a quinta-essência da história. E, como exemplo confirmativo do que estou a asseverar, haja vista o testemunho refulgente das pesquisas do escritor Francisco Martins que, compulsando recentemente os arquivos da antiga pátria camoneana, verificou, para orgulho de nosso Estado, ter sido Mafra, um dos monumentos históricos da Europa, edificada graças ao ouro de Goiás, na ocasião em que o Anhangüera Filho governava as velhas minas hoje exauridas.

Daí a incontestável e suma importância, a verdadeira transcendência de uma instituição, como esta, a lembrar um tabernáculo em que o milagre das grandes invenções, o aperfeiçoamento da ciência, o prodígio das artes e a insuperável grandeza dos trabalhos valorizadores do homem repousam tranqüilamente, e recebem o beneplácito da duração sem fim, porque têm a alma na memória popular e o viver no âmago da história.

Sua existência há tido, não se pode ocultar, alternâncias entre o hibernar transitório e o despertar-se induzido por atividades seivas de suas nobres e precípuas finalidades. Mas, sendo, como é, o endosso permanente, a garantia eternal da tradição, e esta, a súpula das ocorrências estaficadoras da história, e não se divorciando da grandiosa missão de, quando necessário ou solicitado, divulgar a veracidade e urdidura dos fatos, representa incentivo às boas ações, encerra estímulo aos governos para o melhor agir em benefício coletivo e fornece, acima de tudo, a solidez de bases para o evolver e aperfeiçoar das diferentes profissões a que se entrega a humanidade.

Pelo que, bem andou D. Pedro II, patriota decidido, estadista de visão, revitalizando, com a cerne da durabilidade, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, e prestigiando-o com a sua real presença em a quase totalidade das sessões realizadas nos tempos áureos de seu glorioso reinado. Foi um belo e fecundo exemplo que, disseminando-se pela imensidão de nosso País, despontou em Goiás, através do dinamismo construtivo do Dr. Colemar Natal e Silva, goiano ilustre, herdeiro de nobres tradições e espírito mui cedo formosentado pelos primores e riqueza da cultura.

Fundado o Instituto Histórico e Geográfico de Goiás, e, em seguida, recebendo aplausos prestigiosos do meticoloso e insígne historiador que foi Desembargador Oliveira Godoy, contou com a eficiência da colaboração do Dr. Alfredo de Faria Castro, professor emérito, beletista de elevada estirpe e poliglota de empolgante fluência.

Prosseguindo na benemérita faina de dar sequência proveitosa aos trabalhos do Instituto, e grangeando a cooperação do respeitável mestre Zoroastro Artiaga, incançavelmente operoso e que pesca linha larga nas caudais mais variadas da atividade intelectual, como polígrafo enaltecendor das possibilidades econômicas de Goiás, e criador do Museu que, merecidamente, lhe tem o nome, Dr. Colemar, conseguindo o apoio de outro muitos que enfeitam e valorizam nossa sociedade, e galhardamente subjugando sérios obstáculos, acrescentou, à bela e ampla folha de inolvidáveis serviços à terra goiana, esta obra, em cujo arcabouço se aninham valiosíssimos documentos históricos do Brasil Central.

E na atualidade, estando a dirigí-lo, como presidente o Professor Basileu Toledo França, investigador notável, além de escritor renomado, e, como Secretário Perpétuo, Professor Luis de Faria, de ânimo erguido pelo amor à terra goiana, à qual empresta o vigor de sua inteligência culta e operosidade contínua, este Instituto, a passos ora menos vacilantes em decorrência de fatores oriundos do vertiginoso povoar de nosso Estado e do gigantesco expandir de nossa acolhedora e resplandescente Goiânia, marcha para onde a jornada longa e vasta de glorioso destino o aguarda.

Daí, prezados ouvintes, o enlêvo que, avassalando o meu espírito, me arrasta ao pé desta solenidade, onde desposito um tributo de reconhecimento mui sincero, e onde, entre companheiros de superiores e maiores credenciais, me vejo com os olhos fitos no passado, cortejando o presente e vislumbrando o luciluzir de um futuro estrelado de triunfos enaltecendoros da inteligência e dignificantes da capacidade realizadora dos filhos natos e adotivos da terra que nos é tão querida.

Daí ainda as fortes razões que me fazem pensar num amanhã onde os vindouros, rebuscando os arquivos deste precioso viveiro de documentos anhangüerinos, se surpreenderão com as raízes históricas das arrancadas cívicas e feitos incorporados à grandeza da Pátria, cuja cabeça pensante, refazendo-se das lutas pelo progresso

geral, se descança, embelezada, tranquila e risonha, no coração goiano”.

*(Discurso pronunciado no dia 18 de março de 1971, no salão de festas do Museu Zoroastro Artiaga, por ocasião da posse de membro do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás).*

## UM HEROI DA GUERRA DO PARAGUAI

### *Zlda Augusta do Nascimento*

Ensinam bons mestres que de Capoletos e Numitores os Silvas nasceram e ramos estenderam no Reino de Leão. Em Portugal e Espanha tiveram poder, domínios.

Por séculos, quem portava nome tão estimado devia cultivar virtudes, ser forte, generoso. Foi de princezas, de santa, de fidalgos reais. Presentemente, nome como Deus gosta: humilde, nome de todos. Se um Silva é bom, pode ser nobreza milenar, ou nobreza cultivada.

Foi mineiro rico nos Goyazes um Silva minhoto. Deu gente numerosa principalmente no Bom Fim e em Corumbá, onde dois filhos de Bárbara Maria da Silva Jerônimo José de Campos adotaram o Curado, de antepassados, e perpetuaram-no em grande família. Do ramo bonfinense — Vicente Miguel da Silva e Maria da Paixão Soledade Campos — apareceram com grandeza no cenário nacional: deputados federais Desem. Vicente Miguel da Silva Abreu e Dr. Xavier de Almeida, também Presidente do Estado, Coronel do Exército Pyreneus de Sousa, Comendador Altamiro de Moura Pacheco e outros mais novos.

Mais antigo há um Silva numa manhã de abril. É alto, musculoso, bonitão, os olhos cor de folha seca. Únicos olhos enxutos na manhã de abril que o levou, e levou outros Voluntários da Pátria, noivos da morte.

O Silva, comandante dos Voluntários, embora estivesse porte marcial e juízo de homem, para o Cônego Antonio Tomaz de Campos era ainda criança.

— “Se o senhor manda os outros, eu também vou”.

O pai não queria que ele fosse com os primeiros. Teimoso.

Muitas coisas da Guerra, guardadas pela tradição oral, foram do jeitinho que aconteceram. Gente antiga não tinha os pensamentos em voos inquietos, sem sossego. Outrora, pensamentos viviam muito, magoas e tristezas eram bem ruminadas.

Embora não tivesse entre Marília e a Pátria, tinha problema o coração do moço. Primeiro machinho de mamãe, o mais prendado, ídolo e melhor promessa num lar unido, como fazer chorar mãezinha, sensível porque ganhara menino novo?! Ela sempre fora adulada. Na intimidade era tratada de Inhanhã, que na linguagem dos escravos significava: “a filha do senhor”. Havia barões na Corte, parentes ou amigos, que se sentiam felizes quando criavam uma paróquia, nomeava um juiz, para agradar a Dona do Bom Fim.

Entre os agradecimentos ganhos, havia um que fora guardado com carinho por Siá Donana, para que mais tarde se soubesse quais os nomes de valor em Jaraguá.

“Ilma e Exma. Senhora.

Não nos sendo oculto o quanto Va. Excia. se interessou pelo restabelecimento do Foro deste Município que havia mais de um ano se achava suprimido, com grande dano do lugar; por isso sobremaneira gratos a Va. Excia. por este acto pelo qual ainda uma vez deu Va. Excia. uma irrefragável prova da mais decidida dedicação e amor a esta sua Pátria, nós abaixo assinados vimos respeitosamente por esta via agradecer e congratularmo-nos com Va. Excia. por terem sido coroados de feliz êxito, que tão ardentemente desejamos, isto é, por nos acharmos restituídos ao antigo gozo dos nossos direitos. Este recente rasgo de verdadeiro patriotismo, acumulado aos outros muitos por Va. Excia. feitos em prol deste Município, tem erigido nos corações dos jaraguenses um tão firme movimento de gratidão, que a sua memória, esperamos, será eterna; e ainda os nossos vindouros, nas futuras idades, bendizendo o nome de Va. Excia. exclamarão com entusiasmo, como nós hoje: “Feliz solo de tão distinta Senhora!”

Digne-se Va. Excia. aceitar as nossas sinceras expressões, porque com a mais subida consideração temos a honra de ser, Ilma. Exma. Senhora Dona Anna Luiza Rodrigues de Moraes e Silva.

De Va. Excia.

Obrigadíssimos patricios e fieis criados.  
Villa de Jaraguá, 29 de fevereiro de 1856.

Padre Silvestre Alves da Silva, João Félix de Souxa Xavier,

Antônio Felix de Souza, Gabriel Raimundo do Nascimento Lima, José Paulo de Sant'Anna, Ladislau de Hungria Lima, José Pereira Villarinho, Francisco Gomes Pereira, Lúcio de Faria Oliveira, João Raymundo do Nascimento Lima, Lezaino Gonçalves Barbosa, José de Camargo Soares, Salvador Marcellino de Oliveira e Silva, Ignacio Francisco de Andrade, Ignacio de Souza Ramos, João Pereira Villarinho, Tertuliano Xavier de Lima, Igrão Ignacio da Costa, Antônio Borges de Carvalho, Francisco Antônio Roiz Ferreira, Manoel de Moraes Roiz, Joaquim Soares da Silva, José Roiz Fraga, Antônio de Freitas, Felipe de Souza Lima, Joaquim Ribeiro de Faria, Gardino Antônio do Espírito Santo, Custódio Soares de Camargo, Francisco Alvares da Costa, Francisco das Chagas Leite, José Lopes da Silva.

Tudo pertencia a um passado curto e maravilhoso. Filha de Jerônimo R. de Moraes e Luisa França, casada em Outubro de 1839, mal fizera bodas de prata de felicidade, entre um filho no cueiro de baeta e um outro a brincar com espada, Siá Donana ouviu o adeus que transformou sua vida em paisagem adversa. Com esse adeus no coração ela entrou na classe, numerosa em todas as eras, das mães que viram filho querido ser devorado pela Guerra.

A resolução tomada por Vicente Miguel fez o recrutamento ser muito fácil no Bom Fim. Por que o primogenito do Coronel ia à frente, muitos jovens queriam ir com ele.

Uma historinha bem conhecida em o Norte, e contada pelo jornalista Pimentel Gomes no Correio da Manhã, da Guanabara, valoriza o sacrifício do herói.

Lá no Pilar, o Cel. José Venancio Xavier, encarregado de recrutar jovens para a Guerra do Paraguai, num domingo de festas, mandou cercar a igreja de Nossa Senhora, e prender todos os rapazes. Mandados para Mato Grosso, só dois Gabriel de Oliveira e Antônio Godinho de Pádua, voltaram à terra natal.

Apaixonados porque o filho recruta não quis desistir de acompanhar os colegas de idade, os nobres Dutra se mudaram do Pilar, abandonando casa com mobiliário. De lembrança, ficou o nome de um antepassado deles no córrego Gaspar, até hoje a correr nas proximidades da vetusa cidade goiana. Depois da epopeia da Laguna, Florencio Dutra se casou em Mato Grosso, e de seu sangue de herói nasceu o General Eurico Gaspar Dutra, que o Brasil quer bem.

O Correio Oficial publicou o ofício em que o Comandante Superior da Guarda Nacional dos municípios da Comarca do Rio

Corumbá oferecia à Pátria o único filho em idade de pegar em armas, e a resposta do Presidente da Província:

“Palácio do Governo de Goyaz, 2 de abril de 1865.

Ilmo. Snr. — Tenho presente o ofício que em data de 5 do corrente dirigiu V. S. ao Exmo. Snr. vice-presidente oferecendo os seus serviços pessoais na guerra que se acha travada entre o Brasil e a república do Paraguay, e bem assim apresentando como voluntário da pátria seu filho de nome Vicente Miguel da Silva; e em resposta cabe-me significar a V. S. que esta presidência aceita, agradece e louva o seu espontâneo oferecimento, e apresentação, esperando que continuará a auxiliar o governo tanto geral como provincial com zelo, patriotismo e dedicação.

Deus guarde V. S. — Augusto Ferreira França — Snr. coronel Francisco José da Silva.”

O Presidente França assumira o Governo dia 27 e dois dias depois reclamava o Vicente Miguel, donde se conclue que o nome do moço, de gente aparentada com Goiás inteiro, ia ser usado como “nome bandeira” pelo Dr. França na difícil tarefa de ajuntar guerreiros, de formar auxiliares para o abastecimento de gêneros alimentícios aos batalhões concentrados em Mato Grosso, em que muito se distinguiu, tornando-se um presidente popular.

Esta resposta cruzou em caminho com os jovens bonfinenses.

Ao ser recebida no dia 4, ou 5, no Bom Fim, eles já estavam na Capital.

Outro documento publicado no Correio Oficial de 6 de maio de 1865.

“Voluntários da Pátria — No dia 4 do corrente mes chegaram a esta capital 21 voluntários da pátria e 16 guardas nacionais remetidos pelo comandante superior da comarca do Rio Corumbá o coronel Francisco José da Silva. S. Excia o Snr. Presidente da provincia, tendo notícia da aproximação destes voluntários e guardas, ordenou que entrassem acompanhados da banda de cornetas do batalhão de caçadores; recebeu-os em palácio, onde foram tratados por S. Excia com a maior atenção e d’ahi foram por ordem de S. Ex. recolhidos ao quartel militar afim de terem o conveniente destino. Duas horas depois, S. Ex. os foi visitar e examinar se estavam bem acomodados e nessa ocasião declarou ao 1º cadete Vicente Miguel da Silva, filho legítimo do referido comandante superior, que ia nomeá-lo alferes da companhia de voluntários em sinal de consideração aos serviços que acabava de prestar seu pai”.

A 15 de maio de 1865, saiu de Goiás o batalhão 20 de Infan-

taria, indo encostada a ele uma companhia de Voluntários goianos, com 89 praças, inclusive oficiais. A 17 de julho acampou no Coxim, onde permaneceu meses em guarda e à espera das forças de Minas e São Paulo. A 18 de julho, também da Capital, partiu um esquadrão de Cavalaria, acampando no Coxim em princípios de setembro, e o Batalhão de Voluntários foi para Mato Grosso a 20 de janeiro de 1866.

Os bonfinenses aguentaram a Guerra durante dois anos, de maio de 1865 até o fim da Retirada da Laguna. Alguns seguiram para o Sul, e um que nunca mais voltou foi o Chico Diabo.

As cartas de Vicente Miguel eram simples, para a família. Estava certo de que, depois de lidas, as notícias comentadas, ninguém as quisesse guardar. Perderiam valor quando ele mesmo narrasse os acontecimentos. Algumas, por conterem informes sobre a Campanha ficaram guardadas, e confirmam o que o Visconde de Taunay conta nas páginas dos livros: "Retirada da Laguna" e "Memórias".

Saindo do Rio em abril de 1865, para socorrer a "desgraçada Província de Mato Grosso", os expedicionários cariocas uniram-se aos paulistas, num belo passeio por Campinas, Uberaba, onde se encontraram com os batalhões de Minas, percorreram lindos campos goianos.

O alferes ou tenente Vicente Miguel estava no Coxim, já bem magro, quando Taunay começou a escrever. "Bem cruel trecho da vida esta estada no Coxim! Decididamente haviam para nós cessado os belos dias".

O tenente de engenheiros, Alfredo de Taunay, anotou nomes dos colegas que se aproximaram dele. Vicente Miguel não podia adivinhar que, entre três mil e quinhentos homens da Expedição, o tenentinho loiro, brasileiro de nome estrangeiro, seria o Xenofonte imortalizador de uma Retirada mais heróica que a dos Dez Mil.

O porto do Coxim era em território goiano. Na parte de Mato Grosso quatro quilômetros abaixo da confluência dos rios, existia ruínas de uma pequena colônia, com restos de casas incendiadas pelos paraguaios, e a essa tapera de colônia é que Taunay e Vicente Miguel chamam de miserável Coxim.

No dia 1º de janeiro de 1866, na Capital de Goiás, o Cgo. José Joaquim Xavier de Barros dava benção solene à bandeira do Batalhão de Voluntários, que seguiu dia 20.

Caminho muito comprido, depois encurtado por estrada mais

nova. Fim de fevereiro e os bonfinenses inda suspiravam pela chegada de comandantes mais humanos, conhecidos.

Escrevia o Voluntário da Pátria:

“Coxim, 26 de fevereiro de 1866. ,

Meu Pai.

Recebi a vossa estimada carta com data de 18 de jan. pp. e incluso veio um jornal. Estou anciadissimo que chegue já o meu Batalhão, pois já não posso mais aguentar o mau trato que o comandante deste Bat. dá aos oficiais Voluntários. Ainda ontem cheguei d'uma deligência que fui fazer a pé, caminhando 5 a 6 léguas por dia, passando só a carne de gado, sem sal. Este Bat. saiu de Goiás com 400 praças e está hoje reduzido a 142, as praças aqui estão recebendo duas espigas de milho para o sustento de 24 horas.

Sou de Você. Filho amo.

(a) Vicente Miguel da Silva”.

O comandante devia ser o português Joaquim Mendes Guimarães. Os jovens não entendiam porque homens da mesma causa faziam questão de aumentar os sofrimentos deles.

Um mês depois, outra carta:

“Minha Tia.

Coxim, 29 de março de 1866.

Ontem pelas 4 horas da tarde deixou de existir um dos nossos companheiros de campanha, o Tenente Júlio, da Província de São Paulo.

Minha Tia, já estou velho; no dia 25 cheguei de uma viagem e quando fui me pentear para me apresentar ao General, vi que tinha já na barba dois fios de cabelos brancos, mas qual não foi o meu desespero! Quiz arrancá-los, porém imaginei que era preciso deixá-los para quando eu ai chegar você ver quanto sofri nesta maldita guerra. No dia 3 de abril parte para Miranda a primeira Brigada, e no dia 25 do dito mês parte a segunda, a qual eu pertenço.

Vão estes versinhos para você fazer uma pequena idéia do que é este miserável Coxim, quando você acabar de ler dê ao nosso Padre e diga-lhe que mostre ao nosso Vigário.

Os generos por aqui ainda se conservam por um emprego desgraçado: hoje comprei uma moranga por 3\$000 para o meu jejum de manhã. Vai também este retrato, que eu não queria mandar porque saiu muito mal tirado, pois a máquina e o retratista para nada prestam, um dia destes vou tirar e espero sair melhor e assim que tirar logo mandarei.

Adeus, minha tia, recebe o coração saudoso do  
Sobrinho e amigo  
(a) Vicente”.

Realmente, cumprindo insistentes ordens do Ministério da Guerra, as duas brigadas seguiram para a vila de Miranda, no caminho do Apa. Acamparam no Rio Negro, na “Boca do Pantanal”. Era no começo de maio de 1866. Em suas “Memórias”, conta-nos Taunay que chuvas torrenciais, terríveis, transformaram em charcos imensos as terras banhadas pelo Rio Negro. Semanas inteiras, prisioneiros das águas, brasileiros aguentavam a fome. A alimentação era de frutos da mata, sobretudo jatobás, que as autoridades mandavam colher.

Em “Memórias”, conta Taunay: “Debaixo de terríveis auspícios começou o mês de junho. Entre os falecimentos que mais comoção produziram ocorreu o do Major Manuel Baptista Ribeiro de Faria comandante do Batalhão de Voluntários Goianos, há pouco reunido às forças. Isto a 9 de junho”.

A 13 falecia o General Fonseca Galvão.

Morriam brasileiros de uma doença que os médicos não conheciam, doença grave, que a uns matava depressa, a outros deixava paralíticos, para depois matar asfixiados. Sempre cruel e aterradora a tal de *beri-beri*.

A 24 de junho, com sol aberto, as forças empreenderam marcha para a frente. Dez dias de horrores durou a travessia do Pantanal, verdadeiro foco pestilento. Muitos expedicionários ficaram para sempre atolados na lama. Muitos sofreram a vida inteira as consequências dos dias com água pela cintura.

Muita gente acompanhava a Expedição. Contando soldados e civis foi calculado em dois mil o número de mortos nessa desastrosa travessia.

Na Vila de Miranda, de setembro a janeiro de 1867, *beri-beri* dos charcos fez umas quatrocentas vítimas. Entre os montões de escombros da arruinada Vila, que os Paraguaiois tinham incendiado, os expedicionários permaneceram 113 dias. Notícias de lá:

“Miranda, 10 de dezembro de 1866.

Minha Tia

Saúde e felicidade é o que o vosso sobrinho vos pode desejar.

Está marcado o dia 19 do corrente para esta Divisão levantar o acampamento e ir atacar os bárbaros de Assunção, peço a Deus para que chegue esse venturoso dia, tenho tanto desejo de encarar o

inimigo como tenho de voltar ao seio da minha querida família, o inimigo está acampado em Corumbá onde tem o seu quartel General, e é lá que vamos ter a glória de medir as nossas armas, mas tenho plena certeza que a coragem deles não dá para tanto. — Tenho sido bastante perseguido pelas sezões nesta Vila, quando penso estar bom dela é quando ela vem mais forte de que a vez anterior, mas a Providência Divina é grande.

Adeus minha Tia, muitas saudades a todos, etc. etc.

(a) Vicente Miguel da Silva”.

Na festa de Ano Bom de 1867 o Coronel Camisão tomava conta do comando da Coluna Expedicionária, muito desfalcada de pessoal, apenas 1.600 homens armados, juntos numa Brigada única.

Dias depois, Camisão levava a Coluna para Nioac. Bom clima, abundancia de víveres, boa preparação para sofrimentos diferentes, porque maiores que os passados. Dois meses de instrução militar.

A juventude a sonhar com feitos brilhantes. Era o sonho que sustentava os fogosos goianos, bem fortes e sadios quando recrutados, todos valetudinários, como seus companheiros, mas soldados de heroismo incontestável.

A sorte sorria pela última vez a Vicente Miguel, mandando-o de volta à terra natal. Que diriam os companheiros que ele tanto animara na travessia dos brejos: “Vamos, morramos se preciso for. Para que temer a morte se se sofre tanto na vida?” Da força de vontade faz saúde.

“Meu Pai

Nioac, 25 de janeiro de 1867 — Tive o prazer de receber hoje a vossa estimadíssima carta datada de 23 de outubro p.p. e, juntamente, uns jornais. — No dia 11 deste mes partimos de Miranda e chegamos aqui a 24; dizem que a nossa demora nesta Villa é por pouco tempo, visto ter o Coronel Camisão tenção de ir atacar o Apa e invadir o território do Paraguai.

Isto é o que corre neste acampamento. — Eu estou sofrendo da moléstia reinante. — Os médicos me obrigaram a dar parte de doente a 22 e supponho que eles querem que eu requeira inspeção de saúde afim de me tirarem quanto antes desta Província, porém quero ver se fico melhor e se ficar não requeiro, mas se peiorar não há remédio senão me retirar, o que hei de sentir, porque depois de ter sofrido tanto e voltar sem ao menos levar a glória da Campanha, é triste. — O coronel Camisão acabou com o meu batalhão; estamos servindo adidos ao de linha nº 20, a mau grado nosso. — Hoje mor-

reu um capitão da molestia de que estou sofrendo e tem muitos oficiais que estão completamente paráliticos das pernas, porque esta moléstia a princípio faz inchar muito as pernas e ao depois vai desinchando e ficando secas as pernas. — Vão estas sementes de cabças paraguaias; são celebres pelo tamanho delas. — Teem chegado muitos carros aqui. Só o que não temos é gado; os paraguaios levaram quasi todo o gado daqui, e o pouco que ficou está muito arisco, além disto não temos cavalos. — Muito me recomende a minha Mãe e todos os parentes. Saudo você, filho obe. e amo. — Vicente Miguel”

“Foi a Província de Goiás que salvou a Expedição de Mato Grosso da dispersão obrigatória, ou da morte pela fome”, afirmação da História, que servia de consolo para o velho Comendador Francisco José da Silva e de recompensa para os bonfinenses todos, que foram generosos no auxílio dado ao Presidente França. Quem pôde, deu muito. Quem vendeu não explorou, fazendo render o dinheiro do Governo Imperial, que era pouco, quando destinado às Províncias atrasadas. Carros de boi, chiando e cantando por estradas infinitas, levavam munição de boca para os famintos soldados que escoravam os invasores nas fronteiras de Goiás, dai o lacônico recibo que o moço passa: “Teem chegado muitos carros aqui”.

No Batalhão de Voluntários os capitães meninos tinham voz grossa, adidos ao famoso 20, cabia-lhes lugar mais modesto.

Reconfortados em Nioac, bem fardados, os brasileiros avançam mais, vão parar a 12 léguas do Apa. Decidem obedecer ordens supremas, invadir o Paraguai, para fazer a Guerra acabar.

Falta aos invasores tudo: víveres, cavalaria, não podem esperar reforços, mas vão indo.

Quando o Capitão Vicente Miguel da Silva, feliz, pago das aguras sofridas porque está realizando algo de importante, conta a Invasão, a Coluna não se intitula “Forças de Mato Grosso”, mas tem outro nome faustoso, que não imaginam ser efêmero:

“Acampamento das forças invasoras do norte da República do Paraguai, 22 de abril de 1867.

Meu querido e sempre lembrado Pai.

Tenho o prazer de acusar a recepção das amaveis cartas de você, datadas de 23 e 28 de dezembro e 7 de janeiro, que transportaram de alegria, com a certeza do bem estar de você, e de nossa família.

No dia 14 do corrente deixamos a Colonia de Miranda com destino a este ponto, que se achava em frente à força paraguiaia de

cavalaria, que procurava bem descobrir a coluna brasileira; no quinto dia tocamos ao seu primo ponto, que, com a vista deitaram fogo nas casas, e seguiram a galope, deixando-nos senhores do terreno. No dia seguinte, às 8 horas da manhã, levantamos acampamento com o plano de ataque para tomarmos este forte. Do alto presenciámos que como os primeiros haviam deitado fogo nas casas e pressurosos se retiraram. Atravessamos o Rio Apa e acampamos em um lugar ainda aquecido pelo inimigo, não necessitando um tiro. *Meu batalhão marchou na vanguarda e se lhe coube a glória de ser o primeiro a pisar esta República.* Estas são, pois, meu pai, as aventuras da Expedição de Mato Grosso que jamais lhe caberá a menor porção de glória. Consta que depois de amanhã levantaremos acampamento para a Vila da Conceição, a fim de livrar algumas famílias brasileiras, prisioneiras aí do poder dos bárbaros; de lá me aguardo para dar a você novas notícias.

Saudades a minha mãe e a todos os parentes.

Adeus e até lá. (a) Vicente Miguel da Silva”.

Vicente Miguel ignorava a presença de um Escritor entre os Expedicionários.

Enquanto brasileiro tiver Pátria e souber ler, a Retirada da Laguna não ficará esquecida.

Garantindo louros para o Batalhão dos Goianos o Visconde de Taunay continuou o relatório simples, feito por Vicente Miguel: — “Fomos passar o Apa em frente a Bela Vista. Formava na vanguarda o batalhão de infantaria de Goiás nº 20 sob o comando do capitão Ferreira de Paiva. Começamos a correr, e a *linha de atiradores do 20* precipitou-se para o lado do rio. Passamos o rio, galgamos a eminência donde se pôde ver de perto a fortaleza e o povoado: estavam em chamas”.

No dia 1º de maio, alimentados por sons de corneta, que a ração era insuficiente, os Expedicionários invadiam Laguna, estância do Ditador Solano Lopes.

Depois, quanto não terá custado ao jovem capitão animamar os soldados, mentindo-lhes que iam voltar à fronteira para buscar víveres e munições?! Era o que tinha a dizer porque Camisão resolvera recuar até o Apa, sem evitar encontro com os paraguaios, e dando combates.

Lutas no dia 8 de maio, mortíferas para ambos os lados. Os choques e tiroteios começaram às sete horas e foram até o entardecer.

Dia 11, já em terreno brasileiro, o que aconteceu, Taunay

conta: “Que terrível uma carga de cavalaria! Eu, dentro do quadrado do 20, todo ele de filhos de Goiás, fracos e depauperados, não tinha nenhuma confiança em sua proteção, embora comandado por valente oficial, o capitão do Exército, major em comissão, Ferreira de Paiva.

Entretanto, portou-se muito bem e despejou firmes, compassadas e nutridas descargas que de todo impediram qualquer choque.

E ao som do Hino Nacional que esturgia dentro dos quadros, dava entusiásticos vivas ao Imperador e ao Brasil!

Debaixo das patas dos cavalos, atirados em louca disparada, o chão tremia, com baque surdo e temeroso. Deveras parecia um pesadelo ver aquela nuvem de homens vermelhos, fazendo luzir ao sol as grandes e pesadas espadas”.

Os vermelhos jogaram toda sua cavalaria para esmagar a retaguarda da Coluna e deixaram o campo coberto de moribundos. Porém a vitória brasileira lembrava um pouco a de Pyrrro: perderam a boiada, nada mais havia para matar a fome.

O guia Lopes conduzia os retirantes por caminhos abertos a foice e machado. Marcha penosíssima. O Cel. Camisão, com parte de seu estado-maior, ia no quadrado do 20.

O diário da Retirada é negra sucessão de desgraças. Taunay vai contando: “No dia 15, o fogo já nos chegava, mas os paraguaios também vinham. Lutar e marchar outra vez. Tínhamos a fome com todas as torturas. Faltava-nos tudo. Mal nos poderíamos dizer vestidos. Nessa noite o vento do Norte gelou-nos”.

Já no dia 20 a luta para repelir os inimigos é de homens desesperados, porque todos já sabiam o segredo guardado dois dias: os doentes que os soldados carregavam estavam com *colera-morbo*.

Para salvar o resto da Coluna, o Cel. Camisão decidiu ordenar o abandono dos coléricos, e diz Taunay que foi o peso da responsabilidade de tal ordem que o matou.

Narra Taunay a situação da Coluna no dia 26 de maio: — “Sobre nós estendera a *colera-morbo* sua rede e levava-nos companheiros aos centros; vivíamos debaixo de aguaceiros, de tiroteio constante, no meio das labaredas das campinas abrasadas. Cento e trinta moribundos haviam já sido entregues à generosidade da sorte e dos paraguaios, que não lhes pouparam as curtas horas de vida: não tínhamos mais bois de carro para comer, mais pólvora, mais esperança. Caminhava a mísera coluna rolando males e desgraças, mas com as quatro bandeiras de seus batalhões eretas e desfraldadas

aos ventos. Moviam-se os nossos soldados aguilhados por pungente desespero”.

E Vicente Miguel, aniquilado pelas sezões, pela fome, pela mielite tendo perdido muito sangue num ferimento recebido dia 8, depois de ver os horrores do abandono de homens meio mortos para salvar homens meio vivos, não aguentou mais. Que teria sofrido o jovem pensando que cada hora poderia ser a de ficar abandonado à espera dos paraguaios ou dos urubus, porque já não era o guerreiro, era um dos coléricos sacudidos por solavancos numa carreta de artilharia, atulhada de moribundos.

Os canhões afastavam espadas inimigas, mas da foice da morte o Cel. Camisão, o Ten. Cel. Juvêncio, o Guia Lopes e Vicente Miguel não podiam escapar, estavam marcados.

Uma última vez, o expedicionário escreve:

“Meu caro Pai.

Acampamento em marcha, 26 de maio de 1867.

Aproveito um momento de vida que me resta para lhe fazer esta, afim de receber sua benção assim como de minha Mãe, e pedir-lhes para dar um abraço em cada um mano e parente.

Tenho em mão do primo Jeronimo Ray um conto e tanto para você tomar conta e dar a minha mãe, também tenho dos meus vencimentos que estão para receber dos meses de fevereiro, março, abril e maio, que você arranjará para receber.

Estamos sofrendo do cholera-morbus, o que tem morto muita gente, estamos cercados pelo inimigo os quais nos tem tirado todos os recursos.

Adeus meu Pai e Mãe, perdoem algumas incurias minhas, que aqui fico como

Seu filho filho e amo. — (a) Vicente Miguel”.

Quase dois meses depois o adeus de Vicente Miguel chegava aos seus. Ao ler a carta para a família reunida, o pai ficou bravo:

— Não quero esse dinheiro na minha gaveta.

Ficar bravo é jeito que homem tem para disfarçar soluções que sobem do coração. Os soluços que enchiam o sobrado eram de jovens e crianças, diferentes dos feios lamentos de um homem.

Siá Donana queria o presente para comprar uma grande lâmpada, que acesa ia ajudar o filho morto alcançar os resplendores da Luz Perpétua.

Lâmpada enorme, de prata, comprada no Porto, foi doada à igreja do Senhor do Bom Fim. Preço de sangue. Era o enfeite uma

artística rosa. Uma vez, um visitante da cidade levou a flor simbólica para mandar examinar se era prata mesmo.

O atestado de conduta do goianinho herói da Laguna, foi passado por ordem de Tomaz Gonçalves, Major Comandante das Forças:

“Joaquim Ferreira de Paiva, Cavalheiro da Imperial Ordem do Cruzeiro, Condecorado com as Medalhas de Prata das Campanhas do Uruguai e Buenos Ayres e a de Constância e Valo do Norte do Paraguai, Capitão do Batalhão nº 20 de Infantaria por sua Magestade o Imperador, e comandante interino do mesmo Batalhão.

Em virtude do despacho rectro, certifico que das relações de mostra deste Batalhão de janeiro do corrente ano, em diante, foram extraídas as alterações do oficial abaixo declarado, deixando-se de transcrever-se os seus assentamentos anteriores por ter sido queimado pelos Paraguaioes no Ponto Militar de Nioac, o arquivo deste Batalhão e o de Voluntários Goianos.

Capitão-Vicente Miguel da Silva, sendo do Batalhão goiano de voluntários da Pátria, o qual foi extinto provisoriamente em virtude da ordem do Dia do Ilustrissimo Senhor Coronel Comandante das Forças em Operações ao Sul da Província de Mato Grosso sob número dois de nove de janeiro do corrente ano, veio adido para este Batalhão, com o qual marchou da Vila Miranda a onze, acampando em Nioac a vinte e um do dito mês de janeiro.

Marchou de Nioac para a Colonia de Miranda a vinte cinco de fevereiro, e desta (colonia) para o Norte da República do Paraguai a quinze, acampando no Forte de Bela Vista a vinte de abril. Marchou deste Forte com direção a cidade de Conceição no primeiro de maio, acampando a três na Invernada da Laguna, d'onde regressando as forças para Nioac a oito, assistiu o ataque deste dia e o de nove com as Forças Paraguaioes na referida República: assistiu mais ao ataque do dia onze e os tiroteios que se deram nos dias quatorze, dezesseis, dezoito, dezenove, vinte tres e vinte cinco, tudo no citado mes de maio, no território do Brasil sendo por tudo elogiado em ordem regimental, por haver em todos os ataques mostrado sangue frio e coragem, especialmente no ataque do dia oito, comandante de uma linha de atiradores merecendo por isso honrosa menção na parte oficial que este Comando deu ao Ilustrissimo Senhor Coronel Comandante das Forças. Foi acometido do cholera-morbus a vinte e seis e faleceu a vinte nove do já citado mes de maio.

Nada mais constando que lhe seja relativo, mandei passar o presente, que vai por mim assinado e selado com o sinete do Batalhão. Eu o alferes servindo de Secretário Severino Veríssimo de Lima o escrevi.

Quartel na Cidade de Cuiabá, aos 14 de dezembro de 1867.

*Joaquim Ferreira de Paiva*”.

O estudante Vicente Miguel se preparava para um Curso Superior e fez curso prático de guerreiro, aprovado com distinção. Foi um dos vencedores na Epopéia de Mato Grosso. De mil e seiscentos homens que invadiram a Laguna, uns seiscentos ficaram vivos, portanto, foi salva a Coluna. Afirmou Pereira do Lago: “O primeiro dever do militar é saber morrer. Ou de bala ou de de molestia, a distinção pouco importa”. Voltaram as bandeiras, nenhuma foi profanada. Nenhum brasileiro caiu preso nos cárceres inimigos, nenhum desertou.

O escritor francês Ernesto Aimée achou maravilha um grupo expedicionário invadir outro país, conservando “espírito de subordinação e confiança de avançar”, quando os homens estavam enfraquecidos, e tudo lhes faltava.

Passou por Bom fim Fernando Leal, a mais perfeita figura da morte. Vinha da Guerra e descansava em casa da irmã, senhora Lobo Guimarães. Todo mundo foi visitá-lo para ver um esqueleto vestido de pele. Perguntado sempre porque os goianos não tinham abandonado o inferno, e regressado, a resposta de Fernando Leal era sempre a mesma:

— “Minha mãe falou: desertor não entra na minha casa”.

Jovens das melhores famílias de Goiás, de Minas, de S. Paulo, do Rio, foram martirizados em Mato Grosso. Sacrifício de que a Pátria pode se orgulhar. Bonfinenses foram feridos. Lança rasgou a bochecha de Antônio Jacinto e Antônio Rodrigues tomou lançada no abdomen, ficou com as tripas de fora por duas horas, esperando cirurgião. Ferido, escapou da peste. Seus descendentes estão em Belo Horizonte.

Depois de tantos martírios o Brasil continuava “nação em guerra”

No século passado o mundo ainda era grande, o tempo meio parado, a tristeza, doença contagiosa. Nuvem de tristeza viera de Mato Grosso e se estendera sobre o Bom Fim. Viviam as pessoas na meditação contínua das cenas descritas pelos soldados que as representaram, ou assistiram, no teatro da Guerra. Algumas tão terríveis e cruéis que nunca puderam ser escritas.

As angustias recordativas se juntavam as notícias do Sul, onde também o Bom Fim tinha representantes, entre eles um moço, militar de carreira: o Braz Abrantes. Trocara sua terra pela Capital da Província, mas o povo se lembrava dele menino. Na pia batismal recebera o nome de Benjamim. Depois do batismo, quando a procissãozinha de convidados chegou em casa, a mucama, fogaizinha e saltitante, cantarolou para sua dona:

— “Benjamim, minha sinhá, beija tudo quanto há...”

D. Angelica Lobo protestou: o nome do menino era o do santo do dia em que ele nascera. E ficou firme. Na crisma, Benjamim passou a ser Braz e a troca foi anotada no livro de assentamentos de batizados.

São Braz gostou da homenagem e em recompensa de tanta fé, protegeu Braz Abrantes nos combates de Tuiuty, Avahy, Lomas Valentinas, Campo Grande e Peribebuhy, e por uma longa vida, que o marechal morreu velho.

No começo de 1870, contritos e esperançosos, bonfinenses iam fazer preces diante de um Cruzeiro, pedindo pra guerra terminar. Rezavam todos os dias, com devoção. Um dia, o povo reunido ao pé da Cruz, no meio do povo Maria e Francisca, conhecidas como “as Malafaias”. Todos cantavam os salmos pedindo a graça de Deus.

“Chico Diabo matou o Lopes — gritou mais alto que os cantos, um cavaleiro meio parando — A Guerra acabou”.

Apertando o galope o Correio especial rumou para a cidade, e os penitentes, alegres, felizes, agradeciam a Deus e às Malafaias, irmãos do Chico Diabo.

Também um livro de História Militar afirmou que o Chico Diabo nascera em Catalão, Goiás, confirmando os goianos antigos que sempre afirmaram que o matador do Lopes tinha saído do Bom Fim.

Coronel Silva teve fortuna bem grande. De sociedade com o Barão de Cocais arrematara uma linha de Correio. Depois, sem sócio, foi dono de outras linhas|. Punha tropa acompanhando o estafeta. No sertão, tropas davam muito dinheiro no leva-trás de mercadorias.

Aqueles Silvas conseguiam ficar, mas não conseguiam permanecer ricos. No Bom Fim, a Guerra só dera despesas. Governo não se preocupou com os heróis da Laguna, nem os nomes deles foram bem guardados, tiveram apenas o que lhes podia dar a generosidade de seus coroneis. As precisões do povo eram muitas. Num

município que abrangia Campinas, Bela Vista, nem duas mil pessoas sabiam ler e escrever com acerto. Pequenos predios, bons para os tempos, Coronel Silva mandou edificar para que os meninos tivessem salas de aula. Repartiu benefícios e teve, na morte, homenagem difícil de alguns chefe ter: a população total da cidade, e de perto, deu presença no cemitério para ver o Cavalheiro da Ordem da Rosa descer à sepultura, que foi coberta com laje grosseira, última vontade de um rei pequeno, sem acaso.

Siá Donana detestava conversas sobre governo, sobre política e detestava os “fardados”, embora do lado dela tivesse militares até grandes: sobrinhos generais, brigadeiro o irmão, o Dr. Teodoro. Por conta dos fardados o filho de Siá Donana morrerá de peste, de fome, na guerra. Toda gente respeitava magoas tão justas. Mas, jovem é jovem, e por causa do estouvado Henrique, Siá Donana cometia o sacrilégio de, no vestido preto-luto sagrado pelo ídolo que morrerá na Guerra — encostar farda de cadete do Exército, e o castigo era ficar lembrando mais ainda o Vicente Miguel, brotão, olhos cor de folha seca, sem orvalho, Vicente Miguel, eternizado numa manhã de abril.

Enquanto a Lâmpada de Siá Donana esteve acesa, brasileiros não tiveram de sofrer nas guerras. A Lâmpada de azeite foi apagada e até goianos morreram em campanha. Dos quatro pracinhas mortos na Itália, Benedito Esteves, fazendeirinho de Silvânia — que era Bom Fim, — foi o que mais longe avançou, porque a ordem era avançar, e quando deu fé estava ressuscitado entre os Heróis da FEB.

## O FILHO DE VOLTA À TERRA MÃE

*Como ponto alto das comemorações de sua semana de aniversário, o Instituto Histórico e Geográfico de Goiás trasladou para Silvânia os restos mortais de Henrique Silva, que foram guardados no campo santo daquela cidade, ocasião em que diversas solenidades foram levadas a cabo. Inaugurou-se, inclusive, moderna praça pública, na antiga Bonfim — toda ajardinada — que ostenta busto do eminente goiano, cujos serviços prestados ao Estado evocados à oportunidade.*

Os ossos de Henrique Silva, sepultados no Rio de Janeiro em 1935, iriam fatalmente para a vala comum, decorrido certo lapso de tempo. Mas o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, sabendo do que iria acontecer, se comunica com o Instituto Histórico e Geográfico de Goiás. E esta entidade, apercebendo-se corretamente da situação, toma, através do dr. Colemar Natal e Silva, providências imediatas. Fez trasladar, para Goiás, os restos mortais do goiano que tantos serviços havia prestado ao seu Estado. E desinteressadamente. Por puro idealismo.

### UMA VIAGEM A SILVÂNIA

Na tarde do dia 19 de junho, em dois automóveis — um da Secretaria da Educação e Cultura e outro do 10º. B.C. — partia para Silvânia a caravana que conduziria os restos mortais de Henrique Silva. Compunham-na: Basileu Toledo França, presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás; Colemar Natal e Silva, presidente perpétuo da entidade; Luiz Gonzaga de Faria, Secretário Geral; Zoroastro Artiaga, representando o governador Leonino Caiado;

José Denisson, vice-prefeito de Silvânia e representante do Secretário Hélio Mauro Umbelino Lôbo, da Educação e Cultura; Valterli Guedes, representando a Associação Goiana de Imprensa e Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado de Goiás; Modesto Gomes, representando o jornalista Domiciano de Faria, Diretor do Departamento Estadual de Cultura; Eli Brasiliense e Augusto da Paixão Curado, membros do Instituto Histórico; tenente Luiz Advircola, representando o 10º. B.C.

## SOLENIDADES

Após a cerimônia realizada na igreja Nossa Senhora do Rosário, presentes a comissão especial que se deslocou de Goiânia e ainda o prefeito municipal de Silvânia, José Caixeta Tavares, dr. José Sêneca Lôbo, dr. Antônio Bertoldo de Souza, dr. Acácio Félix de Sousa e inúmeras pessoas da cidade, bem como estudantes, a urna que conduzia os restos mortais de Henrique Silva foi levada ao cemitério local. Leu-se, na oportunidade, decreto em que a prefeitura marcava feriado para a data. E o professor Basileu Toledo França discursou, salientando a importância daquele ato.

À noite, por volta de 19 horas, logo depois que foi servido um coquetel no Hotel Municipal, deu-se a inauguração da Praça Rui Barbosa, onde a prefeitura colocou lindo busto de Henrique Silva. (A praça, curiosamente, fica em frente ao grupo escolar que ostenta o nome de outro grande goiano: Moisés Santana). Discursaram, então, o professor Luiz Gonzaga de Faria, em nome do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás, e o dr. Acácio Félix de Sousa, em nome da Prefeitura municipal de Silvânia. Além das autoridades já mencionadas, foi presente ao ato o sr. José do Nascimento Caixeta, suplente de senador, ex-prefeito e filho de Silvânia.

## HENRIQUE SILVA

Sobre Henrique Silva, goiano dos mais ilustres, este mesmo jornal, em sua edição de 22 último, publicou o seguinte. Henrique Silva nasceu no dia 18 de março de 1865 e faleceu no Rio de Janeiro no dia 21 de maio de 1935. Em 1882, ingressou no exército, como soldado, no Rio, onde viveu a maior parte de sua existência, tendo chegado ao posto de Major. Era um apaixonado pela natureza, qualidade que o levou a ser um dos principais defensores e propagadores das riquezas naturais de Goiás, tanto dos minérios, quanto da fauna e da flora.



## HENRIQUE SILVA

Saber, desprendimento e amor a Goiás

\* — Silvânia, 18/3/1865

† — Rio de Janeiro, 21/5/1935

“Fundou, no Rio, a revista “Informação Goiana”, em cujas páginas promoveu, divulgou e defendeu os interesses de Goiás. A revista circulou durante uma década, sempre custeada com recursos de seu próprio bolso.

“Henrique Silva foi membro das comissões que estabeleceram os limites do Estado de Goiás com Minas Gerais, Mato Grosso e Pará, tendo feito parte, também, da Comissão Cruls, encarregada, nas primeiras décadas deste século, de escolher a área, no Planalto Goiano, para a localização da Nova Capital do País”.

### A PALAVRA DE SILVÂNIA

Representando governo e povo de Silvânia, terra natal de Henrique Silva, o dr. Acácio Félix de Sousa proferiu o discurso que se segue.

“O Instituto Histórico e Geográfico de Goiás, por seus ilustres Presidente e Secretário Geral, Basileu Toledo França e Luiz Gonzaga de Faria, reverenciando com entusiasmo e carinho os grandes vultos da Pátria, promoveram a inumação dos restos mortais do Major Henrique Silva, em Silvânia, sua terra natal.

A morte, com seu manto tétrico, cobre as grandezas materiais do mundo, sepultando, no túmulo do esquecimento, as ilusões do poder e o ouropel das vaidades.

Imperios romanos e napoleônicos, cortes e realezas, com seus ouro e pratarias, jóias preciosas e veludos, desapareceram na voragem dos tempos, transformando-se em algumas ruínas e montículos de pedra e areia.

Somente os sentimentos puros e as ações nobres; o bem espalhado sobre a torturada humanidade, immortalizam seus autores no bronze da História.

A antiga cidade de Bonfim tomou o nome de Silvânia, em homenagem aos “Silva”, tradicional família de varões ilustres que se projetaram no Brasil Imperio e Republicano.

O Major Henrique Silva é neto do Comendador Francisco José da Silva, “rei pequeno de Goiás”, da denominação do General Couto de Magalhães.

Nasceu em Bonfim, em 18 de março de 1.865, falecendo no Rio em 21-05-1935. Foi casado com Augusta Frida. Hoffman, não tendo deixado descendência.

Quando o Cap. de Voluntários da Pátria, Vicente Miguel da Silva, morria de cólera na Retirada da Laguna, juntamente com o

Cel. Camisão e o Guia Lopes, Henrique Silva contava 2 anos. A infância, num ambiente de heroísmo, preparou o menino para a vocação de patriota.

Altas patentes do Exército, seus parentes, entre outros o Brigadeiro Dr. Teodoro Rodrigues de Moraes, generais Joaquim e Jerônimo de Moraes Jardim e membros da Família Curado e Silva, facultaram seu ingresso na Escola Militar da Praia Vermelha, onde iniciou brilhante carreira.

Ajudou a consolidar a República, em janeiro de 1.892, quando defendeu a cidade do Rio de Janeiro, contra a revolta das fortalezas Santa Cruz e Lage. Defendeu o porto de Santos, na revolta de 6 de setembro de 1.893.

Foi membro da comissão que explorou o Brasil Central, em 1892 e 1893, chefiada pelo Dr. Luiz Cruls.

Em 1895/1896, voltou ao Planalto com o integrante da Comissão de Estudos para mudança da Capital Federal.

Em colaboração com seu sobrinho, o deputado Federal Antônio Americano do Brasil, fundou a “Informação Goiana”, para divulgação das riquezas de Goiás, mantendo-a, por mais de 20 anos, com seus poucos soldos de Oficial do Exército.

Foi o primeiro goiano admitido na Associação Brasileira de Imprensa. Versado em assuntos enciclopédicos, inclusive nos domínios científicos da Química, Botânica e Mineralogia, pode veicular seus conhecimentos sobre a Flora, Fauna e minerais de Goiás, através da “Informação Goiana”, onde contou com destacados colaboradores goianos.

Grande entre os grandes do mundo intelectual, quase desconhecido dos goianos, foi o defensor gratuito dos interesses do Estado, podendo afirmar-se que Goiás seria “menor” e não teria tanto progresso atual, não fosse a inteligência e o patriotismo do bravo Henrique Silva, a defender-lhe, com os maiores sacrifícios e sem nenhuma recompensa, os seus limites e as suas riquezas.

O Instituto Histórico e Geográfico de Goiás, por proposta de José Ferreira Lôbo, resolveu dar aos restos mortais de Henrique Silva alguns palmos de sua terra natal.

Daí, a razão desta homenagem póstuma.

Quando, o Comendador Francisco José da Silva morreu foi sepultado debaixo de uma pedra, sua última vontade, para constatar com sua grande grandeza e revelar sua humildade. Sob a mesma lage estão os restos mortais dos Comendadores Silva, avô e pai; de seus

irmãos Vicente Miguel da Silva e Joaquim José da Silva, ex-intendente municipal, espíritos evoluídos e abnegados, a quem prestamos igualmente a homenagem desta pálida lembrança.

Nada mais certo, pois, do que reunir as cinzas de tão ilustres varões sobre a mesma tumba, numa simbiose fraterna e histórica.

Vozes autorizadas já falaram sobre Henrique Silva, situando-o na galeria dos imortais, a que galgou com méritos inegáveis e sacrifícios ingentes.

Na qualidade do representante do Poder Público Municipal, compete-me agradecer a ilustre caravana que com desvelado amor as cousas elevadas da Pátria, num exemplo sadio e digno de ser seguido, veio levantar o véu do esquecimento que pesava sobre o grande goiano.

Esta homenagem justa é patrocinada pelo Instituto Histórico de Goiás, a que Silvânia se associa de inteiro coração.

É o seu Presidente Basileu Toledo França e Secretário Geral Luiz Gonzaga de Faria, por este cerimonial edificante e solene e cívico.

A eles, aos demais componentes da ilustre comitiva, e a todos presentes que concorreram para o brilho deste ritual, os agradecimentos do povo de Silvânia, pelas homenagens prestadas ao seu dileto e valoroso filho, HENRIQUE SILVA.

Esta Praça Pública, de traçados modernos e luxuriante vegetação agreste, emoldurará sua efígie angusta, despertando na lembrança dos homens a prática do bem, pelo bem, com sacrifício e amor, sem vislumbre de compensações outras que não as da consciência tranquila, pela exação no cumprimento de seus deveres de cidadão patriota, para a grandeza imortal da Pátria”.

(O Popular, 27/6/71)

## ANOTAÇÕES HISTÓRICAS SOBRE A CARTOGRAFIA DE GOIÁS

O primeiro mapa de Goiás foi levantado na gestão administrativa de D. Marcos de Noronha, Conde dos Arcos, primeiro governador da Capitania recém-criada.

Data de 1751 e seu autor foi o piloto italiano, Francisco Tossi Colombina, que vencendo as asperezas do sertão bravio, fez o levantamento dessa carta histórica, empreendimento deveras inaudito para o tempo.

Segundo afirmam Alencastre, Silva e Souza e o próprio Cunha Matos, Tossi Colombina era homem competente, de reconhecida capacidade de trabalho e possuidor de notórios merecimentos.

A autorização que oficializou a realização desse trabalho preciosíssimo foi a provisão de 6 de dezembro de 1750.

Essa provisão foi o ato de concessão a Tossi Colombina para abrir uma estrada de carros, de São Paulo a Cuiabá, passando por Goiás, conhecendo o destemido concessionário, *de visu*, o mundo de obstáculos que teria pela frente.

O original desse mapa valioso como peça histórica, e catalogado entre preciosidades raríssimas, se encontra nos arquivos do Estado Maior do Exercito.

Por muitos anos esse mapa passou despercebido, até que encontrado, estudado, e analisado com o rigor da técnica especializada, encontrou guarida certa nos escrínios onde se conservam valores e raridades.

Ilustrando e esclarecendo tão importante trabalho histórico, têm lugar ao seu lado, no original, a legenda explicativa e a minuciosa e longa dedicatória feita a D. Marcos de Noronha, de próprio punho, pelo dito Tossi Colombina.

Quando Goiás esbulhado na integridade de seu primitivo território, pela invasão de suas fronteiras por parte dos Estados de Mato Grosso, Minas Gerais, Pará e Bahia, esse mapa, como precioso documento autenticado, foi peça valiosissima para sua defesa, quando da realização do 6º Congresso Brasileiro de Geografia, em Belo Horizonte.

A Delegação de Goiás nesse famoso conclave foi constituída pelo Vice-Almirante José Carlos de Carvalho, Deputado Olegário Pinto e imenso Major Henrique Silva.

— XX —

Carta Geographica da America Portugueza ou terreno americano, comprehendido entre os rios das Amazonas e Paraguay; supostas as suas fontes no Guapehy, e Alegre, nas terras de Portugal na Capitania do Matto Grosso. Ajustado, e feito por Thomas de Souza, Ajudante das Ordens do Governo de Goyaz. 1775. .... o,m887 x o,m5559. Traz os mesmos limites traçados no mappa anterior, isto é, os fiados por D. Marcos de Noronha em 1750. Original a aquarela existente no Est. Maior do Exército.

— XX —

Carta ou plano geographico da capitania de Goyaz, uma das do centro da America Meridional pertence ao reino de Portugal, que se tirou por onde o Illmo. e Exmo. Snr. José de Almeida Vasconcelos de Soveral e Carvalho, Governador e Capitão-General da dita capitania; do dia 26 de junho de 77, até meados de Mayo de 78. Por Thomaz de Souza, sargento-mór do regimento da cavallaria, auxiliar da mesma capitania, sendo quasi toda vista por S. Ex. a quem o autor acompanhou em todo o tempo do seu governo.

s.V.L.

Traz mais a seguinte declaração:

“A capital desta capitania é Villa-Bôa, situada em 16 gráus e 20 minutos ao sul da linha equinoxial.

— XX —

Planta Geographica em que se mostra toda Capitania de Goyaz huma das centraes dos Dominios Portuguezes na America Meridional, H sua Capital Villa-Bôa, situada na latitude meridional de 86 gráos, e 20 minutos, e na de 39gráos, 10 minutos; Pela differença de Agudas e pelos numeros, se conhecerá a distincção dos julgados em que está dividida esta Capitania, bem como se demonstrão as porções de terrenos das mais Capitancias confinantes com esta; Tem a possível distincção de todos os seus Arrayaes, Aldeas, Estradas, Rio, Serras e os mais que na planta se observará. Foi feita no tempo do

Illmo. Varão de Mossamedes, por Thomaz de Souza, sargento-mór da cavallaria auxiliar.

In "Plantas pertencentes às Cartas de Noticias Brasilicas", por Luiz dos Santos Vilhena, 1802. Numeros XXII, XXIII, XXIV.

Manuscripto evistente na Bibliotheca Nacional. Os limites são identicos aos da carta precedente, ou seja os demarcados por D. Marcos de Noronha.

— XX —

Carta geographica das Capitancias do Pará, Maranhã, Piauhy, Goyaz, Matto Grosso e S. Paulo e das mais Provincias e Reinos confinantes, desde o Parallelo de 10 grãos de latitude septentrional, até ao parallelo de 26 grãos de latitude meridional formadas dos melhores Mappas e observações mais, e derrotas que fes o Gov. or e Cap.m G.<sup>l</sup> que foi de Matto Grosso, Luiz Pinto de Souza Coutinho, cortando-se aqui as Cap.<sup>as</sup> do Mar. <sup>o</sup>m, e Piauhy por irem já incluidas, e com mais individuação na G.<sup>o</sup>r da Cap.<sup>a</sup> do Piauhy, por José Pedro Cezar de Menezes, no anno de 1809. o,m972 x o,m890.

Copia de 1809. Ha outra copia na Secretaria dos Estrangeiros. Estado Maior do Exercito.

— XX —

Carta Geographica da Capitania de Pernambuco comprehendida entre a Costa Maritima do Brasil, que faz o seu lado Oriental; o rio de S. Francisco que a divide pelo extremo meridional com a capitania da Bahia, desde a sua Foz até a confluencia do Carunhana, segundo a degressão curva que lhe demarca Robert Vauguhy; os limites conhecidos das capitancias de Minas Geraes e de Goyaz, que a terminam pelo lado occidental; e as comarcas de Piauhy, Ceará e Parahyba pelo septentrião; sendo estas ultimas divisões determinadas conforme as dos logares que abrange a sua vasta extensão. Por José Fernandes Portugal. Anno de 1807. Estado Maior do Exercito.

— XX —

Carta chorographica da capitania de São Paulo em que se mostra a verdadeira situação dos logares por onde se fizeram as sete principaes divisões do seu governo com a de Minas Geraes. Estas divisões são:

A 1<sup>a</sup> peo Rio Grande.

A 2<sup>a</sup> peo Morro do Cachambú.

A 3<sup>a</sup> pelo Alto da Serra da Mantiqueira.

A 4<sup>a</sup> outra vez pelo Cachambú.

A 5<sup>a</sup> pelo Rio Verde.

A 6ª pelo Sapucahy.

A 7ª pelo Morro de Lopo e estrada de Goyaz. O que mostra a linha de cor amarella. Manuscripto. Archivo Militar, 18 de Maio de 1869. Copiado pelo major Umbelino Alberto de Campo Limpo. Estado Maior do Exercito.

— XX —

Mappa que mostra a confluencia do rio Maranhão (Tocantins) com o Araguaya, e os logares onde se deve estabelecer os presidios que protejam a sua navegação; tirado por ordem do Illmo. e Exmo. Sr. Fernando Delegado Freire de Castilho, governador e capitão-general da capitania de Goyaz, no anno de 1811.

Entre esses presidios se acha um junto à Cachoeira de Itabica, à montante della. Outros nucleos de população goyana vêm assignalados tanto na margem esquerda como na direita do Tocantins, até aquella alludida cachoeira, que, como se sabe, fica muito abaixo do outr'ora presidio de Itacaiunas na confluencia dos rios deste nome com o Araguaya. E' um documento de subido valor no tocante aos limites de Goyaz com o Pará, por isso que os referidos estabelecimentos militares foram fundados pelo governador de Goyas Fernando Delgado em virtude de ordens recebidas de Metropole por intermedio do conde de Linhares, então Vice-Rei do Brasil.

*Relação dos documentos históricos que pertenciam à Excelentíssima Senhora Dona Diva Fagundes Caiado Jardim, viúva do Senador Engênio Jardim e cuja doação para o Instituto Histórico e Geográfico de Goiás foi obtida pelo Professor Colemar Natal e Silva, seu Presidente Perpétuo, como fundador do Instituto:*

1. Decreto n.º I de 15 de novembro de 1889: proclama a República Federativa Brasileira.
2. Notas diárias dos acontecimentos ocorridos no dia 15 de novembro de 1889, no Palácio Imperial, redigidos em manuscrito por Inácio Augusto Cesar Raposo — bibliotecário de S.M. o Imperador D. Pedro II, do Brasil.
3. Carta manuscrita da Condessa d'Eu, datada de II de junho de 1868.
4. Cópia manuscrita do protesto de D. Pedro de Alcântara de Bourbon e Bragança contra a usurpação da Coroa de Portugal e contra todos os atos do Imperador declarando que jamais reconheceria o seu irmão como soberano daquele Reino. Cópia das instruções de D. Pedro I na questão D. Miguel.

— Carta autografada a El Rei Jorge IV *agradecendo-lhe o hospitaleiro acolhimento que dera a S.M. a Rainha Fidelíssima e outra o S.M. e R.A, dando-lhe parte do regresso da Rainha para o Brazil e adoçando, de modo mais plausível, a magoa que lhe causara o mesmo regresso.*

5. Carta dirigida a S.M. D. Pedro II por C.E. Brown Sequard.
6. Carta da Baroneza de Muritiba.
7. Carta da Princesa Izabel para o Pai S.M. o Imperador.
8. Impresso com a biografia de Bolivar.
9. Sonetos do Barão de Paranapiacaba — 24 outubro 1887
10. Biografia de Antonio de Castro Alves 1882. Cesar Rapozo.
11. Cópia de poesia de Lima de Albuquerque — 13 março 1887
12. Carta de Mucio Teixeira.
- 13 Cópia conforme trez manuscritos em pergaminho — cartas de Franzini ao filho João.

## QUANDO A LITERATURA É HISTÓRIA

*Modesto Gomes*

A literatura tem sido, ao longo dos tempos, uma eficiente colaboradora da História. Refletindo vigorosamente a realidade, acaba por oferecer subsídios indispensáveis para o conhecimento de determinados povos. Francisco de Assis Barbosa, em prefácio ao livro *O Tronco*, do goiano Bernardo Élis, situou bem a questão.

*“O tronco aparece no massacre de São José do Duro, repetindo em ponto pequeno a série de horrores que se verificou na sedição de Boa Vista dos Tocantins, no início da República, numa guerra civil de “coronéis” desavindos, que se prolongou por três anos, de 1892 a 1894, embora não registrada por nenhum compêndio de história, por nenhum livro de história.*

*“A literatura de ficção — assim chamada como por ironia — é que nos revela o drama até então desconhecido do sertão “belo e terrível”, com os seus vaqueiros, jagunços, soldados, sertanejos humildes, mortos nas lutas dos “coronéis”. A literatura do Nordeste foi que alertou os homens de governo para o problema não só das secas, como da espoliação e da miséria das populações marginalizadas de uma vasta região brasileira. Agora chegou a vez do Oeste. A literatura enche o vazio da história. Pelo menos, os escritores do tipo de Bernardo Élis mostram que são menos alienados — vá lá a palavra*

*da moda — do que os historiadores, a grande maioria dos historiadores omissos. Refletindo a vida brasileira, a nossa literatura tem que ser também, forçosamente, uma literatura de protesto” (1).*

Literatura autêntica é aquela que se encontra próxima da realidade. Literatura capaz de refletir a realidade. O escritor, em país subdesenvolvido ou em processo de desenvolvimento, não pode se colocar numa duvidosa torre de marfim. Sua obrigação é ver, sentir e humanizar a paisagem — seja ela física ou humana — que se acha diante de seus olhos. Reproduzindo a paisagem, dramática, trágica, cruel, ou abjeta, estará mostrando aspectos que não podem ficar no esquecimento. O escritor — como diria Miguel Angel Astúrias — precisa ser testemunha de seu tempo.

O Brasil, em verdade, já conta com uma tradição literária profundamente nacionalista e de comportamento rigorosamente identificado com a realidade. A tradição em referência data, aliás, dos tempos mais fecundos do romantismo. José de Alencar, por exemplo — através de seu indianismo e de seu sertanismo — dá os primeiros passos nesse sentido, sendo posteriormente seguido por Bernardo Guimarães, por Taunay e por alguns outros.

Não se pode esquecer, por outro lado, que a literatura urbana, iniciada com *As Memórias de um Sargento de Milícias*, de Manuel Antônio de Almeida, teve seus instantes mais positivos com Machado de Assis, Lima Barreto, Marques Rebelo, Otávio de Faria, Acântara Machado, Marcos Rey.

O chamado romance nordestino, com José Américo de Almeida, Graciliano Ramos, Rachel de Queiroz, Jorge Amado, José Lins do Rego, Amando Fontes se mostrou plenamente amadurecido na recriação de realidades ásperas e amargas.

O regionalismo, contudo, ao superar o sentido romântico do sertanismo, ofereceu contribuição de alto quilate. E coube precisamente a um goiano — Hugo de Carvalho Ramos — a tarefa de inaugurar a literatura de protesto dentro da corrente, constituindo-se mesmo em renovador do regionalismo.

O regionalismo goiano, sempre mudando de técnicas e de métodos, vem se identificando concretamente com a realidade. E supre, com muita força, a ausência de historiadores preocupados em levantar a verdadeira saga de nossa realidade social. A historiografia goiana, ainda nova, tem se dirigido mais para os aspectos políticos de nossa vida. O regionalismo goiano, sem nenhuma dúvida — relacio-

nando o binômio *homem-terra* — incorporou-se definitivamente ao acervo de nossas melhores fontes históricas.

— I —

Literatura jovem — surgindo realmente com vigor já na segunda década do século em curso — a ficção de Goiás não teve condições de movimentar o trabalhador escravo. Apenas um autor — precisamente a romancista Rosarita Fleuri, premiada pela Academia Brasileira de Letras — introduz o negro na literatura.

, “*Elos da Mesma Corrente*” (2), saga de uma família goiana que viveu na segunda metade do século passado, apanha bem a situação do negro escravo em terras goianas.

A fazenda Santa Lúcia, localizada nas imediações de Vila Boa, se constitui em cenário principal do livro. O proprietário do imóvel — Cel. Alfredo da Silva Prado Guilhem — tinha orgulho de seus bens:

*“Que fazendeiro já conseguira, como ele, fazer plantações de cereais e ter, também, engenhos de açúcar, alambique, serraria e outras tantas fontes de renda?”* (3)

Acrescenta, indicando talvez involuntariamente a causa de sua prosperidade:

*“E que fazenda já reunira, em suas terras, o número de escravos (o grifo é meu) com que Santa Lúcia contava?”* (4).

Em primeiro plano — exatamente porque mantinham relações mais estreitas com a família do coronel — aparecem os escravos domésticos, que prestam serviços na Casa Grande. São principalmente as pretas velhas, sentimentalmente incorporadas à vida da família. Teodora, cozinheira principal há vários anos, remove céus e terras para não se ver afastada do fogão, providência que se efetivaria em virtude de sua idade. Desde mocinha que ocupa o posto e não quer, de forma alguma, abandoná-lo. Argumenta:

*Ninguém melhor do que ela sabe fazer as comidas do Nhonhô Alfredo, não há quem tempere melhor os frangos de Nhonhô Nestinho, nem tão pouco quem faça biscoitos ao gosto de sinhazinha Isabel ou quem saiba cuidar dos caldos da menina Madalena* (5).

Tico é o moleque de recados encarregado das diligências prioritárias. Mais tarde, além dos chamados serviços de porta, será va-

queiro, percorrendo os campos em busca do gado. Anastácia avoca para si a tarefa de proteger a menina Madalena, a quem se dedica com exclusividade. A moça é frágil e se deixa dominar inteiramente pela escrava. Para reconquistar o noivo perdido, não hesita em seguir os conselhos da negra, que a acompanha à casa da feiticeira que produziria a mandinga adequada para que seus interesses fossem de pronto atendidos. Custódia e Eva se submetem à libidinagem de sinhozinho Ernesto, apesar dos escândalos que surgem. Custódia e Sebastiana, filhas de Anastácia, são separadas da mãe que, como refúgio para sua amargura, passa a cuidar da sinhazinha. A escrava Donana, “perita em doces e assados” (6), tal como qualquer objeto de uso doméstico, é emprestada às famílias amigas.

*“A preta Joaquina acompanhara a menina Arabela em seu casamento e, durante aqueles anos todos, vinha fazendo de tudo, desde os sapatos que Pupi nunca aprendia a engraxar, aos serviços de forno, fogaço, e conselhos prudentes com que procurava acalmar Arabela em suas constantes brigas com o marido. Era, no dizer de todos, o pé de boi da casa”* (7).

As negras, na afeição ilimitada às sinhazinhas, desempenhavam vários papéis: guardiães de segredinhos, estafetas dos recadinhos de namorados, conselheiras e orientadoras das mocinhas.

Rosarita Fleuri consegue captar muito bem o instante em que ocorre a Abolição. Acreditava-se nela, de um modo geral, em virtude da franca discussão do problema através da imprensa da época. As notícias, entretanto, chegavam a Goiás com bastante atraso. Aqui, porisso, se acreditava que a medida efetivasse mais tarde. Os fazendeiros, em consequência, foram apanhados de surpresa.

*“Alfredo fazia contas, cálculos, projetos; via-se sem os seus numerosos braços de carvão... o mato crescendo por toda parte... os engenhos parados, o alambique inútil... as fornalhas sem calor... o gado virando brabeza... seus animais sem trato, as éguas fogosas ao Deus dará...”* (8).

Mas o fazendeiro, discutindo a questão com membros da família, acaba por encontrar uma solução, que consistiria em

*“doar pequenos quinhões de terras aos negros mais antigos” e por “fora os negros piores”, contratando, “como camaradas assalariados, os bons trabalhadores”* (9).

A autora sabe entender o sentido de certos acontecimentos ocorridos após a Abolição, principalmente no que diz respeito ao procedimento de muitos dos ex-escravos.

*“Era a família alegre e feliz almoçando os variados e suculentos pratos preparados pelas hábeis mãos da velha Teodora, a preta que mesmo depois de liberta, continuava na casa porque pelo coração se sentia escravizada”* (10).

Outro exemplo:

*“Os casais tinham ficado, cada qual com seu dinheirinho que Alfredo distribuía, todos no mesmo serviço, sem alterar a rotina da casa”* (11)

Contudo apesar de todos os esforços do fazendeiro e de seus familiares, mudanças concretas surgem no aspecto da propriedade Isabel, filha do cel. Alfredo, não se conformava com o que seus olhos viam.

*“O mato crescera em muitos lugares e havia erva daninha pelos campos, de mistura com o capim. O jardim já não era tratado como dantes, e as orquídeas do caramanchão, estavam diminuídas!”* (12).

A moça, por fim, descobre o óbvio:

*“Apesar de seu pai fazer milagres com sua administração... de Isabel multiplicar-se procurando auxiliá-lo em tudo que fosse preciso, não se podia negar que o braço escravo fazia falta, e... quanta falta!”* (13).

Doía, na carne dos administradores de Santa Lúcia, sentir o pêso do novo estado de coisas:

*“... Alfredo não ia, também, aumentar as roças, as plantações, quando sabia contar com poucos braços, estes mesmos cobrando caro; e o pior era a obrigação de pagá-los, sempre, ao fim de cada temporada! Verdadeiro tormento”* (14).

Certos hábitos dos tempos da escravidão, notadamente aqueles que se relacionam com os castigos físicos, prevaleceram após a Lei Áurea. E Rosarita, ao tratar da questão, dá-lhe tintas de plausibilidade. Isabel sevicia a negra Zenóbia, acusada de amores clandestinos com o cunhado da moça (15). Ernesto, sob a alegação de que o empregado vivia espalhando fuxicos pela fazenda, prende-o ao moirão, depois de haver aplicado nele inúmeras vergastadas (16).

O branco não se acostumará tão cedo com a liberdade do negro, ofereça ele ou não provas evidentes de sua capacidade.

*“O preto Euzébio tirou os varais da porteira, oferecendo passagem aos dois animais e saiu lépido em busca de um tamborete. Seus passos ágeis e elásticos denunciavam a pujança de seus vinte anos. Recentemente empregado em casa de Ernesto havia, desde sua chegada, consertado muita coisa errada que o mau tino do patrão deixava por fazer. Era o administrador da fazenda e muito prometiam seus trabalhos”* (17).

Tal circunstância, porém, pouco influi na mudança de sua situação em face do branco. Foi naturalmente por isso que Madalena, chegando à casa do irmão Ernesto, olhara Euzébio com

*“o rabo dos olhos, ofendida pelo atrevimento em lhe dar bom dia em vez de “Sus Cristo” em uso pelos negros. Quer me lembrar que não é escravo... Veja só! — pensou”* (18).

Assim é que se recusou a usar o tamborete colocado pelo preto, saltando sobranceiramente do silhão.

Marinha, noiva de Hilário, procura Isabel para fazer-lhe confissão que inocentaria Ernesto de haver assassinado a própria esposa. De posse da declaração salvadora, Isabel no entanto age como se estivesse em pleno período da escravidão.

*“— E por que não me contou isso há mais tempo? Estúpida!... Negrinha indecente! Você vai me pagar por isso! Hei de mandar chicotear você até sair sangue e mando por salmora em cima! — gritou nervosa, andando de um lado para outro na vasta sala que lhe servia de escritório”* (19).

Ernesto, acusado de crueldade contra os pretos — e realmente ao tempo da escravidão vivia judiando deles — defendendo-se, atacando:

*“— Eu acho que tenho sido muito paciente até! Tenho aguentado muito... Não sou mau para os empregados... O que não gosto... o que não admito, é a vagabundagem. E essa negrada é vagabunda demais! Demais mesmo! Depois da abolição vivem com rei na barriga. Só querem gole e batuque”* (20).

O mesmo Ernesto, quando Marinha surge na cidade, sob expectativa geral, para depor a seu favor, é brutal:

*“— E por que você não veio depressa? — trovejou Ernesto, arrastando a pretinha pela orelha. Por que ficou muda, sabendo que eu estava sendo culpado pelo povo?” (21)*

Para Ernesto, que pensava exclusivamente em si mesmo — embevecido em sua condição de branco e se recusando a admitir que os negros libertos pudessem ter algum direito — o fato de Mariinha ser noiva de Hilário, e por conseguinte tentar protegê-lo, num gesto aliás muito humano, não tinha a menor significação.

— II —

Foi Hugo de Carvalho Ramos — primeira voz goiana a se projetar literariamente em plano nacional — quem sentiu, objetivamente o que foi, no começo do século em curso, a vida do trabalhador livre que de livre mesmo só tinha o nome. Uma página de *“Gente da Gleba”*, a única novela que produziu, é definitiva.

*“E o cabra, apoiado à cabeceira da cama, entrou a matutar fundamente. Lembrou-se pela primeira vez — ele que a praticava instintivamente — que era livre e movia-se para onde bem queria prendendo-o apenas àqueles lugares o hábito da meninice e a sua gratidão para com os donos da fazenda, enquanto que a condição dum “camarada” era muito diferente, tolhida a liberdade pelo ajuste do fazendeiro...  
“Geralmente, o empregado na lavoura ou simples trabalho de campo e criação, ganha no máximo quinze mil réis ao mes. Quando tem longa prática no traquejo e é homem de confiança, chega a perceber vinte, quantia já considerada exorbitante na maioria dos casos. É essa a soma irrisória que deve prover às suas necessidades. Gasta-a em poucos dias. Principia então a tomar emprestado ao senhor. Dá-lhe este cinco hoje, dez amanhã, certo de que cada mil réis que adianta é mais um elo acrescentado à cadeia que prende o jornaleiro ao seu serviço. Isso, no começo do trato; com o tempo, a dívida avoluma-se, chega a proporções exageradas, resultando para o infeliz não poder nunca saldá-la, e torna-se assim completamente alienado da vontade própria. Perde o crédito na venda próxima, não faz o mínimo negócio sem pleno consentimento do patrão,*

*que já não lhe adianta mais dinheiro. É escravo da sua dívida que, no sertão, constitui hoje em dia uma das curiosas modalidades do antigo cativo. Quando muito, querendo d'algum modo mudar de condição, pede a conta ao senhor, que fica no livre arbítrio de lh'a dar, e sai à procura d'um novo patrão que queira resgatá-lo ao antigo, tomando-o a seu serviço. Passa assim de mão em mão, devendo em média de quinhentos a um conto e mais, maltratado aqui por uns de coração empedernido, ali mais ou menos aliviado dos maus tratos, mas sempre sujeito ao ajuste, de que só se livra, comumente, quando chega a morte.*

*“Benedito sentiu tudo aquilo, confusamente: mas nem por sombra lhe passou pelo juízo contrariar as ordens do Coronel. Desde pequeno achara as coisas naquele pé, e assim como estavam, haviam de continuar até quando Deus fosse servido em comandar o contrário” (22).*

O latifúndio, dono de força política capaz de garantir-lhe ampla cobertura policial ou então de oferecer-lhe a necessária garantia quando fazia justiça — no seu entendimento — de *motu próprio*, contava com dispositivo que lhe permitia agir livremente. O trabalhador mesmo se conformava com a situação imperante, incapaz totalmente de se levantar, com êxito, contra ela. E ao fugir das garras do patrão — inteiramente voltado para a necessidade de se libertar de um cativo implacável — tinha pleno conhecimento dos riscos que enfrentava. E sabia, concomitantemente, que seus preseguidores — e quase sempre também captos — seriam exatamente seus irmãos de sofrimento, manipulados inapelavelmente pelo coronel ou por outro potentado qualquer.

Malaquias, empregado da fazenda Quilombo, foge para escapar à enorme dívida que contraíra com o Coronel. O fazendeiro, em seguida, manda chamar Benedito dos Dourados, passando-lhe as ordens:

*“— É apressar-se já e partir sem detença pela madrugada. Não descanso mais uma só noite sossegado, enquanto não ver aquele ladrão na sala do tronco” (23).*

Exasperado, completa:

*“Gaste um conto de reis nesta empreitada, mas a*

*fama do Quilombo não há de ficar desmerecida; nesta fazenda cachorro vadio teve sempre ensino, ninguém foge daqui ao trato firmado! É dar em riba do negro e trazê-lo amarrado pelo cangaço ao moirão do curral, que o resto havemos de ver” (24).*

Malaquias é capturado. Reclama, no entanto, ao companheiro encarregado de levá-lo de volta à ira do coronel:

*“Labutava na fazenda, trabalhando dia e noite como mouro; e no fim, que é que via? Dívidas e mais dívidas, o patrão de ano em ano mais exigente e desalmado; enfim, aquela vida de cachorro de camarada. De resto, sem garantia no trato. O patrão abusava de sua falta de letra, esticando como lhe parecia na conta, transformando os seus arranjos de fim de mes; e ela, a danada, a espichar, a espichar, que nem mesmo um imperador era agora capaz de resgatá-la! Ora, nesse pé, não podia haver seriedade no ajuste. Mais valia cair a gente no mundo...” (25).*

Malaquias, na sede da fazenda, recebe trinta vergastadas no tronco nu, à vista dos demais empregados, todos assustados e apavorados com a cena. O Coronel, ao final, quis demonstrar uma magnanimidade que não possuía:

*“— Tens para hoje a tua conta, veremos o resto depois. E olha que não sou dos mais vingativos, fosse noutra fazenda e a tua medida seria acrescentada...” (26).*

Em Hugo de Carvalho Ramos há outro exemplo quase semelhante. Joaquim Percevejo não concorda com certo reparo que lhe fizera o patrão — coronel Pedrinho. Pede as contas. Verifica, então, que lhe deve mais de três contos. Dirige-se à fazenda do coronel Ivo a fim de pedir-lhe que salde seu compromisso com o antigo patrão. O homem promete, não dando, entretanto, cumprimento à palavra empenhada. E Percevejo, suggestionado pelo novo patrão — cuja fama de valentia corria muitas léguas — se acomoda, não se importando mais com a dívida, pois que passou a contar com costa quente. Coronel Pedrinho, entrementes aguardava, acampado com sua tropa à beira da estrada, uma solução por parte do ex-empregado.

Percebendo, após algum tempo, que se caracterizava o logro, foi à casa de Ivo e, na frente deste e de seus empregados e jagunços, *“pegou o arrieiro pela barba, atou-a num ápice, em*

*em nó-de-porco, à embira; prendeu a ponta desta ao rabo da mula e achou-se montado de novo” (27).*

Ninguém se moveu, todos paralizados pelo imprevisto da audácia. Pedrinho esporeou a besta, seguindo em trote largo. Percevejo, em desespero, acompanhava o ritmo do animal. Não houve tiro.

Na fazenda de Jeromão, trabalhador não tinha vez.

*“Totinha, por exemplo, devia a Jeromão duzentos mil réis. Não conseguia pagar nunca essa quantia que agora já subia a quase trezentos, com juros e adiantamentos. Fazia dois anos que estava ali sem ver um níquel sequer, só trabalhando para pagar os gastos, e cada vez a conta subindo. Bem que tentou fugir, certa vez. Mas Jeromão deu parte à polícia e dois soldados o trouxeram de volta para o Retiro, como um negro fujão” (28).*

“A buzina roncava ternamente na madrugada alta”. E os trabalhadores eram obrigados a abandonar as camas e jiraus desconfortáveis, pois caso contrário, Jeromão iria acordá-los com estouvamento. Totinha vivia assoberbado de trabalho anqueles tempos de moagem.

*“Apesar, porém, da canseira, Totinha não podia dormir. Os filhos choravam, mexendo-se nos panos úmidos de urina, protestando contra o ventinho gelado que navalhava as carnes pelas frinchas do pau-a-pique da parede do paiol e através das telhas mal ajuntadas. Por outro lado, a mulher resmungava suas maçacoas, clamando contra a sorte, exigindo do marido que saísse daquele lugar mais pió que o inferno” (29).*

Totinha tem que puxar cana da roça, comandando o carro de bois. E, de madrugada, quando a buzina ronca ternamente, se levanta para colocar cana nas moendas do engenho. Os bois são lerdos. Totinha deixa seu trabalho e fustiga os ruminantes. Os bois disparam, espicaçados pelo ferrão. Totinha corre para seu lugar. Pega duas canas para colocá-las na moenda.

*“Mas um pé escorregou na lama de junto do engenho, ele perdeu o equilíbrio, afocinou e estendeu os braços para apoiar-se no soalho da máquina. Mas se apoiou foi nas moendas que giravam, rodavam frias e pegajosas, arrastando a mão do homem, mascando-a, triturando unhas, ossos, nervos e mús-*

*culos, repuxando nervos cá dos ombros, cá das costas” (30)”.*

Pede socorro inúmeras vezes. Mas o barulho do engenho impede que alguém possa ouvir seus gritos desesperados. Não hesita mais um segundo sequer.

*“Com a mão esquerda, pegou o enorme facão jacaré que tinha pendente do correão, bicho afiado como navalha, com o qual cortava os canzís e as canas na roça. Pegou e desferiu no braço preso às moendas o primeiro golpe. A mão esquerda, porém, era uma mão lerda e o golpe não foi bom, não decepou o braço; Totinha ergueu novamente o pesado e afiado facão uma, duas, três, quatro vezes, até que se sentiu livre do queixo inexorável do engenho” (31).*

É certo que em regiões mais distantes, onde a civilização não estendeu definitivamente suas asas, existem ainda abusos quase inacreditáveis. Contudo, o procedimento verdadeiramente semi-feudal das quatro primeiras décadas do século XX está desaparecendo, embora não hajam sido introduzidas relações de trabalho tipicamente capitalistas. O trabalhador livre, nas regiões rurais, não conta com proteção capaz de nivelá-lo ao obreiro urbano, cujos direitos a legislação se amplia para amparar.

É verdade, por outro lado, que as transformações que se operaram — e que se encontram operando — ocorreram paulatinamente e de forma discrepante, pois que o desenvolvimento do Estado de Goiás não tem sido uniforme em todas as faixas de seu extenso território. O trabalhador — em certas áreas do Norte, por exemplo — está sujeito à prepotência do fazendeiro. Em Eli Brasiliense, escritor quase sempre preocupado em humanizar paisagens físicas e humanas da zona setentrional do Estado, há um exemplo característico.

*“Teodomirão, um homem sistemático de mais da conta. (...) Sistemático. Mandava naquela região, ninguém duvidava de um dito seu, para que morar em cidade grande, onde muita gente governava o destino dos outros? Eleitorado certo, contado. Eleitor seu não virava brabeza, nunquinha. Dele era dele, de seu uso, até o fumo e a palha. (...) Copo de prata separado, cuia marcada, tigela de louça para o café, prato e colher, tudo ferrado como as reses” (32).*

Vitalino, rapaz do Sul, de viagem para Marabá, no Estado do Pará, passa pela fazenda de Teodomirão, onde pede trabalho, pois necessitava de dinheiro para completar a jornada. Conversador, criado em outra região, cujos costumes eram bem diferentes, não segue à risca as normas estabelecidas pelo fazendeiro, muito cioso de seus direitos de proprietário.

O rapaz, numa determinada tarde, resolve banhar-se nas águas do rio Crixás. E usa, para abrigar a roupa, exatamente a pedra que era destinada ao patrão. O vaqueiro da fazenda, ouvindo um disparo pelos lados do rio, vai ao encontro de Teodomirão e indaga dele:

“— *Que foi, patrão?*

“— *Matei um tucano. Manda enterrar, que a carne não presta*” (33).

Dalberto contrata serviço de carpintaria com o fazendeiro Silvério. É profissional competente. Executa o trabalho em condições superiores às que havia combinado. A madeira foi transformada em verdadeira joia. Contudo, na hora do acerto, Silvério se recusa a pagar o preço anteriormente contratado. Põe defeitos no serviço. Faz alegações descabidas. Seu filho, que se encontrava em visita à fazenda, solicita que o negócio tenha um fim. O velho se mostra inflexível.

Dalberto, conversando com Jarbas — filho do fazendeiro — esclarece:

*“Eu estou em cima de meus direitos. Portanto, vou procurar recursos. Quero tudo na lei. Brigar não adianta, eu não quero brigar”* (34)

O filho conhece o pai e sabe do que é capaz. Dalberto, na sua indignação, completa:

*“Seu pai é valente, moço, eu conheço a fama dele. Quando eu vim trabalhar aqui todo mundo me avisaram, não vai trabalhar lá não, que o Silvério Cabral não paga nem fogo na roupa. Eu teimei, errei, e vim. Agora estou tendo trabalho. Mas não tenho medo não. Aquele homem, seu pai, pra mim é uma galinha”* (35).

Mas antes que Dalberto se dirigisse a Morrinhos para contratar advogado que defendesse seus direitos esbulhados, Silvério o assassina a sangue frio e o enterra em local bem escondido de olhos curiosos.

### — III —

A pecuária tem sido o suporte principal da economia do Estado. É certo que a agricultura, nos últimos anos, ganhou consistên-

cia, constituindo-se, inegavelmente, em rica fonte de divisas para os cofres públicos. Mas o pastoreio, logo que entrou em decadência a atividade mineratória, no início do século XIX, adquiriu posição de liderança, mantida até os dias de hoje.

Não se pode, por isso mesmo, relegar a segundo plano a figura do vaqueiro, figura essencial na expansão do gado em terras goianas. E nossa literatura, tão identificada com a realidade regional, tem sido pródiga em dar-lhe o realce merecido.

O vaqueiro é a criatura em cujas mãos o patrão entrega praticamente toda a sua fortuna. De seu sucesso, de suas habilidades, de sua responsabilidade, dependem o sucesso do fazendeiro, sobretudo quando se trata de proprietário que vive na cidade, aparecendo raramente em suas terras. Uns fracassam, outros roubam, muitos desempenham corretamente seu trabalho.

Tristão é homem de confiança, que trabalha diretamente sob as ordens do patrão. Vive há anos na fazenda, da qual assimila admiravelmente os hábitos e os costumes. E não se dedica apenas às obrigações estritas de cuidar do gado. Cuida das tralhas da lida: cabrestos, laços, cordas, etc.

*“Sabia muito bem como tratar o patrão, ele e a mulher, mais os filhos já grandes. Era difícil o velho ter um gosto novo, inventar uma coisa diferente. Se o patrão morresse primeiro, iria arranjar um sítio nos gerais, com o gadinho que juntara das sortes. Não queria encrenca com o resto da família, gente saída dali pequena, sem conhecimento do sertão e do trato de uma fazenda” (36).*

Angelino, de sua vez, representa igualmente o tipo comum de vaqueiro, homem normalmente entregue ao estilo de vida que escolheu ou que a vida lhe reservou. Não tem rompantes de valentia. Sequer reclama dos dissabores que o acometem.

Angelino notara movimento de urubus pelos lados do Mato do Rosário. Preocupara-se. Mas a chuva de inverno, caindo ininterruptamente o dia inteiro, não lhe permitira arredar pé da casa. Fizera as coisas que não o obrigavam a sair da porta, consertando objetos velhos. Apartara as vacas leiteiras e, após o jantar, resolvera efetuar o campeio.

*“— Capaz de ser filho da Marquesa — ponderava o Angelino passando a perna por cima do socadinho, enquanto remordia de banda a língua, naquele tique tão costumeiro. E, seguindo o fio de uma*

*idéia que o estava perseguindo desde cedo, continuou, falando quase para si mesmos — Num é que a cria tava muito perrengada demais com a bicheira do imbigo! Aqueles urubus no angico seco da grotinha, sei lá... E o pior que o bezerro era um mestiço de nelore, o ai Jesus do filho do patrão” (37).*

Outro, menos responsável — e alegando a impossibilidade de locomover-se em face da chuvarada — deixaria a tarefa para o dia seguinte, principalmente por se encontrar fora o dono da fazenda.

Vaqueiro era aquele: amava o lugar, as pessoas do lugar, amava também os animais. Constante, irreversivelmente dedicado à sua profissão sempre revirando os gerais.

*“Encilhava, já no escuro, uma mula boa de trote; voltava quando as luzes do alpendre estavam apagadas e todos dormiam: coices de animal batendo, resfolegar de suas narinas, o novilho desgarrado preso no curral, seus mugidos...” (38).*

O fazendeiro vende parte do imóvel e os bois. O vaqueiro se retira e ninguém tem mais notícias dele. Mas quando o proprietário refaz a fazenda, povoando-a outra vez de gado, há uma surpresa.

*“Ele, o vaqueiro, chegou de repente, como a manada. E vendo os animais, vimos nele o vaqueiro que era, seu cavalo inquieto, o chapéu de couro, um cigarro apagado na boca. Suas esporas, as mesmas. E o mesmo brilho, tilintando igualmente, quando andava na sala. Viu primeiro os bois, entre eles deixou-se ficar, alisando-os — brilhava o couro aparecendo por debaixo de sua mão; quietos, os bois mugiam, espantando com o rabo as moscas” (39).*

A vida do vaqueiro, no entanto, ocasionalmente se torna difícil, pois perigos inesperados podem ocorrer. Clemente e José Luís (40) são dois jovens vaqueiros. Estão campeando. Nisso, ouvem o berro lancinante de uma rês. José Luís quer saber do que se trata mas o companheiro não se interessa pela questão. Combinam, então, quando se separam, encontro em local não muito distante. José Luís vê a enorme sucuri enroscada no boi. Arranca o facão e consegue parti-la ao meio. Livre da agressão, o boi se joga contra o vaqueiro, atingindo-o mortalmente.

O gado brabeza sempre existiu em Goiás. São reses que perdem o contato com os currais, embrenhando-se definitivamente nos

gerais. Não admitem a presença do homem tanto que, da distância em que o avistam, procuram internar-se no mato, capoeira ou no cerrado sujo. O vaqueiro, quando pode, joga o cavalo sobre a rês e a laça, amarrando-a depois; e, atrelando-a a um boi carreiro, consegue levá-la ao curral. Para isso, entretanto, precisa de perícia e de coragem, pois que a carreira é violenta e por lugares fechados, dependendo o êxito, igualmente, da prática do animal de sela em tais operações. Contudo, não havendo outra alternativa, faz uso de sua arma de fogo quando se aproxima do animal, abatendo-o para consumir sua carne.

Carmo Bernardes, em *Alegria de Vaqueiro*, descreve uma dessas verdadeiras caçadas, destacando principalmente o espírito de competição que existe entre os bons vaqueiros. Numa volta de estrada, estando o narrador escanchado despreocupadamente na sela, ele e seus companheiros enxergam um garrote brabeza seguindo vaca mansa.

*“Boi de brabeza é bicho arisco de mais para ir deixando gente encostar assim de perto, mas nós íamos contra o vento. E mesmo a vaca era mansa, estava no calor, por conseguinte chegamos rente, e ele não perecebeu. Cheguei sentir aquele cheiro bom de gado curraleiro, e me encheu a boca d’água, pensando no paladar da carne. Dos três, só eu conduzia carabina, mas por caipirismo nosso as balas vinham na patrona, ai dum lado. Quando bati a mira no cangote dele, que observei a orelha sem pique, reconheci ser brabo, o bicho.*

*“Assim detive a marcha do cavalo, já escutava compadre Luiz dizer, impacientes*

*“— Atira, compadre; em antes que corre.*

*“Perco o expediente. Zunho a tampa do diabo da patrona caçando bala. Enquanto isso o trem desconfia e esfiapa, largando a vaca. Corre e corre linheiro, de rabo estirado” (41).*

Os dois vaqueiros se lançam na perseguição ao boi, que deixa o descampado e penetra no cerrado sujo. O garrote, como se previa, joga os quartos e se dispõe a enfrentar o primeiro inimigo, exatamente o narrador da história. Este, acossado, abandona o cavalo e sobe a uma árvore, deixando a arma cair ao solo. Luiz, que ansiava por passar-lhe o capote, isto é, queria pegar o boi antes do amigo, acha meios de realizar seu intento. O narrador concluiu:

*“É como lá diz o outro: o que tem de ser do lóbo nasce manco...”* (42).

Em *O Tronco*, livro em que Bernardo Élis revive lutas de fato ocorridas em São José do Duro, na segunda década deste século, os vaqueiros e outros trabalhadores rurais são convocados para o exercício da violência, defendendo interesses do coronelismo prepotente. Embora a grande maioria seja a massa submissa dos conformados, alguns se insurgem contra o absurdo, voltados para uma vida de paz e de trabalho. Belisário, por exemplo, se abre com o companheiro:

*“— Eu cá num vou. Não vou nessas tropelias do coronel. Estou aqui para cuidar de gado e não para fazer arrelias. Se eu gostasse de cangaço, estava mais os jagunços de Pernambuco. Oxém, depois num vê, home de Deus!”* (43).

E Belisário continua sua conversa com Casemiro, também vaqueiro. Vaqueiro explorado pelo coronel e só tendo conhecimento exato de sua exploração ao ouvir as palavras do amigo.

*“Casemiro sentia a revolta crescer no peito. Ele também tinha sido chamado para comparecer na Grotta. E tinha medo de ir: — Eu não gosto de briga, compadre. Nem num sei dar tiro nenhum nada...”* (44).

Os dois se lembram do vaqueiro Norato, uma espécie de símbolo dos espoliados.

*“— Com Norato eles piaram fino. Gado morria, Tozão botava na conta de Norato e Norato nem ligava. Norato comprava uma dúzia de balas, Tozão botava na conta dele três dúzias. Norato não reclamava, não discutia. Inteirando dez anos, Norato fez as contas, separou o lote de reses que achou que tinha ganho nesse tempo e abriu o pala, foi montar seu retiro dele mesmo em Missões”* (45).

O fim de Norato foi trágico. Tozão o assassinou de tocaia, friamente. Mas o fato oferece um admirável exemplo, já que reflete uma situação verdadeira existente em Goiás no início do século em curso. Norato prestava seus serviços ao patrão. E os prestava bem. Não fora assim e teria inapelavelmente sido expulso da fazenda. O patrão, contudo, se julgava no direito de roubá-lo, executando, em verdade, o que muitos outros fazendeiros costumavam fazer. Mas quando o empregado quis efetuar justiça de *motu próprio*, ele reagiu

violentamente, com o insofismável propósito de amedrontar futuros vaqueiros e, no seu cinismo atávico, ressarcir-se de prejuízos que julgava ter, reavendo o gado que o vaqueiro conduzia.

Nas propriedades mais distantes dos centros urbanos, onde os patrões costumam aparecer de ano em ano, surge a figura do abigeato, vaqueiro que se apropria de gado do fazendeiro para iniciar o seu próprio criatório.

*“Beira do Araguaia tinha muito disso: vaqueiro se ajustar numa fazenda e, sutil, conchavar a arrumação de um sítio d’trabanda do rio, num sangradouro bem escondido, dos muitos que têm nos gerais de Mato Grosso, e garrar a levar pra lá novilhas tiradas no gado do patrão... (...) Firmininho era um que estava exato nessas condições. Com um sítio prosperando num lugar que ele mesmo batizou de Vargem Perdida, todo ano aportando pra lá de três a cinco bezerras abecadas da fazenda de seo João Joca...” (46).*

Outra figura frequente na paisagem goiana, até há pouco tempo, figura convenientemente explorada por nossa literatura, é o peão de boiadeiro, tipo humano verdadeiramente legendário. Ninguém ignora que o primeiro produto exportado por Goiás, tão logo secaram os veios auríferos, foi o boi em pé. A economia estadual girou por longos anos — e ainda recebe sua influência marcante — em torno da pecuária. E, no transporte das boiadas de Goiás para Minas e São Paulo, o peão de boiadeiro assume posição de importância capital.

Leo Godoy Otero, em *O Caminho das Boiadas*, consegue captar bem a psicologia do peão de boiadeiro, representando em seu livro pela presença excelentemente delineada de Monteiro Ponteiro.

*“Porteiro conhecido de todas as manadas de Goiás a Barretos — dezoito viagens no lombo — o que lhe valera o apelido. Caboclo andejo, forjado na turbulência de duas revoluções, do lado de ninguém, defendendo o que o patrão Doutor entendia de seu direito, garganteava há sete anos o choque emboscada com a Coluna Prestes, no roubo da tropa de Vera Cruz. Lírico de coração, o bruto de nascença vangloriava-se de nunca se ter embeijado por mulher nenhuma, mais de dois meses, como dizia, o prazo de custear e botar um filho na barriga de uma*

*franga e depois, enjoado do cheiro da cabocla, cruzar o Rio Grande por esses mundão dos São Paulo” (47).*

Moreno Ponteiro é por certo um peão privilegiado, pois goza da estima pessoal do patrão e, acima de tudo, toca o berrante, “berrante chorando forte na plangência da tarde”. É valente e se encontra preparado constantemente para enfrentar qualquer eventualidade. Usa bem tanto o revólver quanto a viola, não fugindo mesmo ao desafio cantado. Nunca deixa de dizer bravatas. Até diante da mulher que escolheu para companheira, em momentos destinados antes ao lirismo e às efusões amorosas, não silencia os seus feitos.

*“Maria comovida, sentindo se arrombarem as portas do novo mundo, brilhava os olhos parecendo que chorava, enquanto o peão, continuando, lhe falava dessassombrado da sua vida de bagunças, entrando em minúcias, desembrulhando, num rasgão, aquela alma lírica e simples, sob u’a sinceridade chocante e cheia de fé nas coisas e confiança em si mesmo: — Eu aprendi conhecer mulher dando bicota em boca de rapariga. Nesses ermo tudo que eu conheço, é poucas mulher que eu não vi de cacunda pro chão. É muitos caboclo, dos mais feroz, que eu tive de arrolhar a boca, mode mulher. (...) E você foi até agora a única franga que embeicei, e há de ser com ocê que hei de se casar...” (48).*

A vida do peão de boiadeiro não se resume apenas no trabalho áspero de conduzir a manada dias e dias seguidos, por caminhos lamacentos ou batidos de pó, atento ao boi velho velhaco, que pode escolher qualquer restinga de mato ou capoeira suja para se esconder. Constantemente tem que voltar em busca das arribadas. Há que se fazer rodeios quando a boiada se mostra indócil. Inclusive noturnos. O pior, contudo, é o estouro. Por um nada, os bois debandam, estabelecendo-se confusão terrível.

*“Estoura a boiada. Os ponteiros recuam. A tropa da direita abre caminho. A culaura passa rápida à esquerda. A peonagem se arreda pra longe a descargas de revólver. A retaguarda do tropel virada já nos pés arranca para trás, enquanto a tropa adestrada, firme, dispara paralela à massa sinuosa perdendo terreno à arrancada. Cavalos esbarrados saltam loucos na ânsia de rebater cortando o turbilhão.*

*O estampido contínuo, semelhante ao da enchente, esgaça num picadão sem fim o pau-baixo de beirario. O manga-larga esprituoso do capataz cospe-o longe a uma rodada. A gritaria dos homens, perdendo para o estouro, se avolumava mais refeita sobre o carretão.o compressor que prossegue vertiginoso". (49).*

O sangue frio, a perícia e a coragem se fazem necessários em determinadas ocasiões, particularmente quando da travessia dos rios largos e profundos. Quando os primeiros bois caem n'água, o peão corajoso terá que nadar abaixo dos ruminantes.

*"O cabra, apeando, atirou-se mais abaixo, vestido como estava, d'esporas e chapelão, tomando-lhe a frente (ao primeiro boi que caíra n'água), guiando-o com o aboiado; o resto da boiada, aos pares, aos magotes, os ia seguindo à esteira, após um baque surdo de corpos sobre a água, que espadanava para as margens as suas toldas aljofrantes" (50).*

Quando o pouso da boiada coincide ocorrer nas proximidades de alguma cidade ou vila, o peão pede dinheiro adiantado ao comissário. Encharca-se de bebida.

*"O Nega não comprou pala nenhum e, satisfeito, enchafurdou-se em pinga, animalesco, na primeira venda da entrada da cidade. Ali, no balcão de tábuas de caixote, vomitando, era expulso a tapas e pontapés pelo vendeiro, caindo no sono pela buraqueira da rua já escura. (...) O capataz, lá embaixo, num arremedo de praça, em uma venda maior, de três mesinhas, tomava cerveja quente, velha, com mais de ano" (51).*

Não ficam apenas na bebida. Buscam os bordéis, loucos por mulheres. E vão se encostando à primeira que aparece. E se arvoram em donos da casa de última classe.

*"— Quem manda aqui é só nós, os peão de boia-deiro... As raparigas (prostitutas) está tudo por conta só de nós!" (52).*

O álcool e as mulheres formam o quadro de confusão:

*"O pânico cavalgou. Mais dois tiros cravaram-se a êsmo nas ripas do telhado — as candeias viradas derramando o azeite quente — enquanto a correria e o berreiro completaram a confusão.*

*“O Zeca — olhos vidrados — deu mais três vezes no gatilho pra toda banda e nenhuma bala saiu. Dois peões também bebados responderam, descarregando as armas, ao tiroteio lencado do culatreiro. Cadeiras voavam se quebrando, enquanto dois praças foram chegando, escondendo-se à fuzilaria, contando as vezes que as agulhas dos revólveres percutiam e, marchando para o Zeca, deram-lhe o seu clássico “estejes preso”. O peão, distribuindo braçadas, escoiceou como burro brabo, mas um golpe de um sabre de um soldado trigueiro rasgou-lhe a testa amontoando-o sobre u’a mesa. O outro praça, sórdido e covarde, vendo o gesto do companheiro desceu também, violento, a baioneta nas costas do culatreiro, derramando-o da mesa” (53).*

Depois de esvasiar o salão e desarmar também a Moreno Ponteiro,

*“A soldadesca sádica, matadores de profissão, degenerados que procuram refúgio na miserável polícia goiana então mal paga e maltrapilha, levantava o Zeca semidesfalecido, breado em sangue, conduzindo-o arrastado para o xadrez, cutucado a cano de revólver tomado de algum coitado sem porte de arma, o que ninguém no sertão possui” (54).*

Na manhã seguinte, massacrados pela ressaca e pelas contusões da pancadaria, tiveram que aguentar as provocações do capataz:

*“— Cambada de cachaceiro! Bagunceiros dos inferno! Oceis veio foi pra trabalhar e não fazer bagunça e danação com raparigada na cidade, corja de desgraçados...” (55).*

O capataz, contudo, seguindo à risca o código de honra do sertão, não deixaria que o peão apodrecesse na cadeira. Mandou que a boiada seguisse e se movimentou para libertar o culatreiro.

*“Dia inteiro briquitou o capataz em Buriti Alegre para arrancar o Zeca da cadeia. Afinal o gado era do Doutor e o malfeito de um jeito ou de outro foi pago. Meio dia de tempo de queimada e estavam outra vez com a comitiva” (56).*

O peão de boiadeiro está presente na obra de Bernardo, embora improvisadamente, pois são rapazes querendo mais impressionar mocinhas do que propriamente exercer o duro labor. Diga-se de pas-

sagem, entretanto, que o peão de boiadeiro sempre procura um meio de impressionar as mulheres.

*“Debaixo de suas capas, os meninos faziam cabriolas com os animais, balançavam as ferragens do peitoral, dos freios, aprontando um bonito para as meninas do Manuel do Carmo, Chico Lisboa e Maneta, umas roxas peitudas e bundudas que se comprimiam pelos cantos das cercas, beijos vermelhos de papel de seda, roupa nova, pé no chão e cabelos cheirosos a tutano. Elas diziam adeus aos peões e, dengosas, escondiam-se umas atrás das outras, careteando risos fungados, dando muxoxos, xingando pragas cheias de carícias” (57).*

Mas há o reverso da medalha, isto é, os peões eventualmente indispostos às cabriolas.

*“O berrante roncava morno e manso. A chuva peneirava, empanando os longes, molhado as capas, encharcando as caroças dos peões pobres, ensopando camisa e calça dos peões ainda mais pobres, cujas vestes seriam por essa forma lavadas, pelo menos” (58).*

#### — IV —

O Estado de Goiás, durante anos e anos, esteve completamente confinado em seu isolamento geográfico. Enquanto nos Estados mais desenvolvidos ou então bafejados pela civilização litorânea circulavam o trem-de-ferro e os primeiros veículos motorizados, aqui predominavam quase que exclusivamente o carro-de-bois e as tropas. As viagens, por isso mesmo, eram demoradas e difíceis.

O carreiro e o tropeiro, como trabalhadores livres, prestaram serviços que não podem ser esquecidos, principalmente se se atentar para a grandeza de um trabalho realizado em pleno sertão, cercado de todas as dificuldades possíveis e imagináveis.

O carreiro não tem situação melhor que a de outros trabalhadores rurais. Dá o duro para defender uma subsistência precária. Além de transportar carga o dia todo, precisa cuidar da tralha — cangas, canzis, ajoujos, etc — e estar em dia com a situação dos bois.

*“O Tomé (...) era um que não tinha tempo de coçar pulga. Era o que dava o correr da semana labutando na sua obrigação de carreiro de fazenda, só ia pra casa depois de escurecer, levando o ganho do*

*dia: uma combuca de gordura, um celamim de sal, um prato de arroz, duas mãos cheias de feijão” (59).*

E como fazer para completar o sustento da família?

*“Nos domingos e dias santos assobiava os cachorri-  
nhos, ia pro mato caçar. Quando tudo corria bem,  
trazia paca ou tatu, furava alguma morada de abe-  
lha, e era quando os meninos furravam a barriga  
com uma comida de maior sustância e a mulher,  
morta e viva na roda fiando pra fora, tinha dis-  
posição de trautear uma toada alegre ao piado quei-  
xoso do veio” (60).*

Alguns, embora não possuindo terras, contam com o carro de bois para ganhar a vida. E podem mesmo buscar outras terras, tangidos por dificuldades momentâneas e fugindo de situações mais graves.

*“Nêgo Carreiro segue sua jornada.*

*“Deixa às terras do sul, caminha para o norte. Não quer mais viver em terra de orgulho, onde as unhas dos donos poderosos lhe enervam o tranquilo viver. Teve notícias (...) que as terras do norte são boas. Viagem longa e demorada. Mas nem Nêgo, nem Juvenília, nem os meninos e nem os seus bois têm pressa. Caminham três léguas por dia. No fim de três meses de viagem chegaria” (61).*

O tropeiro é o andejo, percorrendo caminhos que não terminam ou, quando se acabam, se iniciam novamente. Atravessa o sertão de ponta, a ponta, guiando os burros e os cavalos. Conduz mercadorias e gêneros, numa tarefa que exige coragem, paciência e prática.

Joaquim Culatreiro é o profissional comum, ciente de sua obrigação, incapaz de afastar-se do trabalho para um dedo de prosa. Depois de tudo arranjado é que ele vai juntar-se aos companheiros, à beira do fogo para ouvir casos do sertão.

*“O tropeiro empilhou a carregação fronteira aos fardos do dianteiro, e recolheu depois uma a uma as cangalhas suadas ao alpendre. Abriu após um couro largo no terreiro, despejou por cima meia quarta de milho, ao tempo que o resto da tropa ruminava em embornais a ração daquela tarde. O cabra, atentando na lombeira da burrada, tirou dum surrãozinho de ferramentas, metido nas bruacas da cozinha, o*

*chifre de tutano de boi, e armado duma dedada percorreu todo o lote, curando aqui uma pisadura antiga, ali raspando, com a aspereza dum sabuco, o dolorido dum inchaço em princípio, aparando além com o gume do freme os rebordos das feridas de mau caráter* (62).

Zeferino não mandava em sua vida. Empregando-se com o coronel Deodato, aos vinte anos, nunca mais quis deixá-lo. Aliás, por atos de valentia praticados em favor do patrão, viu-se promovido a tropeiro, homem de confiança, viajando entre Goiás e Bahia e conduzindo mercadorias em lombo de burro. Não reclamava da vida, conformado com sua situação.

*“O coronel de vez em quando lhe dava um pequeno aumento de ordenado e não havia possibilidade de conseguir coisa melhor”* (63).

Sua mulher não se acostumava àquelas ausências, pedindo-lhe que encerrasse o ciclo das viagens, pois Zeferino já chegara aos quarenta anos e nada de positivo havia conseguido em suas andanças de tropeiro. Ele prometia, mas não se sentia com coragem para enfrentar o coronel.

*“Quando ficava em casa no intervalo das viagens também não tinha tempo p’ra nada. Era consertando bruacas e cangalhas, emendando cabrestos e peias, curando as pisaduras da tropa. Duas ou três semanas de descanso, mais para os animais do que mesmo para ele, e nova partida, e nova ausência que durava um mês e pico entre a ida e volta”* (64).

Necão, homem de confiança de seu patrão, conduz a Cuiabá, em Mato Grosso, uma tropa de duzentas e cinquenta cabeças de animais, que seriam ali negociados. Chega ao término da viagem com sucesso absoluto. Mas na capital matogrossense, metendo-se numa banca de jogo entre desconhecidos, perde todo o dinheiro apurado, ficando mesmo sem níquel para voltar a Goiás. Mas Nicodemus, que também conduzia tropa, o recebe de braços abertos, disposto a custear a sua e as despesas dos peões que o acompanhavam. Necão, contudo, rouba o dinheiro do outro.

E quando o filho de Manuel, outro tropeiro, descobre uma sepultura recente, trava-se o diálogo esclarecedor.

*“— É o diabo do Necão.*

*“— O Necão do coronel Firimno? — argüiu o seu Manuel.*

“— *Ele mesmo... Nunca pensei que fosse acontecer.*

“— *Suicidou?*

“— *Eu suicidei ele*” (65).

Outra figura comum em Goiás — e que a nossa literatura apanhou muito bem — é a do amansador de burros e cavalos brabos. Peão respeitado, olhado com inveja por muitos, bem visto pelas mulheres.

A neta do patrão gostou do pingo picaço e Antônio, o peão mais graduado da fazenda e famoso montador em animal chucro foi chamado para o primeiro repasso.

*“O endemoninhado recuava sobre os cascos, refugando, encolhendo a lombeira, como que a experimentar, admirado, o estôrvo que trazia por cima. Súbito arremeteu.*

*“Nem tempo tiveram de tirar os últimos paus. Passou por cima da porteira num salto breve, nervoso, ganhou o campo aberto, e espalhou.*

*“Que bicho, meu menino! Sete vezes fui ao céu e sete descí às profundas dos infernos! Mas aguentei firme. Cabriolou aos pinotes, no estradão; andou de banda, por instantes, arreliado, procurando morder; atirou dous pares de couces para o ar, e como se fosse só então principiar, disparou noutra arremesso.*

*“Engolimos num trago aquele chão.*

*“No valado das divisas, a distância era respeitada; e ele, sem detença, precipitou-se num arrancão. Cui-dei ficar daquela feita no fundo do barranco, estive mesmo, vai não vai, por abandonar as estribeiras. Ganhamos o outro lado. Atravessamos num relance o sarobal que lá havia e ensaiei, atendo-me ao governo, encaminhá-lo para o pontilhão e voltar ao terreiro, onde todo mundo andava atarando.*

*“Mais por inclinação própria, que obedecendo às rédeas, ele desembestou por ali e veio num fechar d’olhos, aos pulos e aos trancos, jogando de popa, esbarrar ao pé das cercas, pinoteando” (66).*

Antônio continua sua odisséia:

*“— Não lhe conto nada, meu patrão, o certo é que não sei porque artes e manhas do tnhoso, quando supunha já ser ocasião de sujigá-lo nas esporas e tacadas de rabo-de-tatu aplicadas a preceito, o mal-*

*vado, num solavanco, empinando sobre as patas traseiras, acachapou-se no terreiro, sacudindo-me com violência do lombo.*

*Aguentaria firme ainda, não fora a traição da barriqueira e sobrechincha, que arreventaram no esforço” (67).*

E o resultado final?

*“Quando dei acordo, estava estirado no banco da varanda, sobre o joelho da menina, que me banhava a cabeça num lenço ensopado, todo besuntado da sangueira que me saía duma brecha funda do cocuruto...” (68).*

Os outros peões não foram menos infelizes. Um deles, aliás, partiu o braço em dois lugares.

— V —

O trabalhador braçal, o homem da enxada, do machado e da foice, visto com desprezo pelo peão de boiadeiro, pelo vaqueiro e pelo tropeiro está presente e fartamente nas páginas dos escritos goianos.

Há uma espécie de trabalhador, que faz de tudo e vivendo sempre na dependência de outros, que nunca se liberta de uma quase escravidão. Divino se enquadra nessa categoria. Um sofredor que jamais sentirá qualquer prazer, exclusivamente voltado para as ocupações infundáveis. Muito cedo, abandonava o jirau e se dirigia à sede da fazenda, colocando-se sob as ordens do retireiro, que era o imediato do patrão. Arrumava terreiro, tirava leite, curava umbigo de bezeros. Limpa de quintal ou roça. Quando havia mutirão era o enviado da fazenda. Ia a pé. E teria que participar apenas do trabalho, pois que no pagode não haveria lugar para ele.

*“Aos domingos, única vez que não trabalhava o dia todo, depois de arrumar o curral, ia para o seu ranchinho e lá começava a mudar algum pau podre da cerca de pau-a-pique, punha mais folhas no telhado de buritis ou remendava as suas duas roupas” (69).*

Jorge é o roceiro. Encontra-se apaixonado por Boneca, a de “rostinho redondo e sorriso encantador” (70). Mas não tem condições financeiras para casar-se. Vive dos braços, do áspero labor da roça. E não perde a esperança. Tem seus planos para o futuro.

*“O milho haveria de granar, madurar todo e render*

*bastante. Venderia sua parte e o patrão já lhe havia prometido arranjar uma (roça) no cotovêlo do rio. Ali a terra é muito boa para o arroz” (71).*

Cirilo não quer saber de encrencas. Pensa apenas em sua família, preocupado em cavar a subsistência de todos. Tinha horror à polícia e não gostava de passar por vexames. Os companheiros às vezes o convocavam para represálias contra fazendeiros.

*“Pedia paz a Deus. Queria o trabalho nos eitos. Seguia para as roças e voltava ao rancho. Gostava da vida nesse remanso. As ferramentas de trabalho limpas, enfileiradas na cumeeira da porta; a roda de fiar de Doraci, bem aparelhada, esperando pela mulher que era esperta. Era tudo o que pedia a Deus: sua roça, seu rancho, colheita bem sucedida, saúde, amizade” (72).*

Piano é um coitado, um faminto. A mulher paralítica, o filho bobo. Vive num ôco de mundo. E o patrão, com ameaças terríveis, dá-lhe o prazo fatal para plantar a roça. E começa sua odisséia, sua luta ingente para conseguir uma enxada. Recorre a todos, vai inclusive ao vigário. Mas não há meios de conseguí-la, pois que dinheiro não possuía para adquirí-la numa loja qualquer. O prazo que ora dado estava prestes a se vencer. O homem não encontrou outra solução no seu desespero de matuto.

*“O camarada tacava os cotos sangrentos de mão na terra, fazia um buraco com um pedaço de pau, depunha dentro algumas sementes de arroz, tampava logo com os pés e principiava nova cova. Estava nu da cintura pra cima, com a saia de baixeiro suja e molhada emprestando-lhe um jeito grotesco de velha ou de pongó. (...) E com fúria agora — com a aproximação dos soldados mandados pelo patrão — tafulhava o toco de mão no chão molhado, desimportando de rasgar as carnes e partir os ossos do punho, o taco de graveto virando bagaço..” (73).*

Alguns dão o duro no roçado. Mas o dinheiro não chega para cobrir as dívidas. É necessário, então, alguma artimanha para se livrar de coisas incômodas. Julião recebe a visita de Chico Rosa, liquidante de uma casa comercial da cidade. Acabam se entendendo. O roceiro pagará a dívida com o seu cavalo preto de estimação. Chico leva o animal e é obrigado a dormir no mato. Peia o seu e o animal

que recebera como pagamento, dando plena quitação, através de documento assinado, do débito de Julião.

Verifica, na manhã seguinte, que o cavalo desaparecera. Volta à casa de Julião e, à porta, vê o animal ruço que este possuía. Não tem outra alternativa senão voltar para casa.

*“E o ex-devedor meteu-se para dentro, com o fim de guardar, por seguro, a cuia em que havia preparado a composição química de seu invento, resultante da mistura de sebo de vaca, carvão vegetal moído, azeite de mamona e leite de figueira brava, com que fizera do Rução, por algum tempo, um belo “cavalo preto, calçado de três pés, com uma estrela branca na testa...” (74).*

— IV —

A vida do trabalhador rural, onde as leis de proteção não haviam chegando — e que só agora apareceu de fato — era uma vida de dificuldades. O fazendeiro, salvo exceções que podem ser apontadas a dedo, sempre se constituía num explorador voraz da disponibilidade do trabalhador, fosse vaqueiro, peão, retireiro, agregado, manejador de enxada ou foice, etc. O empregado e sua família normalmente passavam privações e constantemente se viam presas fáceis de doenças, sobretudo pela ausência de higiene e de instrução, além de viverem em moradias miseráveis.

Tal situação — como seria fatal — acabou por criar distorções. Não raro, os trabalhadores se voltaram, organizadamente, contra os patrões.

*“Puseram-se à derrubada do mato. O machado, o grande rei dos infortúnios, fazia o círculo no ar e por sobre a cabeça, volteando, reagrupava, de cima abaixo, as forças que os braços e a destemperança da vontade podiam dar — e o baque seco, virulento, majestoso — como uma serpente astuciosa e um raio, e logo o eco que engolia as distâncias” (75).*

O dono das terras não se conforma com a invasão. Chega ao local acompanhado de seus jagunços. Mas os trabalhadores não se intimidam.

*“— Pagamos arrendo. Isso pagamos. Só queremos um taco de mato que seja mais rendoso. Só queremos trabalho com proveito” (76).*

Limírio, por exemplo, ao pegar em flagrante a esposa do pa-

trão com um empregado, se vale da situação para trabalhar pouco e levar vida mansa. Depois, elimina o amante da patroa e o substitui nos braços da mulher. Adquire a confiança da casa e surge como indivíduo valente. É mandado, por isso, a executar um serviço que consistia na eliminação de um seu irmão de criação, pistoleiro que vivia ameaçando o coronel. Assim é que, de tocaia, calcou.

*“fogo mesmo em riba da maminha esquerda lá do peito do ex-Zé da Conceição. Ele estacou no baque do tiro, revirou os olho pra riba e eu vi na cara dele que a bala tinha arrumado lá pra dentro”* (77).

Há os jagunços de aluguel, que matam exclusivamente pelo ganho. É o caso de Liduino que, apesar de tudo, morre da mesma forma que havia eliminado outras pessoas.

*“Liduino não se mexia. Ao lado estava uma lata de querozene, já furada nos cantos, tendo em cima a repetição de tantas marcas na coronha. Liduino estava com a cara atolada na terra fofa. O sangue ainda lhe escachoava do ferimento...”* (78).

Os ladrões de gado — geralmente gente pobre dos gerais — quase sempre efetuam roubos para se servir da carne do bovino. E quando um sitiante procura o fazendeiro mais importante das redondezas e lhe dá a notícia de que vira determinadas pessoas carneando uma rês, organiza-se imediatamente a expedição punitiva.

*“Soube-se depois que o entrevero foi uma coisa terrível, com a negralhada — pai e filhos — entrincheirada nos paredões da serra. Afinal o velho caiu morto e os dois cabras jovens e peitudos foram detidos após quase uma hora de feroz resistência. (...) Os negros foram conduzidos à fazenda trelados como cães e dali remetidos à cidade. Meu pai lhes impôs a pena de andarem pelas ruas, de porta em porta, confessando o crime e carregando na cabeça os despojos do furto, metidos num saco.*

*Foram trancafiados na cadeia, com os pés no tronco, a cabeça raspada a navalha de um lado só”* (79).

O filho estudante indaga do pai se não seria mais conveniente processar e julgar os culpados. O velho responde:

*“Para ladrão de gado a lei é ditada por quem sofre o prejuízo”* (80).

Outros que não apreciam o trabalho entregam-se aos pagodes e cantorias, alcançando excelentes resultados com as mulheres.

Benício vive com sua mulher Fulô, uma “baiana quente e es-  
perta”.

*“Tinha uns olhos claros e limpos, de madrugada.  
Há coisa de dois anos ela conheceu um cantor de  
desafio e ficou naquele chamego com ele”*(18).

Os dois — Fulô e Ramiro — tramam a fuga, que se consu-  
maria após o assassinato de Benício. Mas este, ágil e vivo, não se  
deixa apanhar. Elimina o violeiro e se mantém na posse da mulher.

Os cantadores e amantes dos pagodes costumam ter lá sua va-  
lência principalmente quando se engraçam com alguma mulher.

*“Alvarino era safoneiro, violeiro e bom cantador”*  
(82).

A moça Conceição, filha de sitiante, se perdeu de amores por  
ele. Os pais se opuseram. A donzela fincou o pé. Alvarino manda  
recado que brevemente apareceria para levar a moça, de qualquer  
maneira. E vai mesmo, mas o pai lhe prepara uma emboscada e o  
elimina.

Fique claro que não se se quis efetuar um levantamento am-  
plo da contribuição que a literatura goiana ofereceu à História. O  
presente trabalho quis, tão somente, oferecer uma visão panorâmica  
da questão. E apenas o trabalhador rural foi focalizado.

## BIBLIOGRAFIA

- ( 1 ) Barbosa, Francisco de Assis. Prefácio a *O Tronco*, de Bernardo Élis, Livraria José Olympio Editora, Rio, 1967, 2ª. edição.
- ( 2 ) Fleuri, Rosarita. *Elos da Mesma Corrente*, Imprensa da Universidade Federal de Goiás, 1965, 2ª. edição.
- ( 3 ) Op. cit., p.6.
- ( 4 ) Idem.
- ( 5 ) Id., Ibid., p.19
- ( 6 ) Id., Ibid., p.57.
- ( 7 ) Op. Cit., p.58.
- ( 8 ) Idem, p.137.
- ( 9 ) Idi, Ibid., p.p. 137/8.
- ( 10 ) Op. Cit., p. 138.
- ( 11 ) Idem, p. 142.
- ( 12 ) Id.,Ibid., p. 143.
- ( 13 ) Id., Ibid., p. 147.
- ( 14 ) Id. Ibid., p. 147.
- ( 15 ) Op. Cit., p. 152.
- ( 16 ) Idem, p. 281.
- ( 17 ) Id., Ibid., p. 163
- ( 18 ) Idem, p. 163
- ( 19 ) Id., Ibid., p. 317
- ( 20 ) Op. Cit., p. 321
- ( 21 ) Idem. p. 320.
- ( 22 ) Ramos, Hugo de Carvalho. *Gente da Gleba*, in "Tropas e Boiadas", Livraria José Olimpio Editora, 5ª. edição, Rio, 1965, p.98.
- ( 23 ) Idem, p. 99
- ( 24 ) Id., Ibid., p. 95.
- ( 25 ) Id., Ibid., p. 95.
- ( 26 ) Op. Cit., p. 121
- ( 27 ) Idem, p. 126.
- ( 28 ) Ramos. Hugo de Carvalho. *Peru de Roda*, in Op. cit. (22), p.59
- ( 29 ) Élis, Bernardo. *Caminhos e Descaminhos*, Livraria Brasil Central Editora, Goiânia, 1965, p.p. 86/7.
- ( 30 ) Idem, p. 91.
- ( 31 ) Id., Ibid., p. 92.
- ( 32 ) Brasiliense, Eli. *O Tucano*, in "O Irmão da Noite", Edições Correio da Manhã, Rio, 1968, p.p. 33/34.
- ( 33 ) Idem, p. 37.

- (34) Barbosa, Alaor. *Lar Paterno*, in "Campo e Noite", Editora Oriente, Goiânia, 1971, p. 43.
- (35) Idem, p. 43.
- (36) Brasiliense ,Eli. Op. Cit. (32), p. 32.
- (37) Élis, Bernardo. *Quadra de São José*, in Op. Cit. (29), p.p. 11/16.
- (38) Araujo, Luiz. *Ciclo*, in Antologia do Conto Goiano, organização de Anatole Ramos et al., Departamento Estadual de Cultura, Goiânia, 1969, p. 167.
- (39) Idem, p. 168.
- (40) Curado, Ada. *Pelo Sertão*, in "Nêgo Rei", Livraria Brasil Central Editora, Goiânia, 1966, p.p. 143/145.
- (41) Bernardes, Carmo. *Alegria de Vaqueiro*, in "Vida Mundo", Livraria Brasil Central Editora, Goiânia, 1966, p.p. 41/47.
- (42) Idem, p.p. 41/42.
- (43) Élis, Bernardo, Op. cit. (1), p. 41.
- (44) Idem, p. 41
- (45) Id., Ibid., p.p. 42/43.
- (46) Bernardes, Carmo. *Abigeato*, in "Rememórias Dois", Livraria Editora Araujo Ltda., Goiânia, 1969, p. 171.
- (47) Otero, Leo Godoy. *O Caminho das Boiadas*, Livraria José Olimpio Editora, Rio, 1958, p. 65.
- (48) Idem, p. 92.
- (49) Id., Ibid., p. 92.
- (50) Ramos, Hugo de Carvalho. Op. Cit. (22), p. 116.
- (51) Otero, Leo Godoy. Op. cit. (47), p. 96.
- (52) Idem, p.p. 96/97
- (53) Id., Ibid., p. 98.
- (54) Id., Ibid.
- (55) Id., Ibid., p. 104
- (56) Id., Ibid.
- (57) Élis, Bernardo. *Veranico de Janeiro*, Livraria José Olimpio Editora, Rio, 1966, p. 24.
- (58) Idem, p. 25.
- (59) Bernardes, Carmo. *Idas e Vindas*, in Op. cit. (41), p. 112.
- (60) Idem, p. 112.
- (61) Garcia, José Godoy. *O Caminho de Trombas*, Civilização Brasileira, Rio, 1966, p. 173.
- (62) Ramos, Hugo de Carvalho. *O Caminho das Tropas*, in Op. cit. (22), p. 3.
- (63) Brito, Francisco. *Antes Surrado do Que Enterrado*, in "Terras

- Bárbaras, Departamento Estadual de Cultural, Goiânia, 1969, p. 93.
- (64) Idem, p. 94.
- (65) Ortêncio, Waldomiro Bariani. *Tropeiro*, in "Sertão — O Rio e a Terra", Livraria São José, Rio, 1959, p. 34.
- (66) Ramos, Hugo de Carvalho. *O Poldro Picaço*, in *Op. cit.* (22), p. 42.
- (67) Idem.
- (68) Id., *Ibid.*
- (69) Otero, Leo Godoy. *O Enjeitado*, in "Gente de Rancho", Bolsa de Publicações "Hugo de Carvalho Ramos, Goiânia, 1954, p. 98.
- (70) Ramos, Cornélio. *O Triste Noivado de Boneca*, in "Amor em Quarto Crescente", Rubro Negro Editora, Catalão-Go., s/d, p. 104
- (71) Idem.
- (72) Garcia, José Godoy, *Op. cit.* (61), p. 145.
- (73) Élis, Bernardo. *A Enxada*, in *Op. cit.* (57), p.p. 73/74.
- (74) Gomes, Pedro. *Esperteza de Caipira*, in "O Pito Aceso", Revista dos Tribunais, São Paulo, 1942, p. 57.
- (75) Garcia, José Godoy, *Op. cit.* (61), p. 154.
- (76) Idem, p. 155.
- (77) Ortêncio, Waldomiro Bariani *A Busca*, in "Sertão Sem Fim". Livraria São José, Rio 1965, p. 260.
- (78) Brasiliense, Eli. *Rio Turuna*, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 1964, p. 163.
- (79) Brito, Francisco. *Ladrões de Gado*, in *Op. cit.* (63), p.p. 165/166.
- (80) Idem.
- (81) Élis, Bernardo. *Um Assassinato Por Tabela*, in "Ermos e Gerais", Editora Oió, Goiânia (2.<sup>a</sup> edição), 1959, p.p. 137/138.
- (82) Ortêncio, Waldomrio Bariani, *Paciência de Goiano*, in *Op. cit.* (77), p. 15/16.

## HOMENAGEM PÓSTUMA

É prestando culto aos grandes vultos do passado, que o presente assume um compromisso para com os direitos sagrados da posteridade.

O Instituto Histórico e Geográfico de Goiás, tão marcado pelas tradições e pelas glórias de seu passado, hoje nesta página de reverência e de saudade, evoca os nomes dos grandes vultos que integraram seu quadro social e que já deixaram este mundo.

Todos eles, figuras das mais brilhantes da vida intelectual de Goiás, se sentiam honrados em participar do rol dos sócios fundadores do Instituto e, muitos outros, mais tarde, foram seus eleitos.

A esses consócios venerandos que tudo deram de si para o engrandecimento e perenidade da Instituição, a sua gratidão póstuma e seu preito de homenagem:

Prof. Francisco Ferreira dos Santos Azevedo

Dr. Sebastião Fleury Curado

Desembargador João de Oliveira Godoy

Prof. Alcides Celso Ramos Jubé

Frei Reginaldo Tournier

Desembargador Emilio Francisco Póvoa

Dr. José Honorato da Silva e Souza

Dr. Vasco dos Reis Gonçalves

Dr. Luiz Ramos de Oliveira Couto

Dr. Agnelo Arlington Fleury Curado

Prof. Joaquim Carvalho Ferreira

Dr. Vasco de Souza

Dr. Gustavo Gonzaga

Prof. Alfredo de Faria Castro

Prof. Zoroastro Artiaga

Historiador Jarbas Jaime

Jornalista José Lobo

Esta revista foi confeccionada nas oficinas da *Gráfica do Livro Goiano* Ltda. (Rua 82 nº 456, Setor Sul, fone 2-2906) para o Instituto Histórico e Geográfico de Goiás, acabando-se de imprimir em novembro de 1972.

**ORIENTE**